

ANTONIETTE CAMARGO DE OLIVEIRA

**Despontar, (Des)fazer-se, (Re)viver...
a (des)continuidade das organizações anarquistas na
Primeira República**

Universidade Federal de Uberlândia

2001

ANTONIETTE CAMARGO DE OLIVEIRA

**Despontar, (Des)fazer-se, (Re)viver...
a (des)continuidade das organizações anarquistas na
Primeira República**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Professora Christina da Silva Roquette Lopreato

Universidade Federal de Uberlândia

2001

RESUMO

Numa primeira etapa, de suma importância, voltei-me para a análise da produção historiográfica sobre os movimentos urbanos, não só os anarquistas, mas os operários no geral, durante a Primeira República. Da mesma maneira, a análise dos modos de vida e sociabilidade operários e/ou das classes populares e excluídos no Brasil. O mérito de tal exame foi, sem dúvida, o de ter facilitado a compreensão das subseqüentes leituras e fontes pesquisadas, possibilitando a identificação de algumas representações “negativas” levantadas por certos autores com relação à temática que elegi. Tentar perceber a concepção dos diferentes autores, sobre, principalmente, a formação, composição, idéias e práticas das organizações libertárias, buscando compreendê-las, mais sistematicamente e sem pré-conceitos, em seu próprio movimento. Diversos trabalhos estabelecem uma correspondência entre a descontinuidade do movimento operário anarquista e sua fraqueza, sem buscar uma explicação mais sistemática, objetivo a que me propus.

Numa segunda etapa, tentei ilustrar o movimento anarquista tonalizado pela Ação Direta, princípio para eles primordial. Posteriormente, vim explicitar as várias expressões do que chamo aqui de uma Cultura Política Libertária. Tais expressões seriam, na prática: a Greve Geral, as Greves Parciais, a Manifestação Pública, o Boicote, as Sabotagem, o Labéu.

Por último, o despontar, o desfazer-se e o reviver contínuos dos grupos e organizações anarquistas. Assim, a mobilidade dos participantes dos diversos grupos e periódicos correspondentes; o inter-relacionamento associativo de tais grupos; a percepção de sua dissolução enquanto um fenômeno apenas provisório, ativo ou passivo (ou seja, enquanto vítima de repressão); suas mutações, perceptíveis, inclusive, pela alteração de sua nomenclatura ao longo do tempo; seus fundamentos, estatutos ou bases de acordo, notadamente semelhantes entre si; e outras possíveis causas sinalizadoras da sua suspensão temporária. A análise de cada uma destas partes do todo, busca contribuir no caminho, já aberto por outros autores, para o rompimento com uma imagem negativa que ainda hoje se faz sobre o anarquismo.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa que resultou neste trabalho não teria sido possível sem a colaboração de várias pessoas e instituições, às quais eu gostaria de registrar meus agradecimentos.

Inicialmente à professora Christina Roquette Lopreato, pela benevolência, paciência e orientação segura, exemplo de seriedade, dedicação, solidariedade e amparo, cujos conhecimentos transmitidos extrapolam em muito os limites deste trabalho. À professora Jacy Alves de Seixas, pelo estímulo, incentivo, sugestões e colaboração significativa enquanto banca de qualificação e, em especial, por ter traduzido a mim pessoalmente parte de seu livro. A ambas por me contagiarem com seu espírito anarquista.

Ao professor João Marcos Alem, pela sensibilidade perspicaz com que apontou uma outra perspectiva para o meu trabalho. Aos professores, colegas e funcionários do Instituto de História e do Programa de Mestrado em História da UFU, e aos companheiros do NEPHISPO, que efetivamente participaram no meu aprendizado e são, em grande parte, responsáveis pela minha formação teórica e prática, acadêmica e humana.

Aos amigos de sempre Luziano, Antunes, Sandra Dantas, Antônio Luiz, Fábio, Raquel, Tânia, Carlos Henrique e Luciana, que socializaram comigo as angústias e as dificuldades nos momentos difíceis.

À coordenadora do Programa de Mestrado em História da UFU, Maria Clara Tomaz Machado, pelo seu empenho em nos assegurar a melhor estrutura possível durante o período da pesquisa. À Maria Helena, pela paciência em resolver os problemas burocráticos de forma prestativa, sem reclamar ou perder o controle.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Minas Gerais), que me concedeu 1 ano de bolsa (de março/2000 a março/2001), sem a qual as dificuldades no desenrolar da pesquisa teriam sido muito maiores.

Agradeço também a todos do Centro de Cultura Social em São Paulo e aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da UNICAMP, em especial Ema, Emerson e Mário. Especialmente a Francisco Cuberos do Centro de Cultura Social, pela presteza em nos atender em São Paulo.

Aos meus pais, sem os quais não teria conseguido caminhar tão longe. À Zilda e Dona Dita pela ajuda nos trabalhos de casa.

Ao Marcos, pelo incentivo contínuo.

DEDICATÓRIA

Ao Matheus...
Luz da minha vida

BANCA EXAMINADORA

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em ____/____/2001.

Dr^a. Christina S. Roquette Lopreato (Orientadora)

Dr^a. Jacy Alves de Seixas

Dr^a. Marisa Varanda T. Carpintero

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I - Organizações Anarquistas.....	20
O movimento anarquista tonalizado pela Ação Direta.....	28
Expressões de uma Cultura Política Libertária.....	38
Capítulo II - Despontar, (De)sfazer-se, (Re)viver.....	48
Mobilidade dos militantes.....	50
Inter-relacionamento associativo	52
Bases de Acordo/Estatutos	59
Considerações sobre o (des)fazer-se dos Grupos.....	64
Micro Históricos dos Grupos.....	76
Trajectoria dos Grupos e seus Periódicos.....	114
Mobilidade dos Participantes dos Grupos.....	118
Considerações Finais.....	130
Fontes Consultadas	133
Referências Bibliográficas.....	137
Anexo 1.....	ii
Anexo 2.....	iv
Anexo 3.....	xxix

INTRODUÇÃO

“O anarquista(...) deve, enfim, viver melhor e mais perfeito de dia para dia; independente, despido de qualquer superstição, religiosa ou política(...)”¹

Os vários estudos sobre a classe trabalhadora brasileira, que abarcam o período da Primeira República, tendem a se limitar aos segmentos ditos “organizados”, sobretudo em ligas de resistência ou sindicatos². O objetivo deste trabalho, no entanto, é tratar mais da forma como alguns grupos anarquistas³ se organizaram entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. As organizações anarquistas, mesmo registradas como instituições legais, muitas vezes não eram assim consideradas, ou seja, algumas instâncias tais como o Estado e o patronato teimavam em não aceitar seu funcionamento. Apesar da desconfiança, da vigilância e da repressão⁴ de determinados setores em relação, não só aos grupos anarquistas, mas a qualquer outro tipo de organização política de esquerda no período, deve-se reconhecer que eles teimavam em funcionar, ainda que numa espécie de “clandestinidade forçada”.

Sendo assim, tornou-se indispensável fazer um levantamento, ainda que parcial, a respeito das formas como o anarquismo veio sendo tratado na historiografia brasileira. Neste sentido, a primeira parte do trabalho está voltada

¹ FRANZINI, Genaro. *Ser Anarchista. Na Barricada*. Rio de Janeiro. 2 set. 1915. Ano I, n.13, p.3.

² Além destes, há Ligas, Associações, Sociedades, Uniões, Centros, Grupos, Sindicatos, Federações, Confederações, entre outros.

³ O termo ou a palavra anarquia, segundo vários autores, entre eles Kropotkin, tem sua origem no grego antigo: *an* (sem) e *arkhê* (autoridade, governo). Ou seja, trata-se de um princípio ou uma filosofia de vida que acredita na autodeterminação do indivíduo; doutrina que concebe uma sociedade sem um domínio político, econômico, social, cultural, moral e religioso autoritário, em que se obtém a harmonia por acordos livres entre os diversos grupos territoriais e profissionais, livremente constituídos, em que cada um deve agir de maneira direta, realizar-se e ter uma vida digna. Acrescenta-se a isto que o anarquista, conforme Daniel Guérin, a partir das últimas décadas do século XIX, era, antes de tudo um socialista, que visava abolir a exploração do homem pelo homem, a partir da socialização dos meios de produção; lembrando que nem todo socialista é, necessariamente, um anarquista.

⁴ Devido as lutas sociais travadas na Primeira República ante a opressão do capitalismo nascente, o pensamento e a prática anarquistas manifestaram-se enquanto centros de cultura social, escolas modernas ou racionalistas, grupos de propaganda e de teatro social, ligas operárias de bairros, grupos editores de obras de cunho revolucionário e a imprensa operária. Tais organizações passaram a sofrer, naturalmente, repressões seja através de empastelamento de jornais, fechamento de sindicatos e associações e prisões e expulsões dos militantes mais combativos.

para a análise da produção historiográfica sobre os movimentos urbanos (não só os libertários) e também sobre os modos de vida e sociabilidade operários e/ou das classes populares, enfim, de subalternos, de excluídos no Brasil. Tal trajetória veio, sem dúvida, facilitar uma melhor compreensão das leituras e fontes pesquisadas. Esta primeira etapa foi de suma importância, pois possibilitou a identificação de algumas representações problemáticas levantadas por certos autores com relação à temática que elegi.

Minha primeira tentativa foi perceber a concepção dos diferentes autores, sobre, principalmente, a formação e composição, idéias e práticas das organizações anarquistas, de uma maneira geral, buscando compreender, mais sistematicamente, seu movimento em pelo menos alguns grupos que primavam por ser uma organização libertária. Assim, espero estar colaborando no sentido de provocar um repensar sobre determinadas interpretações e teorias explicativas, muitas delas já cristalizadas entre nós.

As informações obtidas através dos diversos trabalhos sobre formas de organização nos grupos anarquistas, que se deram principalmente no seio da classe trabalhadora, foram revelando, desde o início, a ocorrência de certas mutações, perceptíveis, inclusive, pela alteração da nomenclatura de alguns destes grupos ao longo de sua existência como, por exemplo, Grupos ou Ligas que se associavam e/ou se diluíam, dando origem ou passando a se denominar Associações ou Uniões. Isto ocorreu em períodos determinados, em que se nota a existência de ações ou manifestações de descontentamento ou reivindicação. Da mesma forma, é possível caracterizar certas manifestações por terem tido participação popular expressiva devido às ações dos militantes anarquistas, que conseguiam, com eficácia, chamar a atenção das pessoas para próprios seus problemas; destacando-se os "organizadores" ou militantes mais ativos, constantemente mobilizados. Minha perspectiva é, portanto, estar (re)construindo estes (des)caminhos por que passou o movimento dos trabalhadores anarquistas no Brasil, através dos seus Grupos.

No entanto, a questão da (des)continuidade dos grupos anarquistas, ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa, é, de certa forma, uma premissa negativista que se atribuiu ao anarquismo, a qual fui tentando (des)construir ao longo do texto. Ou seja, tal atribuição, de caráter negativo, sugere que as organizações anarquistas (bem como o anarquismo em si) foram e continuam sendo utópicas, débeis, fracas, justamente pelo fato de não terem portado uma determinada continuidade. E vice-versa, o fato de não terem tido continuidade explica e reforça a imagem de que eram fracas. Tal enfoque é marcante na historiografia e não é objeto de contestação. “Não durava! Como é que podia fazer alguma coisa?” A idéia que se tem é que no Brasil era (e ainda é?) assim, diferentemente do que acontecia em outros países como a França e a Argentina, por exemplo. Estes tinham Centrais (CGT, na França) ou Federações (FLA - Federação Libertária na Argentina) cuja organização era contínua, muitas vezes com características sindicais e por isto mesmo fortes, daí portadores de respaldo e maior credibilidade perante a população.

Esta pesquisa partiu de uma hipótese levantada por Seixas (1992), durante o desenvolvimento da sua tese de doutorado, qual seja, de que a descontinuidade organizacional existe sim, mas nem por isso desacredita as realizações do movimento anarquista e operário. Ou seja, apesar de descontínuo, tal movimento trouxe consigo muitos outros modos organizativos, indicativos de força; não a força que se queria encontrar neles, mas a que eles tinham, podiam e queriam oferecer. Segundo ela, a associação entre descontinuidade e fraqueza apontada por alguns autores é preconceituosa. Além disso, não lançam mão de uma sistematização de fatos que sirvam de argumento para tais pressupostos. Assim, acredito ser importante retomar estas questões a partir de uma pesquisa empírica e teórica para repensar certas representações dominantes na historiografia operária brasileira com relação às organizações anarquistas na Primeira República.

Há determinadas observações e informações referentes às organizações de alguns grupos libertários, basicamente os sediados na cidade de São Paulo, as

quais procurei explicitar como exemplares dos modos de agir e de formas organizacionais de boa parte dos trabalhadores no período tratado. Assim, tentei perceber, através de um recorte *micro*, elaborado sobre os grupos, as formas de organização anarquistas enquanto práticas ou princípios de uma Cultura Política. Neste caso, uma Cultura Política Libertária, “utópica”, mas que partiu genuinamente dos trabalhadores. Trata-se de uma cultura própria destes que não tinham por objetivo alcançar melhorias apenas econômicas. Os trabalhadores também queriam ter autonomia, independência, participação, mas não pelos mesmos meios da classe dominante. Seus ideais e maneiras de agir eram singulares.

Quanto à trajetória da formação e, ao mesmo tempo, aparição da classe trabalhadora no Brasil, bem como de seu movimento, principalmente na Primeira República, é importante compreender o momento histórico em que ela se insere. O Brasil acabava de ter seus escravos libertos (1888) e, logo em seguida (1891), todos os indivíduos (homens, maiores de idade e alfabetizados) tornavam-se formalmente cidadãos, de acordo com a Primeira Constituição da República, calcada no liberalismo francês e norte-americano. O problema é que os direitos civis, então adquiridos, encobriam as desigualdades sociais entre os que vendiam e os que compravam a força de trabalho, e as bandeiras republicanas (de igualdade, democracia, liberdade, participação) acabaram frustradas. Ou seja, a “cidadania” só era exercida por uma minoria de eleitores e, ainda assim, sob constantes pressões políticas, entre outras, a do favor e a do clientelismo.

Na verdade, a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre não foi tão simples assim. Já na década de 1850, certos fazendeiros faziam experiências com mão-de-obra livre⁵. É que o tráfico, ou a chegada dos escravos no Brasil como mercadoria, foi abolido em 1850, ou seja, o mercado de escravos só

⁵ Um exemplo de experiência com mão-de-obra-livre por alguns fazendeiros antes da abolição da escravatura foi a utilização de mão-de-obra de imigrantes suíços da Fazenda de Ibicaba - SP, de propriedade do Senador Vergueiro, palco da sublevação de colonos contra seus opressores em dezembro de 1856. Sobre tal fato ver: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. Tradução, prefácio e notas Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1980, 299 p.

funcionava internamente. Daí haver, então, poucos escravos. A escravidão estava condenada, portanto, muito tempo antes de ter sido abolida, fato este percebido por alguns fazendeiros. Desta forma, segundo Hall, experiências imigrantistas não se deram somente após a abolição da escravatura. A abolição, pode-se afirmar que foi provocada pela imigração. Sendo assim, ela (a abolição) tornava-se inevitável na década de 1880. “(...) *os fazendeiros paulistas(...) conseguiram impor sua solução para o problema da mão-de-obra.(...) Após 1884, ao invés de coagir os trabalhadores diretamente, o Estado procurou atingir o mesmo objetivo, mão-de-obra barata e disciplinada para as fazendas, inundando o mercado de trabalho com imigrantes subvencionados.*”⁶

Nesse sentido, o número de escravos, antes mesmo da abolição da escravatura, já devia mesmo ser menor que o número de imigrantes⁷, que já se encontravam aqui. O fato é que passou-se a importar mão-de-obra livre em grande quantidade, não apenas para substituir a escrava, mas também como forma de barateá-la. Em outras palavras, “*O programa de imigração permitiu aos fazendeiros paulistas não somente abolir a escravidão sem muitos incômodos, como também criar as condições para sustentar a expansão da produção cafeeira – o que foi favorecido, inicialmente, pelos altos preços do café.(...)*”⁸

A idéia da escassez de mão-de-obra no setor agrícola foi utilizada pelos fazendeiros como justificativa para a importação de mão-de-obra. O que havia não era falta de trabalhadores, mas sim “*falta de trabalhadores dispostos a trabalharem por baixos salários(...)*”⁹. Mas, como se sabe, os problemas encontrados pelos imigrantes no Brasil não foram somente de ordem salarial.

Apesar do Brasil já ter vivenciado experiências de lutas sociais, foi a partir da substituição da mão-de-obra escrava pela livre imigrante, em estados como São

⁶ HALL. Michael M. *Trabalhadores Imigrantes. Trabalhadores*, Campinas, n. 3, p.3, s/d.

⁷ Conforme Hall, em 1887 havia nas fazendas de São Paulo, entre 60.000 e 70.000 imigrantes, número este que já excedia o dos escravos, estimado em 50.000, no mesmo período.

⁸ HALL. M. Op. Cit., p.05.

⁹ Ibid, p.08.

Paulo, por exemplo, que começaram a circular idéias de transformação social, concomitantemente à própria formação e aparecimento de uma classe operária. Dentre tais idéias, o anarquismo predominou e teve maior aceitação entre aqueles trabalhadores que escolheram atuar de forma a resistir e a combater os poderes então constituídos, de maneira persistente e diferente do que se esperava deles. Lembrando que, num primeiro momento, pode ter havido outras formas de protesto contra sua situação, como por exemplo, o descompromisso inicial do imigrante em relação ao Brasil, que também pode ter sido uma opção de resistência. A recusa à exigência de naturalização dos estrangeiros, cujo interesse eleitoreiro partia das classes governantes, pode ser vista, também, como uma forma de protesto.

A precária situação dos colonos nas fazendas foi, inúmeras vezes, motivo de denúncia nos periódicos operários¹⁰, nos relatórios enviados ao consulado italiano (já que a maioria dos colonos em terras paulistas era, então, de origem italiana), em boletins e outras publicações¹¹. Os fazendeiros não mediam esforços para conseguir seu lucro e, assim, acabavam, de uma forma ou de outra, se

¹⁰ G. B. C. R. *Console che fa il sue comodo. Da Ribeirão Preto riceviamo la seguente lettera: Avanti*. São Paulo, 25-26 mai. 1901.

NANE. *La Storia di un Colono. Avanti*. São Paulo, 1-2 jun. 1901.

In Fazenda – La Famiglia. Avanti. São Paulo. 22-23 jun. 1901.

Lavoratori, Non Ventre Al Brasile! La Battaglia. São Paulo. 4 mar. 1906, n° 70.

L'agitazione Operaia nell'interno e in S. Paulo. La Battaglia. São Paulo. 26 mai. 1912, n° 355.

Acratibis. *Per I Martiri Delle Fazendas. La Barricata*, São Paulo, 4 jan. 1913, n° 382.

Revolta dos Colonos em Ribeirão Preto. Germinal. São Paulo. Ed. Especial 1° mai. 1913, p. 4.

Greve de Colonos. Em Ribeirão Preto, a revolta vai tomando maiores proporções. Germinal. São Paulo. 10 mai. 1913, n.7, ano I, p.1.

Acratibis. *La Sconfitta dei Coloni. Germinal*. São Paulo. 17 mai. 1913n.397, p.1.

Uno Che S.A. *Dopo la sconfitta... della giustizia. La Barricata*. São Paulo. 24 mai. 1913, n.398, p.1.

SCALA. Giovanni. *La Fazenda. Avanti*. São Paulo. 27 mar. 1915, 2ª série, n° 14.

¹¹ Exemplos de denúncias também podem ser encontrados em:

HALL. Michael M. *Trabalhadores Imigrantes. Trabalhadores*, Campinas, n. 3, p.36-39, s/d. Onde estão reproduzidos alguns trechos de um livreto intitulado *Contra a Imigração*, editado pelo periódico *La Battaglia* PINHEIRO, P. S. e HALL, Michael M. *Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado A Classe Operária no Brasil*, Volume II, São Paulo: Brasiliense, Coleção Documentos, 1981, páginas 19, 21, 39 e 105. Conforme os seguintes documentos reproduzidos na obra:

Mario Zanotti Bianco, *Il distreto del R. V. Consolato d'Italia in Ribeirão Preto, Bolettino del Ministero degli Affari Esteri*, n°8, 1915, pp.43-48;

L. Rozwadowsky, *San Paolo*, in **Emigrazione e colonie: raccolta di rapporti dei rr. Agenti diplomatici e consolari**, Roma, 1893, pp. 166-168;

A Lavoura e o Projeto n°7, Diário de Pernambuco, 23 abr. 1893;

Agricultura – A Lavoura e o Projeto n°7, Diário de Pernambuco, 19 maio, 1893;

Adolfo Rossi, *Condizioni dei coloni italiani nello Stato di San Paolo, Bolettino dell'Emigrazione*, n°7, 1902, pp.78-85;

apropriando, arbitrariamente, do excedente produzido pelos colonos, considerados então como meros “instrumentos de trabalho”. Além dos vários mecanismos “legais” de que o fazendeiro dispunha para lesar economicamente os trabalhadores do campo, muitos deles se utilizavam também da violência física¹². É claro que em situações como estas, muitos eram os colonos que, insatisfeitos e desiludidos, desistiam do trabalho nas fazendas, “conseguindo”¹³ ou voltar para seus países de origem (no caso dos imigrantes) ou ir em direção a outros locais, sendo que um número considerável acabou indo para a cidade de São Paulo¹⁴.

A partir de 1893, as constantes crises da cultura cafeeira acabaram provocando o êxodo do campo para a cidade, pois muitos fazendeiros deixavam de cumprir seus compromissos com os colonos. Além disso, passaram a aplicar multas e a maltratá-los mais freqüentemente. Da mesma forma, a dificuldade dos colonos em adquirir uma propriedade¹⁵, principal sonho dos imigrantes e que os impulsionou a tomarem a importante decisão de vir “fazer a América”, também contribuiu para que optassem por tomar a direção das cidades. Tal “impossibilidade” de acesso à propriedade, “já estava traçada na política imigratória desde a Lei de Terras, de 1850. O próprio Campos Salles (presidente da República do Brasil, em 1896) afirmava que fazer imigrantes proprietários do solo do Estado não convinha”¹⁶ Ou seja, a obtenção da propriedade da terra pelos imigrantes não era incentivada, muito pelo contrário. Estes foram, portanto, os

¹² Por qualquer motivo fútil, os fazendeiros aplicavam multas e maus tratos, controlavam a liberdade individual e o direito de ir e vir, não efetuavam o pagamento dos salários, proibiam as culturas de subsistência, sendo que tais práticas começaram a ser mais freqüentes com a primeira crise do café, em 1893.

¹³ Na verdade, segundo Hall, deixar colonos insatisfeitos partirem era uma estratégia do sistema paulista de imigração, pois acabava por reduzir os problemas com a repressão. Da mesma maneira, a alta rotatividade nas fazendas dificultava os laços de solidariedade e cooperação, bem como a conseqüente força coletiva de autodefesa que poderia haver entre os colonos. Desta forma, como sempre havia novos imigrantes à disposição, os trabalhadores não tinham como barganhar melhores condições e salários, pois os empregadores não só ameaçavam como demitiam estrategicamente.

¹⁴ HALL, Michael M. *Trabalhadores Imigrantes. Trabalhadores*, Campinas, n. 3, p.11, s/d.

¹⁵ Tornar-se um proprietário era difícil no sentido de que poucos imigrantes chegavam ao Brasil com uma certa quantia em dinheiro para ser investida aqui; e para os que não tinham posses, poupar o suficiente para a compra de uma propriedade, só acontecia em circunstâncias bastante especiais, como, por exemplo, quando havia grande número de trabalhadores capacitados em uma mesma família.

¹⁶ **Imigração Italiana**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, Hospedaria dos Imigrantes e outros, 1995, p. 33. Edição especial. E/ou HALL, Michael M. *Trabalhadores Imigrantes. Trabalhadores*, Campinas, n. 3, p.7, s/d.

principais motivos que levaram ao êxodo dos imigrantes e dos trabalhadores, de uma forma geral, para os centros urbanos.

Além do êxodo rural, as formas de resistência por parte dos colonos contra a situação em que se encontravam eram das mais variadas¹⁷ e, algumas vezes, por outros motivos envolvendo abuso de poder, defesa de honra, e outros. Resultavam, inclusive, em assassinato dos patrões fazendeiros. Mas, as mobilizações e as revoltas¹⁸ dos trabalhadores rurais foram proibidas, sufocadas e repreendidas desde as primeiras experiências com trabalhadores estrangeiros.

A emigração subsidiada, principalmente da Itália para a região de São Paulo, foi interrompida no ano de 1902, devido as denúncias sobre a precária situação dos imigrantes em terras brasileiras. Neste mesmo ano, a emigração para o Brasil foi proibida pelo governo italiano¹⁹. Esta proibição foi burlada de várias maneiras, mesmo assim o número de italianos importados para trabalhar nas fazendas diminuiu substancialmente desde então. Sendo a busca por mão-de-obra barata em outros países (Portugal, Espanha, Japão) concomitante²⁰ à busca pela italiana, logo em seguida (por volta de 1910), foi então o governo espanhol que seguiu o exemplo do italiano, proibindo a emigração de trabalhadores para o

¹⁷ Fugas de madrugada, greves, conflitos, rebeliões.

¹⁸ O movimento ocorrido na Fazenda de Ibicaba, pertencente ao Senador Vergueiro, em 1857, foi um exemplo. Além deste, uma greve que ocorreu em 1901 na fazenda Casa Branca, cujos colonos exigiam “ser tratados como homens” (*Avanti*, 22-23 jun. 1901, n.36). Em 1912, uma greve em Ribeirão Preto, na fazenda Iracena, de propriedade de Francisco Schmidt foi considerada a primeira a ter bons resultados. Em 1913, quando os colonos das fazendas Schmidt, Quinzinho da Cunha, Cia. Agrícola Dumont e Macaúbas, ambas de Ribeirão Preto também entram de greve, reivindicando o aumento do pagamento por saco de 100 litros de café colhido, para que pudessem se defender da carestia. Igualmente, em 1913 rebelam-se os trabalhadores de uma fazenda do município de Cravinhos. (*Germinal*, 1 mai. 1913, 10 mai. 1913, 17 mai. 1913 e 24 mai. 1913). E outros. Ver:

BEIGUELMAN, Paula. *O movimento operário ante a grande lavoura no período imigrantista*. In: PRADO, Antonio Arnoni. (org.). *Libertários no Brasil – memória, lutas, cultura* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.98-106.

¹⁹ Conforme a Revista **Imigração Italiana**, o *Decreto Prinetti*, criado pelo *Commisariato Del’Imigrazione* em 26 de março de 1902, suspendeu a imigração subsidiada para o Brasil. Na mesma época, denúncias sobre as precárias condições de vida dos imigrantes nas fazendas chegaram aos ouvidos do governo daquele país.

²⁰ Segundo estudos feitos por Maram, a vinda subsidiada de trabalhadores estrangeiros de várias origens, além da italiana, pode ser comprovada por pesquisa feita pela Secretaria de Trabalho do Estado de São Paulo. Segundo tal pesquisa, na indústria têxtil, havia, em 23 fábricas, 10.204 operários, dos quais 7.499 eram estrangeiros, sendo os italianos em número de 6.044, os portugueses 824, os espanhóis 338, e os demais de outras nacionalidades. Conforme: MARAM, Leslie Sheldon. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Brasileiro (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1979, pp.13-27.

Brasil²¹. Segue um trecho de artigo publicado no jornal anarquista *A Terra Livre*, em 1905, que confirma a entrada de imigrantes de outras origens no Brasil.

“A cidade está cheia de immigrantes, vindos agora principalmente da Espanha. Destinam-se àquele paraíso das fazendas... E não há perigo que fujam da Hospedaria dos Imigrantes, porque a crise de trabalho é grande na cidade e não se encontra emprego nem para um cão. Um dos meios propostos por altas personalidades para resolver a crise do café é a diminuição do preço (!) da m.d.o., importando da Europa gado humano em abundância, que pela concorrência faça baixar os salários!

Os italianos da Baixa Itália serviram bem, obedientes, sobrios, sofredores, laboriosos... Os russos e os gregos não satisfazem: eram difíceis de contentar. Agora vêm sobretudo espanhóis, e esperam-se japoneses.

Pobre gente! Passeiam por aí, com o ar estranho, assustados. Curvados, assustados... Tiveram de abandonar o meio onde foram criados, partiram com um destino incerto, inquietos, abandonados, desprovidos de tudo. (...).”²²

Se, num primeiro momento, era a agricultura que apelava para os trabalhadores estrangeiros, num segundo momento, quando os próprios fazendeiros começaram a querer diversificar seus investimentos fora do espaço rural, ocorre que o trabalhador imigrante também estava em processo de deslocamento para os centros urbanos. Deve ficar claro, porém, que foi a insatisfação com as condições de trabalho no campo que fez com que muitos colonos buscassem e experimentassem uma nova oportunidade nas cidades²³. Este deslocamento acabou por intensificar a procura e o consumo por bens produzidos fora do espaço agrícola gerando, conseqüentemente, a necessidade de se constituir um mercado interno. Assim, o impulso de urbanização foi, também, um dos motivos que levou à expansão do setor de serviços, devido o “*aumento das atividades ligadas à exportação, tais como transporte, armazenamento, comercialização, embarque e desembarque (...)*”²⁴

²¹ HALL, Michael M. Op. Cit., p.08.

²² *Girando pela Cidade – Imigrantes. A Terra Livre*. São Paulo. 6 dez. 1905, ano I, n.1, pp.3-4.

²³ Deve ser esclarecido que nem todos os que vieram para o trabalho no campo eram agricultores, e nem estavam dispostos a permanecer ali por muito tempo. Outros imigrantes, por sua vez, se estabeleceram diretamente nas cidades, principalmente os que já tinham alguma profissão urbana nos seus países de origem. Assim, a indústria paulista absorveu a mão-de-obra de mecânicos, artífices, funileiros, sapateiros, fundidores, pedreiros, entre outros.

²⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Política e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 72.

Neste processo de mudança do rural para o urbano, os trabalhadores continuaram recebendo um salário de subsistência, passaram a morar em cortiços, não havia leis sociais favoráveis aos mesmos e, ainda, estavam sujeitos às crises periódicas de desemprego. Desta forma, fica claro que uma das características das primeiras décadas do século XX foi o mercado de trabalho sempre saturado, devido à imigração subsidiada. A saída encontrada pelo governo sob a pressão dos patrões diante dos movimentos iniciados pelos trabalhadores na cidade foi a repressão. E foi, nesta época, que os trabalhadores passaram a despertar para sua situação e a se organizarem para conseguir não só melhores condições de sobrevivência mas, também, uma inserção social, política e cultural, da qual estavam excluídos. A classe operária no Brasil, portanto, não nasceu pronta, ela se fez²⁵.

É claro que, para além do enfoque econômico, as transformações que acabaram gerando uma vida urbana, foram um indicativo de uma mudança de mentalidade das pessoas. A verdade é que muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo: crescia rapidamente a produção cafeeira, intensificava-se a imigração, abolia-se a escravidão, a monarquia entrava em decadência, proclamava-se a república, a industrialização tinha início, assim como a formação dos grandes centros urbanos. Ou seja, a urbanidade, a civilidade, a cultura urbana, da mesma forma a possibilidade de trabalho regular e remunerado, o acesso ao dinheiro e às mercadorias de forma constante, também foram fatores de atração para os grandes centros e que impulsionaram a vontade de mudanças. A sociedade, antes escravista e rural, passaria a experimentar um estilo de vida bem distinto daquele que havia vivido até então. Contraditórios e difusos emergiam, nos espaços urbanos nascentes, outros elementos tais como: “*a velocidade; a*

²⁵ Como Thompson nos esclarece: “*En realidad, lucha de clases es un concepto previo así como mucho más universal. Para expresarlo claramente: Las clases no existen como entidades separadas, que miran en derredor, encuentran una clase enemiga y empiezan luego a luchar. Por el contrario, las gentes se encuentran en una sociedad estructurada en modos determinados (crucialmente, pero no exclusivamente, en relaciones de producción), experimentan la exploración (...), identifican puntos de interés antagónico, comienzan a luchar por estas cuestiones e en el proceso de lucha se descubren como clase. La clase y la consciencia de clase son siempre las últimas, no las primeras, fases del proceso real histórico.*” Ver: THOMPSON, E. P. **Tradición, Rivuelta y Consciencia de Clase**. Barcelona: Zamora, 1979, p. 37.

*boemia; as luzes das ruas, casas noturnas, lojas e bondes; os grandes centros de compra; o cinema, o rádio e o disco; as novas formas de arte; as multidões; a busca de cidadania e da participação política pelas vias formais ou informais.”*²⁶

E essa urbanidade e civilidade no Brasil nos remete justamente ao anarquismo. Mas, por que? Porque isso tudo indica um desejo de autonomia das pessoas, delas mesmas buscando realizar seus sonhos, suas vontades, seus ideais de vida, sem representantes, fazendo as coisas por si próprias. Trata-se justamente do desejo de experimentar uma Cultura Política diversa, Libertária. Nesse imaginário das pessoas com relação às cidades havia, então, um desejo justamente de ser um burguês às avessas: nas festas, no cinema, na música, no teatro, no namoro. Elas tinham expectativas, tinham sonhos, assim como qualquer ser humano, ou seja, elas não estavam preocupados simplesmente com sua sobrevivência. Sonhavam com uma qualidade de vida melhor, que extrapolava a simples vontade de consumir, de possuir e de se alimentar.

Não demorou muito, no entanto, para que os trabalhadores percebessem sua real situação na virada do século XX. A classe operária começava a se formar e a se fazer presente no cenário político-social. Neste sentido, acredito que não tenha sido somente o período histórico o motivador das várias ações coletivas. O mais provável, talvez, seria dizer que os indivíduos, na sua forma coletiva, principalmente, passaram a conduzir eles mesmos a sua história. E esse primeiro aparecer da classe operária no Brasil já tinha uma cara anarquista, ou seja, o movimento operário e o movimento anarquista, diversos, diferentes entre si, caminham juntos no caso do Brasil. A formação da classe operária brasileira se deu sob a égide da Cultura Anarquista. Quando em fins do século XIX, grandes massas operárias se concentram nas grandes cidades, nesse mesmo momento os primeiros grupos anarquistas e socialistas começam a aparecer. O movimento

²⁶ MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1994, pp.6-7.

operário vai então se formando, crescendo junto com as organizações socialistas e anarquistas.

A relação do movimento operário brasileiro com o anarquismo e com a questão da imigração é sobre-determinada. Tratou-se de um movimento típico do pequeno comerciante, do artesão, do prestador de pequenos serviços e outros. Enfim, resultado “esperado” de trabalhadores que passaram pela escravidão, pela emigração e, por fim, pelo êxodo rural. Deve ficar claro que se tratava de uma classe operária em construção ou em vias de, juntamente com o processo de industrialização e urbanização, se consolidar. Tal processo ainda era muito incipiente. Não havia, ainda, um operário típico da indústria, como se imagina.

Após estas considerações, gostaria de apontar alguns aspectos que nortearam este trabalho. Trata-se do que veio me chamando a atenção no desenvolvimento da pesquisa empírica e teórica com relação à “(des)continuidade” das organizações anarquistas na Primeira República. Neste exercício, passei a perceber que, não necessariamente, uma organização se (des)fazia por uma escolha consciente ou como estratégia de luta. Muitas vezes, isso acontecia devido à repressão. Deve-se admitir que, algumas organizações, em determinados momentos, “agonizavam” temporariamente por falta de participação, por falta de ação e/ou cooperação dos seus participantes e mesmo simpatizantes. Assim como estes fatores que, no caso, poderiam concorrer para pôr fim a determinado grupo, também observa-se outros elementos que possibilitam concluir que esse mesmo Grupo, quando ressurgia, mantinha certas características. Sinal, portanto, de uma continuidade mesmo que arrevesada.

Alguns autores já vêm tratando de forma mais direta esta questão das (des)continuidades no movimento anarquista. Hardman, por exemplo, aponta para esta questão como uma espécie de desintegração e fragmentação das organizações, mas como aspectos de um processo de transição de Associações para Ligas e depois para Sindicatos. Ou seja, a sobrevivência ou a dissolução de

organizações com uma ou outra característica (mutuais ou de resistência), dependia de diversos fatores, tais como: a localidade geográfica, os períodos de maior efervescência, e outros²⁷. Portanto, ele trata esta problemática a partir dos seus aspectos externos e ainda considerando vários tipos de organizações, que poderiam se modificar caracteristicamente, dependendo dos objetivos que seus componentes queriam alcançar. Seixas sublinha que não houve uma linearidade nesse processo, ou seja, associações de resistência eram constituídas a partir de uma multiplicidade de outros projetos, muitas vezes antagônicos²⁸. As antigas associações mutuais não foram substituídas completamente pelos sindicatos de resistência. O processo de formação da consciência operária se dava em várias direções.

O que me propus fazer foi tratar inclusive dos aspectos internos que levavam a estas mudanças e à (des)continuidade, possivelmente inerente a este processo, envolvendo especificamente práticas e formas de se organizar dos Grupos Anarquistas. Um trecho do periódico *A Terra Livre* aponta para as formas de pensamento anarquistas sindicalistas a respeito das organizações que não tinham caráter de resistência:

“Qualquer que seja o valor atribuído ao mutualismo e ao cooperativismo, o ponto principal é que não venham embarçar e sufocar a resistência. (...) O que sobretudo combatemos é o ‘sindicato de bases múltiplas’ onde a resistência é (...) abafada por instituições de caráter mutualista e cooperativo (...) De outro modo pode obter-se numa agremiação numerosa e duradoura – o que não quer dizer forte e ativa (grifo meu); mas essa organização é inadequada para a resistência.”²⁹

São os próprios libertários, neste caso anarquistas sindicalistas (de resistência), que nos apontam uma das características principais dos seus grupos.

²⁷ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria Nem Patrão – vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 31-32.

²⁸ SEIXAS, Jacy Alves de. **Mémoire et oubli: Anarchisme et Syndicalisme révolutionnaire au Brésil**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de L’Homme. 1992, cap. 4.

²⁹ *O fim essencial do sindicato – o sindicato de bases múltiplas*. **A Terra Livre**. São Paulo. 6 jan. 1907, n.24, p.1.

Trata-se da qualidade, dos seus objetivos e ações combativas para alcançá-los e não da quantidade de participantes nas organizações.

No geral, os militantes de orientação anarquista acreditavam que bastava a conscientização política do proletariado, via educação³⁰, para que, através do princípio da Ação Direta, chegassem à sublevação e, conseqüentemente, ao desmoronamento do capitalismo. Inclínados a isto, só se preocupariam com a reorganização da sociedade após a “Revolução Social”, quando então as pessoas se encontrariam livres de qualquer tipo de exploração. Quanto aos anarquistas comunistas, estes davam muita importância à liberdade coletiva dos pequenos grupos. Ou seja, prezavam os princípios de cooperação, de solidariedade e de ajuda mútua que, segundo eles, seriam a espora para que pudessem dar início à constituição de uma nova sociedade.

Quanto aos anarquistas sindicalistas, o princípio da Ação Direta perpassava não só pela educação, mas também pela organização do proletariado nos mais diversos tipos de associações operárias, meio de conscientizá-los dos seus direitos e força. Ali estariam “*experimentando, preparando e medindo forças*”³¹ para chegarem à Revolução expropriadora da burguesia através da greve geral. Posteriormente, a reorganização da sociedade teria como base o sindicato.

Conforme Sferra, os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas se identificam em alguns pontos e se diferenciam em outros. Se assemelham quanto aos princípios, mas se distinguem quanto às estratégias de ação para realizarem tais princípios. Além da educação, meio comum a ambos, os anarquistas sindicalistas também orientavam o operariado para que se constituíssem em ligas, associações, grupos e sindicatos, onde pudessem se familiarizar, experimentar

³⁰ A via educativa, além da formulação de diretrizes, fundação e manutenção de escolas racionais, centros de estudos, universidades populares, seria também a propaganda escrita e oral através de periódicos, livros, folhetos, boletins, palestras e comícios na tentativa de difundir as idéias libertárias de emancipação social. E fazer proliferar as diversas formas de agir que os trabalhadores podiam vir a utilizar: greves, boicote, sabotagem, labéu e outras, as quais serão melhor explicitadas no capítulo II.

³¹ SFERRA, Giuseppina. **Anarquismo e Anarcosindicalismo: orientações do movimento operário brasileiro – 1906-1907**. 1992. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/História). UNIMEP, Piracicaba, 1982, p.28.

outros meios de ação, enfim, se conhecerem enquanto força, unidos num só ideal, qual seja, a transformação da sociedade capitalista. Neste trabalho, procurei não priorizar os meios apenas de um ou de outro mas, em linhas gerais, o que acabou prevalecendo foram os métodos anarquistas sindicalistas, mesmo porque o tema base aqui tratado são exatamente as organizações libertárias. No capítulo I tais comparações e diferenciações serão novamente abordadas.

Voltando ao tema da (des)continuidade, este se amplia com trabalhos como o de Batalha que, mesmo não tratando nem do período nem do local que defini para minha pesquisa, nos indica pelo menos um caminho, a partir dos elementos que analisou. Sua preocupação é apontar determinadas práticas que caracterizam as associações, seja como mutualistas, seja como de resistência. Sendo que, segundo ele, uma não veio em substituição efetiva à outra. Ou seja, as mutualistas não desapareceram inteiramente para dar lugar às associações de resistência, e estas, por sua vez, acabavam adotando práticas assistenciais. Neste sentido, apontando quando tendiam mais para uma ou outra característica, o autor sugeriu alguns elementos de ruptura e/ou de continuidade, mas neste movimento das “mutualistas” em direção às de “resistência”, quais sejam: • como funcionavam desde as assembleias até as celebrações de um dia do trabalho ou dia do aniversário da própria associação; • a linguagem utilizada pelas associações e suas respectivas alterações; • o peso da religião no discurso e nas práticas coletivas e • fatores externos como, por exemplo, a proibição do funcionamento de tais associações³².

A respeito deste processo de “transição”, tanto Seixas quanto Hardman e Batalha concordam que ele não se deu de forma linear, em que um tipo de organização veio em substituição a outro:

“(...) O processo foi lento e bastante complexo. As sociedades mutualistas puras nunca desapareceram inteiramente. Por outro lado, algumas das velhas sociedades acabaram incorporando funções de resistência, do mesmo modo que

³² BATALHA, Cláudio H. M. *Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do Século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. In: **Cad. AEL**, Campinas, v. 6, n. 10/11, 1999, pp.43 a 66.

algumas das novas sociedades de resistência adotaram práticas assistenciais.(...)”³³

Acompanhar o desenvolvimento das organizações de tipo mutualista, por exemplo, até associações de resistência ou de característica mais combativa³⁴ é tarefa difícil. Uma das primeiras historiadoras a levantar questões teóricas neste sentido foi Seixas, acreditando, inclusive, que a formação da consciência operária também não se deu num processo linear e/ou evolutivo³⁵. Ela se deu na própria ação dos trabalhadores.

Na tentativa de perceber como e por que se davam as (des)continuidades organizacionais nos diversos Grupos Anarquistas, optei por mergulhar no movimento de cada um deles. Assim, ao final de quase um ano de pesquisas foi possível constituir, de certa maneira, uma espécie de Micro Histórico³⁶ individual dos mesmos. Neste intento, as fontes documentais foram as mais diversas: periódicos operários contemporâneos à época pesquisada, localizados em grande parte no Arquivo Edgard Leuenroth, em Campinas-SP; documentação encontrada no Centro de Cultura Social em São Paulo; a própria bibliografia especializada; o arquivo pessoal da professora Jacy Alves de Seixas e, principalmente, os dados já levantados para a construção do banco de dados e imagens, situado na Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo final é a elaboração de um Dicionário Histórico-Biográfico do(s) Anarquismo(s)³⁷.

As informações básicas contidas no Micro Históricos de cada grupo (ver no final do capítulo 2) foram se dando a conhecer no decorrer da própria pesquisa. Alguns grupos, neste sentido, forneceram elementos para abrir novos campos e/ou

³³ BATALHA, Cláudio H. M. *Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do Século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. In: **Cadernos AEL**, Campinas, v. 6, n. 10/11, 1999, pp.47.

³⁴ Mesmo porque nos dias atuais ainda existem associações de caráter mutualista.

³⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. **Mémoire et oubli: Anarchisme et Syndicalisme révolutionnaire au Brésil**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de L’Homme. 1992, capítulo 4.

³⁶ Entenda-se por micro-histórico, as informações básicas a respeito de cada um dos grupos. Informações estas que estão funcionando como instrumentos auxiliares na tentativa de entender o seu movimento individual e/ou dos grupos anarquistas entre si. Ver final do capítulo 2.

³⁷ Devo esclarecer que fui bolsista de Hiciação Científica, vinculada a este projeto de pesquisa, intitulado “*Dicionário Histórico-Biográfico do Movimento Operário Brasileiro - Anarquismo(s)*”, desenvolvido com financiamento da FAPEMIG, no período de outubro de 1998 a outubro de 1999, sob responsabilidade das professoras Dr^a. Jacy Alves de Seixas e Dr^a. Christina da Silva Roquette Lopreato.

completar os já existentes. Por outro lado, outros grupos deixavam a desejar na escassez de informações a seu respeito. Como o que estava mais à mão eram exatamente as informações que compunham o banco de dados³⁸ referido anteriormente, localizado nesta Universidade, foi ele o meu ponto de partida.

Selecionei, então, as diversas fichas³⁹ que alimentam o banco de dados do dicionário histórico biográfico⁴⁰, contendo informações sobre os “grupos” já catalogados, tomando por base exatamente esta nomenclatura. Logo em seguida, tendo percebido que muitos dos grupos ou criavam órgãos periódicos ou então surgiam em função dos mesmos, cruzei as primeiras fichas com as fichas dos seus respectivos jornais. Posteriormente, ao encontrar os nomes dos vários participantes, tanto dos grupos quanto dos periódicos, seja como redatores, diretores ou colaboradores destes últimos, seja como militantes ou não dos primeiros, resolvi também buscar as diversas fichas biográficas, não só daqueles participantes de tais grupos e periódicos, mas principalmente as fichas cujos nomes não estão citados nem nas fichas dos grupos, nem nas fichas dos periódicos, pois, exatamente nestas, poderiam haver informações importantes sobre sua participação em determinados grupos ou periódicos e que não tivessem sido detectadas até então.

³⁸ Não se trata de um banco de dados unicamente de indivíduos anarquistas, mais ou menos ativos enquanto participantes do movimento operário. Ele se estende também às organizações propriamente ditas, bem como aos periódicos e órgãos de propaganda do movimento operário da Primeira República, não exclusivamente anarquistas, mas necessariamente de esquerda.

³⁹ Tais fichas contêm, basicamente, o sobrenome seguido do primeiro nome do biografado (indivíduo, organização ou periódico), quando possível o período exato ou aproximado em que ele participava do movimento operário no Brasil ou, pelo menos (dependendo do conteúdo de informações sobre alguma situação enquanto vítima de algum tipo de repressão ou enquanto sujeito atuante), o ano de ocorrência de determinado fato.

⁴⁰ É necessário perceber a unidade na diversidade, ou seja, as diversas manifestações das diferenças que têm momentos de unidade. Lopreato (2000) que trabalha a Greve Geral de 1917 esclarece que em seu comitê organizativo não havia apenas anarquistas, mas também socialistas, sindicalistas revolucionários, enfim, de tudo um pouco. Por outro lado, segundo a autora, havia um respeito às diferenças, e o importante era isto: as diferenças coexistiam. Quanto ao envolvimento dos sujeitos biografados (para comporem o dicionário histórico biográfico) em tais movimentos, sabe-se que muitos deles não tinham uma participação efetiva, ativa no movimento operário e/ou anarquista. Mas, tanto para o banco de dados quanto para este trabalho, considera-se todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, tenham se deixado envolver e acreditaram, mesmo que por um momento, numa possível mudança propagandeada pelos anarquistas, quando acabavam se deixando levar ou se juntando às manifestações promovidas pelos mesmos.

Basicamente, os campos abertos nos referidos “micro-históricos” para serem preenchidos com as respectivas informações são: O nome do grupo; a localização (cidade e se possível o endereço da sede); se possuía algum órgão periódico, qual seu nome; a trajetória periódica do grupo (quando foi criado, alvo da repressão, diluído, recriado, extinto, etc.); a trajetória do periódico; a que veio o grupo (incluindo aí qual sua principal característica, ou seja, se era anarquista sindicalista, anarco-comunista, anti-clerical, anti-militarista, etc.); a que veio o periódico; participantes do grupo; participantes do periódico; outras informações sobre o grupo; e, por fim, outras informações sobre o periódico. Quanto às fontes consultadas, as disponibilizei ao final. O que vem sendo inserido nos micro-históricos dos grupos são, portanto, informações complementares a uma primeira fase ou primeira base de dados⁴¹.

Assim, a idéia de trabalhar principalmente com uma produção militante, prioritariamente os periódicos anarquistas, é justamente por conterem informações “primárias”, ou seja, informações que ainda não foram filtradas, no sentido de que não chegaram a ser interpretadas, na maioria das vezes, de forma preconceituosa, inclusive pela própria esquerda. Primeiro, por terem sido escritas numa época em que só havia espaço para o estudo das classes dominantes e, segundo, porque foram representativas de ações políticas da classe trabalhadora, dos excluídos da História. Lembrando que tais ações políticas não seriam somente aquelas direcionadas contra o capital, indentificadas, em grande medida, enquanto resistência, mas também aquelas ações de ajuda mútua e/ou de expressão cultural (teatro, música, festas, etc.), significativas entre os próprios trabalhadores e que nem por isso deixavam de ser carregadas de força política.

Como se vê, algumas questões são relevantes para uma melhor compreensão da História dos movimentos sociais no Brasil. Os caminhos que percorri na catalogação e reconstituição histórica de algumas organizações

⁴¹ Para uma melhor visualização e entendimento do que me propus, bem como dos cruzamentos que se fizeram necessários, os referidos “micro históricos” foram anexados ao final deste trabalho.

anarquistas e a subsequente comparação e visibilidade de várias possíveis uniões entre elas apontam a perspectiva de, no mínimo, perceber o quanto os trabalhadores já perderam em relação às várias estratégias de luta por melhores condições de vida, de trabalho e de inserção política, cultural e social. Isto não quer dizer que eu não reconheça, neste alvorecer do século XXI, quando estamos em condições contextuais significativamente diferentes daquelas do início do século XX, que ainda persistimos, dentro da nossa realidade, na luta por uma vida mais digna, se bem que, comparado ao passado, com menos expectativas positivas.

Este trabalho está distribuído basicamente em dois capítulos. O primeiro trata das Organizações Anarquistas, as quais vim tentando elucidar, a partir de um ponto de vista mais geral, mais aparente. A tentativa foi desvelar sua face ocultada e/ou negativizada pela historiografia “oficial”. Da mesma forma, a Ação Direta enquanto princípio tonalizador do movimento anarquista, sem priorizar apenas uma das diversas orientações deste, também foi apreendida no primeiro capítulo. Por fim, ainda neste capítulo, vim elencando e exemplificando o que denominei de *Expressões de uma Cultura Política Libertária*. Ou seja, as formas que os libertários encontraram para se expressar e agir de forma concreta na Primeira República: ocupando fábricas, fazendo greves e passeatas, sabotando, protestando, reivindicando, difamando, se reunindo em assembléias, manifestações públicas e outros.

O segundo capítulo, quem sabe o principal, trata mais diretamente do tema proposto: a (des)continuidade das organizações anarquistas vistas por muitos autores enquanto sinônimo de imperfeição, fraqueza, fragilidade, debilidade. Ao escrevê-lo procurei dissipar tal visão sacralizada. Para isto, listei algumas outras Expressões (continuando as do primeiro capítulo) da sua Cultura Política Libertária, que mais particularmente viessem romper a negatividade, injusta, que alguns autores atribuem como inerente às práticas e idéias anarquistas.

CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÕES ANARQUISTAS

"De resto, é natural que a organização assuma as formas que as circunstâncias aconselham e impõem. O importante não é tanto a organização formal, mas o espírito de organização. Podem acontecer casos, durante o furor da reação, em que seja útil suspender toda correspondência, cessar todas as reuniões: será sempre um mal, mas se a vontade de estar organizado subsiste, se o espírito de associação permanece vivo, se o período precedente de atividade coordenada multiplicou as relações pessoais, produziu sólidas amizades e criou um real acordo de idéias de conduta entre os camaradas, então o trabalho dos indivíduos, mesmo isolados, participará do objetivo comum. E encontrar-se-á rapidamente o meio de nos reunirmos de novo e repararmos os danos sofridos".¹

Ao buscar compreender as organizações libertárias, no Brasil, no seu caminhar ombro a ombro com o movimento operário na Primeira República, me deparei com questões para as quais busquei respostas no decorrer deste capítulo. A que se coloca fundamentalmente diz respeito às diversas maneiras como as ações dos trabalhadores e excluídos urbanos em geral vieram sendo dadas a conhecer ao longo do tempo. À medida que fazia este exercício, a história de tais sujeitos foi se desvelando por eles mesmos². Trata-se de uma “história vista de baixo”.

Para isto, recorri a periódicos, instrumentos de divulgação largamente utilizados pelos anarquistas, para expressar seus pensamentos e anseios, e divulgar suas atividades e respectivos resultados. Vale esclarecer que as obras³ de

¹ MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Novos tempos, 1989, p.81.

² SHARPE, Jim. *A História Vista de Baixo*. In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, pp.39-62

³ CARVALHO, Florentino de. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social**. Porto Alegre: Sociedade Editora Renascença, 1927, 241p.

_____ **A Guerra Civil de 1932 em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas sociais**. São Paulo: Editorial Ariel, 1932, 140p.

LEUENROTH, Edgard e VASCO, Neno. *Em defesa das liberdades públicas e dos direitos dos cidadãos*. In: LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – Roteiro da Libertação Social**. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, s/d. E outros.

cunho anarquista (excluindo os artigos de jornais), nas quais também busquei conhecer a Cultura Libertária, tratavam, em grande parte, de relatos das atividades pessoais e do ponto de vista de quem a escreveu. São, na verdade, memórias, lembranças, representações de trabalhadores militantes a partir deles próprios.

Por outro lado, o tratamento dispensado à trajetória da atuação anarquista no Brasil fez com que, em certa medida, sua riqueza teórica e prática ficasse desconhecida. Pode-se dizer que houve um ocultamento, por parte da historiografia dita “oficial”, de determinadas passagens que foram de suma importância enquanto lutas populares atentatórias contra o poder constituído. Por outro lado, existem os escritos ditos de “esquerda”, mais especificamente de autores comunistas e/ou socialistas, que trataram o anarquismo como uma espécie de rival a ser combatido, um vilão da História, causa ímpar dos fracassos operários.

Existem trabalhos historiográficos⁴ que, mesmo buscando dar destaque a algumas contribuições dos anarquistas para o movimento dos trabalhadores na Primeira República, são marcados pela relação anarquismo/imigração e, quase sempre significando fraqueza e derrota. Assim, a característica geral que têm os diversos trabalhos que enxergam o anarquismo de forma depreciativa e negativa é que os mesmos refletem uma ânsia por adequar as práticas militantes a esquemas pré-determinados. A questão é que a Cultura Política Libertária, significativa enquanto recheada de experiências peculiares, estaria à margem de tais esquemas. Para certos autores, trata-se de dinâmicas que “*não geram política no sentido do processo postulado*”⁵ Ou seja, a política que geram, não pode ser admitida como princípio de um sistema dedutível, não se trata de uma operação lógica, “normal”.

⁴ SIMÃO, Aziz. **Sindicato e Estado** (suas relações na formação do proletariado de São Paulo). São Paulo: Dominus, 1966.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Situação e Comportamento Social do Proletariado*. Publicado em Paris pela **Revista Brasiliense**, reproduzido in **Comunidade e Sociedade no Brasil**. Florestan Fernandes. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1972, pp.467-486.

RODRIGUES, José Albertino. **Sindicalismo e Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Difel, 1968.

⁵ SADER, Eder e PAOLI, Maria Célia. *Sobre “Classes Populares” no pensamento sociológico Brasileiro*. In: **A Aventura Antropológica – Teoria e Pesquisa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997, p.45.

O movimento operário/anarquista brasileiro, além de ter sido tratado de forma negativa, era visto como um caso de polícia, principalmente pelo governo. Quanto aos empresários, num primeiro momento sempre impassíveis de negociar com os trabalhadores a partir das suas reivindicações por melhores condições de trabalho, também acabavam deixando nas mãos da polícia a resolução dos conflitos. Tanto foi assim que, por ocasião da greve de 1917, em São Paulo, como nos indica Lopreato, as reivindicações dos operários eram consideradas “*um insulto ao patronato e obra de agitadores estrangeiros*”⁶. Sendo o anarquismo visto como algo importado passava-se a idéia de que sem estrangeiros e/ou anarquistas, não existiria conflito de classes na sociedade brasileira.

Quanto à ênfase em apontar o movimento operário e o anarquismo como algo importado, acredito que uma das possibilidades para se entender a origem de tal preconceito foi a análise enviesada e acrítica de periódicos como o *La Battaglia*⁷, por exemplo. Segundo Biondi⁸, seus redatores — anarquistas, estrangeiros, e representantes dos imigrantes (principalmente os italianos) então marginalizados — acima de tudo quando o perigo da expulsão os ameaçava, utilizavam argumentos que se referiam aos estrangeiros como exemplos de superioridade dentro da sociedade brasileira. No entanto, é importante frizar que se utilizavam deste argumento, justamente por perceberem que as violências sofridas não se justificavam simplesmente pelo fato de serem trabalhadores, mas muito mais por serem estrangeiros⁹.

Tratou-se de um caminho de mão dupla. Numa direção, a “teoria da planta exótica” criada pela propaganda oficial para justificar a Lei de Expulsão de 1907.

⁶ LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta - a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000, p.199.

⁷ Conforme informações elencadas em seu Micro Histórico, a publicação do *La Battaglia* tem início entre 1901 e 1903, sendo que tem fim entre 1912 e 1913; era semanal; a partir de setembro de 1912 transformou-se no *La Barricata*; seus principais redatores e editores foram Gigi Damiani, Florentino de Carvalho, Enrico D’Avino, Oreste Ristori, Tobia Boni e outros. Tratava-se de um órgão de crítica social, caracteristicamente anarquista comunista.

⁸ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista La Battaglia e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários etnocêntricos*. In: **Cadernos AEL** (Arquivo Edgard Leuenroth). Campinas: Gráfica IFCH, 1998.

⁹ BIONDI, Luigi. Op. Cit., p.136.

E na direção contrária, os anarquistas italianos (principais ameaçados pela Lei), reagindo de dois modos: “*contestando a idéia de pátria*” e “*sublinhando a superioridade do estrangeiro frente ao brasileiro*”¹⁰. No primeiro modo, como anarquistas, caracteristicamente internacionalistas, contrários às fronteiras que separam os vários países, etc., no segundo modo, como etnocêntricos, crentes de que a cultura (neste caso a italiana) devesse ser tomada como exemplo a ser seguido.

Tal etnocentrismo foi, no caso, uma espécie de defesa dos estrangeiros, mais precisamente nos períodos em que sofriam violência física e/ou moral. Neste sentido, o fato de ter existido grande número de imigrantes, principalmente italianos, nas organizações operárias, não quer dizer que tenham trazido de seus países de origem a ideologia libertária, como se o trabalhador brasileiro estivesse à margem de tal processo. Na verdade, os imigrantes formavam a grande maioria dos trabalhadores então alocados nas indústrias nascentes, além de artesãos e pequenos comerciantes. Daí terem sido a grande maioria dos que se organizaram. O mais provável é que os problemas encontrados aqui, tais como a exploração, a repressão, as más condições de trabalho, de higiene, de saúde e de vida, o desemprego e o subemprego, tenham estimulado os trabalhadores em geral (não somente os imigrantes), a agirem no sentido de melhorar suas condições de trabalho e de vida.¹¹

Por outro lado, não se pode desconsiderar que, dentre a grande maioria de trabalhadores imigrantes, havia aqueles que tiveram contato com as idéias anarquistas nos seus países de origem. Foi o que aconteceu com Oreste Ristori (um dos fundadores do *La Battaglia*) ainda na sua adolescência¹². Mas, além desta possibilidade, de considerar o anarquismo como algo importado, deve ser levado em conta também o fato de que, mesmo nascidos no Brasil ou vindo para cá ainda

¹⁰ BIONDI, Luigi. Op. Cit., pp.137-8.

¹¹ PINHEIRO, P. S. e HALL, M. *Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle. Remate de Males*, Campinas, n. 5, p.120, 1985.

¹² ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: Uma aventura anarquista**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas e Artes, UNICAMP, Campinas. Outubro/1998, p. 15.

crianças, muitos futuros militantes anarquistas, tomaram conhecimento de tal filosofia através das leituras de grandes teóricos do anarquismo (como Kropotkin, Proudhon, Bakunin, Malatesta, entre outros)¹³. Além disso, periódicos, revistas e obras anarquistas estrangeiras eram traduzidas para o português pelos próprios militantes e disponibilizadas através dos seus periódicos e/ou organizações. Como exemplo de tais evidências, encontram-se alguns avisos trazidos pelos diversos periódicos anarquistas em que anunciam e sugerem leituras, bem como os locais e respectivos endereços onde poderão ser encontrados para pesquisa ou para compra, com dias e horários que podem ser freqüentados e adquiridos:

“Revistas e periodicos anarquistas
EM PORTUGUEZ

Kultur, revista mensal, rua do Torres – Rio de Janeiro, Serie de 12 numeros: 5\$000; avulso: 300 réis.

O *Despertar*, quinzenario, rua Sete de Setembro 37, Curitiba (Paraná).

Amor e Liberdade, revista quinzenal, rua Andrade 2, 4º. D -, Lisbôa.

A Obra, semanario, travessa da Agua Flor, 52 1º. Lisbôa.

Despertar, semanario, rua da Bain haria, 137, 2º. – Porto. Número avulso 100 réis.”¹⁴

“NO CAFÉ

O Grupo *Filhos da Era Anarquista* tomou a iniciativa de fazer publicar um folheto de propaganda em português. Para isso, além das subscrições abertas aqui e no Rio, organizou o grupo uma festa - a do dia 7 de junho, no Casino Penteado (...) e este aviso é sobretudo dirigido aos (camaradas) do Rio - que o folheto será publicado. O AL CAFFÉ, de Malatesta, que se está traduzindo, será em breve entregue aos tipógrafos. Para este resultado contribuiu o grupo *Nuova Civilitá* que se associou à iniciativa do grupo acima indicado.”¹⁵

“a) Conferências feitas pelo interior do Estado, por Oresti Ristori, sobre as injustiças sociais, hipocrisias religiosas, políticas, mistificações da polícia, da exploração capitalista.

b) Livros: P. Kropotkin –

“A conquista do pão”

“O espírito de rebelião”

“Aos jovens”

“Memórias de um revolucionário”

M. Bakunin –

“Il socialismo e Mazzini”

E. Reclus –

¹³ Foi o caso de Primitivo Raimundo Soares (Florentino de Carvalho), em cuja biografia consta que se deparou, aos nove anos, com o livro do anarquista russo Piotr Kropotkin numa livraria.

¹⁴ *Revistas e periodicos anarquistas em portuguez. O libertario*. Rio de Janeiro, 1 nov. 1904, ano I, n.1, p.1.

¹⁵ *No Café. O Amigo do Povo*. São Paulo. 16 ago. 1902, n.10.

- “Evolução e Revolução”
 “O ideal anarquista”
 “Teoria della rivoluzione”
 E. Malatesta –
 “L’anarquia”
 “Entre os camponeses”
 P. Gori –
 “Gli anarchici e l’articolo 248”
 Saverio Merlino –
 “porque somos anarquistas”
 S. Gustavo –
 “Os anarquistas e os que queremos”
 c) Folhetos: Jorge Thomaz –
 “O que querem os anarquistas”
 P. Kropotkin –
 “O comunismo anárquico” de 32 p.
 “A terra livre” de 16 p.
 d) Revistas: “Il pensiero moderno” (mensal e gratuita)”¹⁶

Alguns militantes mais ativos e conhecidos na Primeira República, tornaram-se anarquistas quando do contato com tais traduções, “*entre eles José Oiticica e Fábio Luz*”¹⁷. É lógico que uma obra não tem este poder em si mesma, mas não deixa de ser uma fonte idealista de inspiração. Há, ainda, a considerar uma matriz brasileira do anarquismo oriunda dos republicanistas descontentes com os rumos da República na virada do século XX. Entre outros, destaca-se Edgard Leuenroth, nascido no interior de São Paulo, que, após rápida passagem pelo socialismo, abraçou o anarquismo e fez dele sua profissão de fé.

Um outro apontamento no que diz respeito à origem da classe operária brasileira, também foi de grande contribuição para jogar por terra a idéia da “Planta Exótica”. Trata-se da descoberta reveladora de que a grande maioria dos imigrantes possivelmente era de origem rural, não tinham nenhuma experiência industrial anterior e nem qualquer tipo de participação política nos seus países de origem. O que prova, mais uma vez, que as condições específicas encontradas aqui foram mais significativas que seus traços culturais trazidos de fora¹⁸.

¹⁶ **La Battaglia**. São Paulo. 30 set. 1905, n.52.

La Battaglia. São Paulo. 14 abr. 1906, n.75.

La Battaglia. São Paulo. 2 dez, 1906, n.103.

¹⁷ NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000, p. 21.

¹⁸ PINHEIRO, P. S. e HALL, M. *Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle*. **Revista Remate de Males**, n° 5, Campinas, 1985, p.97

A chave para se compreender principalmente o período entre 1917 e 1920 está na mudança de atitude do trabalhador em relação à sua participação nas organizações. Na medida que os imigrantes não conseguiram, tão facilmente como pensavam, retornar ricos à sua terra natal, pois viviam numa condição de subsistência, despertaram para a organização. Antes evitada, esta passou a ser uma necessidade na luta pela sobrevivência¹⁹.

A grande difusão das organizações fora dos canais institucionais ou corporativos se devia, principalmente, às condições sociais, políticas e econômicas da Primeira República, já que a organização política formal, daquele período, impedia o acesso dos trabalhadores a uma participação efetiva na mesma²⁰. No entanto, não há como não relativizar tal explicação, pois sabe-se que os anarquistas repugnavam o Estado e, exatamente por isto, não tinham nenhuma intenção de manter qualquer relação com o mesmo. Ou seja, a marginalidade institucional também pode ter se dado deliberadamente, e não só como uma das saídas diante da repressão, mas como uma atitude de reação àquele contexto; como já foi dito na introdução, tratava-se de uma “marginalidade opcional”.

Os anarquistas, diferentemente dos socialistas e reformistas, não tentavam fazer com que os trabalhadores imigrantes se naturalizassem brasileiros. O objetivo destes últimos era tornar o estrangeiro um membro efetivo da sociedade que pudesse buscar alguma transformação, só que através da cédula eleitoral. “*Os anarquistas não faziam tais exigências. O nacionalismo e a participação no processo eleitoral contrariavam seus princípios ideológicos, o que deixava o imigrante à vontade para afiliar-se a seus sindicatos e ainda manter laços com a terra mãe*”²¹. Da mesma maneira, o “boom” de organizações anarquistas e, principalmente, as sindicalistas pode ser justificado pelo princípio da Ação Direta

¹⁹ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920**. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp.29-30.

²⁰ MAGNANI, Sílvia Lang. **O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.32.

²¹ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920**. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.163.

que imprimia às organizações um caráter de autonomia. A descentralização organizacional pode ser então representada na metáfora do fogo — que quando irrompe num só ponto, é fácil extingüilo ou circunscrevê-lo, mas quando surge de todos os lados, não há forças capazes de apagá-lo.

O pano de fundo deste capítulo tenderá a suceder alternadamente representações e perspectivas sobre o anarquismo, a partir de alguns dos diversos trabalhos e artigos produzidos. Não se quer com isto sacralizar ou crucificar o ideal libertário, mas desvelá-lo no que ele realmente se propôs desde o início. Lembrando que o movimento operário no Brasil se deu simultaneamente ao anarquista.

O MOVIMENTO ANARQUISTA TONALIZADO PELA AÇÃO DIRETA

O fato de os anarquistas não terem se constituído em um partido político, enquanto local privilegiado de luta, não deve significar que os mesmos não possuíssem uma Cultura Política. Concordando com Margareth Rago, não é possível que o simples fato de terem se recusado a criar uma instituição a qual consideravam centralizadora e hierárquica tenha reforçado sua imagem enquanto ingênuos ou mesmo enquanto “rebeldes” no sentido pejorativo da palavra. Trata-se, ao contrário, de uma opção por agir em vários campos e de diversas maneiras. Não constituir um partido, o que, antes de mais nada faz parte do ideário anarquista, não fez com que sua luta deixasse de ser política, pois as relações de poder contra as quais investiram não estava somente no campo político-partidário, mas também “*na fábrica, na escola, na família, no bairro, na rua*”²². Além do mais, enquanto crítica à teoria da representatividade, a Ação Direta para os libertários foi, inclusive, uma forma de ataque à política burguesa.

Em outras palavras, os únicos movimentos políticos dos quais os anarquistas não se afastaram foram aqueles cujos objetivos imediatos e diretos eram a emancipação dos trabalhadores. Na análise de Guérin, se um operário chegasse a ser eleito deputado, por exemplo, sendo, conseqüentemente, transportado para outras condições de existência, ele deixaria de ser um trabalhador e acabaria mais burguês que o próprio burguês²³, daí sua opção anti-partidária:

“(...) efetivamente ‘o verdadeiro partido operário não baniria da sua atividade a luta política’. Mas não escrevemos ‘luta eleitoral e parlamentar’, que não constitui de per si só toda a luta política. (...) Nem só a política. (...) Nem só a política estatista, ou eleitoral, ou democrática, é política: esta tem para nós um sentido muito mais amplo. (...) Em conclusão, a política não é só a arte de

²² RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp.13-14.

²³ GUÉRIN, Daniel. **O Anarquismo. Da doutrina à ação**. São Paulo: Germinal, s/d p.26.

governar ou de eleger deputados. (...) é para nós a ciência que se ocupa da organização e funcionamento da sociedade, dos meios de ação social(...),²⁴

Segundo os anarquistas sindicalistas, tal pensamento se confirma. Para estes, o autêntico Partido Operário não excluiria a luta, a ação, mas o processo político, o qual acabaria por estabelecer desavenças entre os operários. Embora politicamente indeterminadas, suas associações de classe não deixariam de lutar, por exemplo, contra os caprichos governamentais e policiais em relação às ações dos trabalhadores no conflito com os capitalistas.

Voltando aos trabalhos militantes (não necessariamente os anarquistas), publicados nos anos 1950 e início dos anos 1960, em que se nota uma preocupação mais rigorosa com datas e fatos, estes limitam-se a apenas determinados episódios, próximos ou pessoalmente vivenciados por seus autores. Sendo assim, tinham a função legitimadora, seja da classe, seja de determinada corrente ideológica, ou mesmo de algum militante, que, neste caso, se traduzia em forma de biografia ou autobiografia. Tais histórias “corte” ou “inaugurais”, ou ainda *memórias*²⁵, com algumas exceções, trataram do anarquismo apenas de forma secundária. Enquanto ressalva, dentre os militantes anarquistas que tiveram obras publicadas, temos como exemplares Florentino de Carvalho²⁶, Edgard Leuenroth²⁷ e Edgar Rodrigues²⁸, sendo que este último continua atualmente produzindo e divulgando as idéias anarquistas.

²⁴ Presidente do Partido Operário Independente. *Carta Aberta a D. Elisa Scheid*. **A Terra Livre**. São Paulo, 17 fev. 1906, n.4, p.2.

²⁵ Ver:

DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

TELLES, J. **O Movimento Sindical no Brasil**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

PEREIRA, A. **A Formação do PCB – 1922-1928**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

REIS, H. Corrêa dos. *Fatos do Movimento Operário Brasileiro*. **Revista Brasiliense**, São Paulo, n. 35, pp.70-78.

LINHARES, H. **Contribuição à História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

PEREIRA, Astrojildo. **Ensaios Históricos e Políticos**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

²⁶ CARVALHO, Florentino de. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social**. Porto Alegre: Sociedade Editora Renascença, 1927, 241p.

²⁷ LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo: Roteiro de Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

²⁸ RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1675-1913)**. Rio de Janeiro: Laemert, 1969.

Segundo a grande maioria destes autores, a fraqueza do movimento se deveu ao fato de que os libertários não foram e nem poderiam ser capazes de organizar e mobilizar os excluídos, de forma contínua e permanente. Sublinham sempre uma certa falta de homogeneidade na composição dos trabalhadores no Brasil, e daí sua conseqüente desintegração, bem como falta de solidariedade, empecilhos para uma ação política singular, coesa.

Assim, cobra-se dos libertários um comportamento o qual não se propuseram. Eles tinham a sua própria lógica e postura prática e teórica ante a realidade. Nesse sentido, a Ação Direta, enquanto princípio político comum às diversas correntes do anarquismo, acabava dando o tom do movimento. Quanto a tais correntes, em São Paulo, duas pelo menos se destacaram: a anarco-comunista e a anarquista sindicalista. Antes de falar dos vários tipos de organizações que adotavam uma ou outra destas correntes, tentarei explicitar suas principais diferenças.

Pode-se afirmar que a grande dissimilitude entre os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas, perpassava pela desconfiança anarco-comunista com relação às ações de caráter reformista, em especial as greves, exceto a Greve Geral. Quanto aos anarquistas sindicalistas, estes apostavam nas mobilizações por reformas como estratégia de despertar os trabalhadores para o ideal anarquista de transformação social. O que importava é que ao menos estavam preparando os operários para “a grande luta”. Prática esta mais conhecida como “ginástica revolucionária”.

Ressalta-se que para os anarquistas, de uma maneira geral, sua luta não estava limitada apenas aos interesses de classe, quais sejam, a luta entre capital e trabalho. O pensar e agir libertários, ou seja, a Cultura Política Libertária, extrapolava a questão simplesmente econômica. Os mesmos constituíram, então, desde associações de ajuda mútua, cooperativas, ligas operárias e de bairros, até os sindicatos propriamente ditos, estes últimos compostos por trabalhadores, cujo

fim último era realmente resistir aos desmandos da classe patronal no explorar a mão-de-obra. No entanto, como já se disse, dentre estas e outras formas de organização, pelo menos duas características distingüiam-nas entre si, apesar de ambas idéias e ações serem caracteristicamente libertárias. Assim, divididas entre os dois modelos, o anarco-comunista e o anarquista sindicalista²⁹, cada uma das organizações agiu de modo particular na tentativa de por em prática a Cultura Política Libertária.

João Freire, em seu estudo introdutório ao livro *Concepção Anarquista do Sindicalismo*, diz que Neno Vasco reconhecia o fato de que a ação sindical dos operários na luta direta contra os patrões era limitada. Segundo ele, o ideal seria fundir os agrupamentos de idéias com os agrupamentos de interesses. Neno Vasco acreditava que o espaço do sindicato serviria para que os anarquistas pelo menos espalhassem suas idéias devendo, no entanto, não caírem na tentação de impor ali uma doutrina ou um programa anarquista; ao mesmo tempo não deveriam deixar o sindicato “(...) *perder as suas características de escola de aprendizagem de novas solidariedades sociais e de associação de resistência ao status quo burguês*”³⁰, a pretexto de independência e neutralidade sindical.

Alexandre Cerchiai, por sua vez, escrevia em 1906, um artigo contra o sindicalismo, o qual, segundo ele, seria mais de caráter representativo e com pouca estratégia de Ação Direta, uma espécie de reencarnação do corporativismo. De acordo com sua concepção, assim como seria um absurdo conquistar o poder público por decreto, seria igualmente absurdo querer representar uma “multidão medrosa” no sindicato e na lei. Ou seja, o princípio de não representar e não se deixar representar por ninguém a favor do qual lutava enquanto anarquista, acabava não prevalecendo no sindicato, onde votavam e se elegiam.³¹

²⁹ Na cidade de São Paulo, em determinado período, os anarquistas comunistas gravitavam em torno do periódico *La Battaglia* e os anarquistas sindicalistas em torno do periódico *O Amigo do Povo*. Quanto às respectivas organizações que tendiam mais a uma ou a outra, ver tabela no capítulo 2.

³⁰ FREIRE, João. *Estudo Introdutório*. In: VASCO, Neno. **Concepção Anarquista do Sindicalismo**. ed. 214, Porto: Afrontamento, 1984 p.16.

³¹ CERCHIAI, Alexandre. *Anarchismo o Opportunismo?*. **La Battaglia**, São Paulo, 25 fev. 1906, n.69.

O propósito aqui não é tramar polêmicas sobre quais atributos foram mais ou menos adequados ao movimento anarquista brasileiro. Muito menos agrupar espacialmente ou temporalmente as formas de organização que foram mais representativas em determinados períodos³², pois isto significaria priorizar umas em detrimento de outras. Buscar-se-á, apenas, indicar como elas se constituíam e agiam, tomando por base suas estratégias, métodos, práticas e princípios, a partir de algumas referências.

Everardo Dias³³, apesar de reconhecer que a prática da Ação Direta no interior dos sindicatos foi forte (principalmente de 1906 até depois da Primeira Guerra), mesmo assim via tal movimento com uma certa desconfiança. Segundo ele, os anarquistas não demonstravam possuir clara consciência de classe, devido a concepção pequeno-burguesa³⁴ dos dirigentes do movimento.

Por outro lado, de acordo com militantes anarquistas como Florentino de Carvalho, as lutas dos trabalhadores não ficavam limitadas ao espaço do sindicato³⁵. Assim, as diversas organizações, no seu caminhar anárquico, cada uma a seu modo, foram de suma importância para o atual entendimento sobre o que chamo aqui de Cultura Política Libertária. Ou seja, os anarquistas não estavam preocupados em demonstrar ou provar, por exemplo, que as suas concepções não eram incongruentes. Apenas buscavam manter a retidão dos seus ideais e, com isto, acabavam por se constituir em organizações, as mais diversas, não necessariamente ligadas apenas aos conflitos entre as classes, mesmo porque os conflitos não se davam somente no espaço da produção.

³² Ou seja, é possível dizer que primeiramente surgiram as sociedades mutuais ou as cooperativas para depois virem as ligas e os Centros e, por fim as Uniões ou Sindicatos. Mas, ressalta-se que isto não se deu de forma linear, sendo que pode ter havido uma circulação de características de umas em outras aleatoriamente.

³³ Enquanto marxista (expressão com que se auto-intitulava, além de esquerdista e socialista), Everardo Dias se opunha à concepção teórica e tática dos libertários, que não viam a necessidade de nenhum tipo de centralização ou de coação, mesmo a disciplinar, seja durante ou mesmo após uma possível insurreição contra o sistema (capitalista) vigente.

³⁴ Em poucas palavras, pequena burguesia seria aquela classe ou camada social que está entre a burguesia e a classe operária.

³⁵ CARVALHO, Florentino. *Pró e Contra il Sindicalismo: atitude dos anarquistas ante o movimento operário. Guerra Sociale*, São Paulo, 1915, n.10, ano I.

Voltando às organizações propriamente ditas, se antes estas deviam ter um fim, que era a luta, a partir dos anos 20 a luta é que passa a ter como finalidade a organização. O que muitas vezes ocorria é que uma organização surgia como efeito de uma ação, ou seja, sua constituição não era o objetivo primeiro de determinado movimento³⁶. Assim, poderiam se dar enquanto efeito ou enquanto ponto de partida nos processos de luta. Mas no fundo, os vários militantes adeptos de uma ou outra corrente, distribuídos nas diversas organizações das quais participavam, alertavam para a necessidade dos trabalhadores agirem diretamente em sua própria defesa, de uma ou outra maneira.

Ainda no que diz respeito às organizações e aos princípios, propriamente ditos, das diversas formas associativas, o periódico *O Amigo do Povo* ao tratar das condições necessárias à organização traça uma relação entre consciência, vontade e atividade. Ou seja, a organização se forja em meio às idéias, à luta, à ação. É um instrumento privilegiado da ação e da consciência. No seu início, é um ato de vontade, é preciso que as pessoas queiram se organizar voluntariamente, mas é, também, o resultado de um conjunto de sentimentos e/ou de tendências apenas explicáveis pelo agrupamento dos indivíduos, ou seja, as pessoas devem ter consciência da necessidade de se organizarem. Percebe-se, através deste artigo, que *a organização era um efeito da luta*, da agitação. A partir dos anos 20, no entanto, tal princípio vira do avesso, ou seja, a ação é que passa a ser encarada enquanto consequência da organização. Antes, as organizações deviam ter um fim, que só poderia residir na luta, já que,

“(...) sem esta não há organismo, não há vida. A organização só pela organização é um absurdo; organizar-se para... estar organizado, não se compreende. (...) a organização é uma cooperação e coordenação de vontades; vale o que valerem essas vontades.”³⁷

³⁶ SEIXAS, Jacy Alves de. *O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: A Problemática da (RE)Construção da Identidade Operária*. In: *História & Perspectiva*, Uberlândia, (11): 213-232, Jul./Dez. 1994.

³⁷ *Depois da Greve. O Amigo do Povo*, São Paulo, 13 set. 1903, n. 34, p.1.

Anarquistas sindicalistas e anarco-comunistas, apesar das divergências, se encontram ou se compactuam no princípio político da Ação Direta; Ação esta também percebida enquanto “base de acordo” que permite uma unidade plural não impedindo, necessariamente, as divergências de opinião. Em outras palavras, um trecho do *A Lucta Proletária* de 1908 esclarece o seguinte:

“E assim, neste ponto, cabem várias aspirações políticas... O que porém, une, sobretudo as várias tendências é a ação: os reformistas vêm nela um fim imediato: os revolucionários querem-na pelo seu valor educativo.”³⁸

A Ação Direta, seja enquanto princípio, base, estratégia ou método privilegiado não só das organizações, mas também dos indivíduos de ideais libertários, princípio este comum tanto aos anarco-comunistas quanto aos anarquistas sindicalistas, consegue se definir e se explicar, de acordo com Victor Garcia, por seu próprio enunciado. Ou seja, trata-se de uma noção de reação constante contra o meio atual, onde não se deve esperar nada de ninguém a não ser de si mesmo. Segundo este autor, a Ação Direta desenvolve a personalidade humana ao mesmo tempo que o espírito de iniciativa³⁹. Ou seja, a Ação Direta tem como consequência um valor educativo sem par: ensina a refletir, a decidir, a atuar. Ensina, antes de tudo, autonomia. O trecho abaixo, retirado do artigo “O Que Queremos”, publicado no *O Amigo do Povo*, diz o seguinte sobre a Ação:

“(...) Devemos aproveitar todos os meios... todos os progressos feitos na consciência dos homens para induzi-los a reclamar e impor as maiores transformações possíveis. (...) A simples propaganda seria impotente. A ação é tudo. (...)”⁴⁰

Por outro lado, Ação Direta não é somente não se deixar representar, não é somente o fazer por si mesmo, nem é só quebrar máquinas, boicotar, fazer greve, mas é também dizer o que pensa, debater, dizer o quer, o que não quer, como quer. Anarquistas sindicalistas e anarco-comunistas que se encontram, portanto,

³⁸ E.F. *As bases do acordo sindical, A Lucta Proletária*, 21 mar. 1908, n. 10.

³⁹ GARCIA, Victor. *Antologia del Anarcosindicalismo*. Caracas (Venezuela): Ruta - Base, 1988, p.61.

⁴⁰ *O que queremos II. O Amigo do Povo*, 10 mai. 1902, n. 3.

no princípio político da ação direta, criticam, ambos, a noção burguesa do que seja o político, do que seja a esfera do político, enquanto partido, por exemplo. O ideal libertário percebe a política enquanto uma Cultura, enquanto uma conduta ética diversa da burguesa.

Numa outra edição do periódico *O Amigo do Povo*, em que se justificava a continuidade do artigo, o autor, desta vez, fazia a crítica ao Estado para desembocar na Ação Direta:

“Há quem afirme que o governo – criador e criatura, defensor natural do privilégio, tornar-se-ia, abolido o capitalismo, representante e gerente dos interesses gerais. (...) É pois necessário suprimir o governo – não este ou aquele governo, o Estado, persuadi-lo de que sem ele se pode viver melhor, eis a nossa primeira tarefa. (...) Devemos... favorecer todas as lutas por liberdades parciais: na luta aprende-se a lutar e quem começa a saborear um pouco de liberdade acaba por querê-la toda. Estejamos sempre com o povo, procuremos ao menos que pretenda alguma coisa e que esse pouco ou muito que queira, o queira conquistar por si mesmo. (...) Contra o governo, que tem exércitos e polícias, não se faz guerra de argumentos, que o não convencem: a luta é toda física, material. (...)”⁴¹

Mais uma vez, a oposição à representatividade. Mais uma vez, os anarquistas sindicalistas reforçando a idéia de “ginástica revolucionária”. Apenas a Ação Direta, no caso deste exemplo, para os anarquistas sindicalistas tinha mais valor que a fala, tinha mais valor que a propaganda. A propaganda poderia acabar se fazendo na própria ação. Mas, acima de tudo, devemos perceber que o princípio da Ação Direta nos desvela uma classe operária que não se engajava nas relações de favor que então se davam. Tal exposição articulada a favor da livre associação e de reunião, da noção de livre pensamento, da liberdade de expressão, encontramos também em Leuenroth:

“Estando naturalmente preestabelecida a atitude dos anarquistas em face de qualquer atentado às liberdades públicas e aos direitos do cidadão, no noticiário da própria imprensa burguesa é encontrado o registro de sua ação contra as restrições ao direito de livre associação, as quais têm atingido principalmente as agremiações sociais e sindicais.

⁴¹ *O que queremos IV. O Amigo do Povo*, 7 jun. 1902, n. 05.

As coibições do direito de reunião, verificadas muitas vezes contra manifestações públicas e até contra assembléia em recintos privados, sempre provocaram e continuam a provocar a imediata e ativa repulsa dos libertários.”⁴²

Segundo o periódico *A Lucta Proletária*, em 1906, a Ação Direta era, então, um princípio de fundamental importância numa organização libertária, sendo que praticá-la significava não deixar que as mesmas ficassem aos cuidados nem de presidentes, nem de conselhos; a função ou missão destes seria unicamente executiva⁴³. Também, neste plano, a Ação Direta deveria ser um princípio praticado no interior dos sindicatos. Ou seja, a não delegação da participação, a não hierarquização, nem a ‘divisão do trabalho’ político⁴⁴. Apesar da sua positividade, a Ação Direta chegou a ser identificada com a violência. Neste sentido, uma brochura divulgada no Rio de Janeiro chamava a atenção para o fato de que os detratores buscavam, por sua vez, dar uma carga negativa a esta prática:

“(...) é inútil querer deter a marcha revolucionária do proletariado. Desde que ele compreendeu que só organizado autônomo e federalmente, podia apressar o fim da sua escravidão, integrou-se... no espírito da luta de classe e, conseqüentemente, na ação direta. Simplesmente lhe tem feito crer que a ação direta é uma coisa diferente do que ela é. Assim os políticos tem espalhado aos 4 ventos, que a ação direta consiste em que os operários virem à praça pública exporem as carnificinas e outras coisas horripilantes.

É preciso que se saiba que não é nada disso. A ação direta é não confiarmos no parlamentarismo nem nos homens que o defendem; é não esperar do Estado senão reformas ilusórias e deprimentes (...); é não entregarmos a resolução das nossas questões com o patronato a políticos que sempre nos ludibriam; (...) é confiarmos na força saída do nosso esforço; é lutar no campo econômico-social cada vez com mais energia (...)”⁴⁵

Há, também, trabalhos historiográficos que, mesmo buscando dar destaque a algumas contribuições dos anarquistas para o movimento dos trabalhadores na Primeira República, são marcados pela relação anarquismo/imigração,

⁴² LEUENROTH, Edgard e VASCO, Neno. *Em defesa das liberdades públicas e dos direitos dos cidadãos*. In: LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d, p.110.

⁴³ *A Greve da Paulista. A Lucta Proletária*. 1 set. 1906, n.2, ano I.

⁴⁴ Esta questão relacionada ao funcionamento administrativo é melhor trabalhado no final do capítulo II, mais especificamente na parte sobre as Bases de Acordo.

⁴⁵ SOUZA, M. J. de. *Sindicalismo e Ação Direta*. Porto: Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, 1911, n. 3, pp.26-7.

significando fraqueza e derrota⁴⁶. O Anarquismo vem variando dentro desta bipolaridade. Para uns, tratou-se de um movimento que teve uma importância significativa com ápice no início do século XX. Para outros, no entanto, tratou-se de um movimento que, desde o seu início, estava fadado à derrota. A presença do anarquismo estava atrelada à idéia de debilidade do movimento operário⁴⁷. A busca é por se entender a debilidade e não o movimento anarquista em si. Trata-se de uma estratégia que desqualifica antecipadamente o anarquismo.

O que chama a atenção, no entanto, são as justificativas para ambas interpretações, que, grosso modo, não se diferenciam entre si. Ou seja, se para uns, determinadas estratégias, práticas, métodos, princípios ou elementos inerentes às organizações anarquistas significam positividade e/ou força (pelo menos em alguns momentos), para muitos outros historiadores, sociólogos ou mesmo militantes de esquerda (avessos às idéias anarquistas) estas mesmas práticas é que levaram o movimento a se enfraquecer.

⁴⁶ CARDOSO, Fernando Henrique. *Situação e Comportamento Social do Proletariado*. Publicado em Paris pela **Revista Brasiliense**, reproduzido In.: **Comunidade e Sociedade no Brasil**. Florestan Fernandes. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1972, pp.467-486.

⁴⁷ RODRIGUES, José Albertino. **Sindicalismo e Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Difel, 1968.

⁴⁷ MAGNANI, Sílvia Lang. **O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.33.

EXPRESSÕES DE UMA CULTURA POLÍTICA LIBERTÁRIA

A Ação Direta, princípio privilegiado do anarquismo, constituiu-se em várias formas de expressar-se concretamente. Dentre elas, a ocupação de fábricas, as passeatas, a sabotagem, a greve (geral ou parcial), greves de solidariedade, greves de protesto, greves de reivindicações sociais, o labéu⁴⁸, a manifestação pública (comícios e protestos), assembléias e outros. Apesar desta diversidade de meios de atuação e de luta, a **Greve Geral** parece ter sido o método singular de ação do proletariado. No entendimento de Montenegro:

“Cada época tem o seu método particular, a cada grau de civilização os seus processos novos. Ela (*a greve geral*) é a arma privilegiada ao alcance do proletariado moderno, mais eficaz que a ‘instrução’ e a ‘luta armada, as barricadas’. (que não passam de ‘meios ilusórios’).”⁴⁹

Isto confirma a idéia de que cada ser humano é fruto do seu tempo. Cada um dos vários séculos cultivou suas próprias categorias de pensamento e de ação. Quais então seriam os meios de ação que os libertários adotariam ou se recusariam a adotar? Eles mesmos respondem:

“nós somos adversários do legalismo, que consiste em pretender resolver a questão social e conquistar a emancipação mediante a lei; mas isso não quer dizer que recusemos servir-nos dos meios que cremos úteis, quando porventura a lei não os proibiu.”⁵⁰

Presume-se que esta fração da Cultura Libertária, qual seja, a aversão pelas leis, faça eco ao seu entendimento sobre as mesmas enquanto dificultadoras, por exemplo, das suas organizações. Ou seja, se suas reuniões e ações fossem realizadas às ocultas, de forma “ilegal”, poderiam não ser alvo fácil das tão comuns repressões policiais.

⁴⁸ Ato de tornar pública uma nota que manchasse a reputação, no caso, de algum patrão ou de alguma fábrica.

⁴⁹ MONTENEGRO, F. L. *A Greve Geral*. **O Amigo do Povo**, 1 mai. 1902, n.2.

⁵⁰ *Os nossos meios de acção*, **A Terra Livre**, 15 ago. 1906, n.14, p.2.

Voltando às greves, um dos autores que chegou a realizar um levantamento mais sistemático sobre as que vieram ocorrendo desde o Império no Brasil, mas que veio priorizar o período em que o movimento anarquista esteve aqui mais forte, foi Linhares⁵¹. No entanto, no geral, autores que seguem este mesmo raciocínio, consideram o anarquismo como algo estranho à sociedade brasileira e que, por isto mesmo, esta Cultura pode ter sido responsável pela fraqueza do movimento dos trabalhadores, justamente cuja situação, no então contexto, era uma das piores.

O trecho seguinte, retirado do periódico *A Lucta Proletária*, que também trata do tema da greve geral e da figura do militante enquanto “vanguarda”, aponta para o fato de que a função do militante operário não seria a de direção do movimento. Ou seja, o operariado militante libertário deve agir, necessariamente, de forma independente, sem necessitar de alguém que os dirija, que os comande, que os conduza. Há uma forte tensão presente nesta concepção cultural do militante libertário e da ação do chamado ‘sindicalismo de minorias militantes’. Neste sentido, o sindicato de massa seria uma espécie de sindicalismo de número, de quantidade. Segue:

“(...) A greve geral. (...) não pode ser de modo algum preparada na secretaria de uma Federação Operária, não pode ser o resultado da resolução de uma meia dúzia de indivíduos – tenham estes ou não influência sobre a massa operária. (...) A greve geral vem de per si, sem que seja possível prevê-la (...). Não pode ser realizada sem ter a seu favor o desejo da massa proletária (...).”⁵²

Apesar de terem sido poucos os militantes⁵³ que se destacaram na escrita ou na oratória, eles se envolveram nas manifestações públicas de protesto, mas a ação mesma, logicamente, não teria partido somente destes. Com relação a uma sublevação espontânea, esta, segundo os anarquistas, dificilmente aconteceria, pois não bastaria apenas vontade e solidariedade, mas também uma maior

⁵¹ LINHARES, H. *Contribuição à História das Lutas Sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

⁵² *Greve Geral. A Lucta Proletária*, 29 fev. 1908, ano III, n.7.

⁵³ Como exemplos, Gigi Damiani, que se destacou pela escrita e Edgar Leuenroth, que se destacou pela oratória.

conscientização e orientação. Assim, a relação tecida entre consciência, vontade e atividade são exatamente as condições necessárias à organização. E o rompimento de qualquer um dos elementos desta tríade pode ter sido o que levou muitas greves à derrota na Primeira República.

É importante esclarecer que pelo menos duas abordagens acadêmicas, feitas entre as décadas de 60 e 70, justificam de uma outra maneira as alterações no que diz respeito às aspirações e comportamento político dos trabalhadores da Primeira República. Segundo tais interpretações⁵⁴, na fase posterior a 1930, o perfil do trabalhador teria mudado, ou seja, os mesmos deixaram de ser basicamente de origem estrangeira, passaram a representar uma grande parcela da população, passaram a ter mais participação “política”, sem se preocupar apenas com os aspectos econômicos, superaram sua origem rural, passaram a ter mais estabilidade profissional, passaram a agir coletivamente de forma mais padronizada e a cultivar tradições e crenças no interior da sua classe.

Nota-se, portanto, que existem diversas formas de avaliar o comportamento ou a Cultura Política daqueles trabalhadores. Para os libertários, neste caso, que estavam vivenciando aquele momento, o que poderia levar uma greve, enquanto exemplo de organização e luta, à derrota ou à vitória estava muito mais relacionada a questões internas, tais como vontade e consciência do que questões externas como origem estrangeira e/ou rural.

Há, ainda, autores⁵⁵, geralmente simpatizantes do Partido Comunista Brasileiro – PCB, que acabam desconsiderando, de certa maneira, o movimento operário que precedeu 1922, ano de fundação do referido partido. Conseqüentemente, o anarquismo, forte justamente nas duas primeiras décadas do século XX, é também difamado, obscurecido, mitigado, como se o movimento

⁵⁴ RODRIGUES, Leôncio Martins. *Classe Operária e Sindicalismo no Brasil*. In: RODRIGUES, L. M. (org.). **Sindicalismo e Sociedade**. São Paulo: Difel, 1968, pp.341-360.

LOPES, Juarez Brandão. **Sociedade Industrial no Brasil**. 1964.

⁵⁵ Um exemplo pode ser Leôncio Martins Rodrigues.

operário tivesse passado a ter mais importância somente a partir do aparecimento do “partidão”.

Tratando novamente a questão da Greve Geral, enquanto expressão cultural libertária singular de Ação Direta, esta veio a demonstrar sua força na cidade de São Paulo no ano de 1917. A imagem que então se fez de tal episódio, na época, foi a seguinte:

“É público, notório, é igualmente sabido que, em dias de julho de 1917, nesta cidade haviam rebentado todos os aparelhos da pública administração, estando ela desarmada, apavorada diante dos grevistas.”⁵⁶

Em trabalho recente, a Greve Geral de 1917 é tratada como um acontecimento histórico singular, em que foram os anarquistas os orientadores e coordenadores de tal movimento, “*marco histórico no processo de formação da classe operária como autoconstituindo-se em seu enfrentamento concreto com o capital*”⁵⁷. Como se vê, as Greves Gerais, quando prosperam, medram, assustam, apavoram. Seus organizadores, participantes e simpatizantes acabam, finalmente, conseguindo materializar os objetivos iniciais. José Oiticica dizia o seguinte por ocasião do movimento de 1917:

“(...) das organizações que a polícia fechava, brotavam às vezes outras organizações com novos nomes.”⁵⁸

Esta afirmação nos dá indícios para um possível entendimento sobre a questão da (des)continuidade enquanto passageira, temporária.

Vale lembrar que, segundo a interpretação de Sferra⁵⁹, os anarquistas de orientação sindicalista não percebiam a Greve Geral bem como a Revolução

⁵⁶ MORAES, Evaristo de. **O Anarquismo no Tribunal do Jury: processo de Edgard Leuenroth**. Rio de Janeiro: La Vera, 1918, p.21.

⁵⁷ LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta - a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000, p.216.

⁵⁸ OITICICA, José. *Em defesa da Federação Operária*. In: **A Rua**: Rio de Janeiro, 19 abr. 1918, reproduzido em OITICICA, José. **Ação Direta**, p.57.

⁵⁹ SFERRA, Giuseppina. **Anarquismo e Anarcosindicalismo: orientações do movimento operário brasileiro – 1906-1907**. 1992. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/História). UNIMEP, Piracicaba, 1982, p.132.

Social como produto de uma ação irrefletida e natural, no sentido de presumível. Segundo eles, se organizados no sentido de resistirem e pressionarem estariam também despertando e aguçando os trabalhadores à luta. Para os anarquistas comunistas, por seu lado, a Greve Geral não devia ser resultado de uma experiência organizacional dos trabalhadores, entre os quais dificilmente haveria espaço para a solidariedade, devido à possibilidade de concorrência entre os mesmos. Ao contrário, a Greve Geral devia ser espontânea ou as conquistas seriam apenas efêmeras.

Mas e as **Greves Parciais** ou por reformas? Estas também corresponderiam ao que se nomeia aqui de uma Cultura Anarquista? Segundo Neno Vasco:

“Se essas reformas são o fruto da *ação direta*, da iniciativa popular, dum estado de consciência dos que as desejam e conquistam, não está mal. (...) Quanto mais não seja tem-se a vantagem da ação, o hábito de querer conquistar: caminha-se enfim, faz-se o exercício. Marcando passo, não se sai do mesmo sítio, nem aprende-se a marchar.

Mas, ainda aqui a nossa ação deve ser abertamente libertária. Trata-se de convencer de que todas as reformas realizadas, dentro do atual regime autoritário capitalista, quando não são... ilusórias são passageiras e insignificantes; que é necessário (...) por termo ao reinado dos poderosos inimigos da iniciativa individual e do livre-acordo - o Estado e o Patrão.

Se assim não fizermos, viria a reforma, passaria a reforma, viria a desilusão e p/ uns o desânimo e a inação. (...).⁶⁰

Vê-se bem, no trecho acima, a questão tanto das reformas imediatas quanto, mais uma vez, da ginástica revolucionária. Lembrando que não só o modo de proceder, mas igualmente o convencimento, a oratória, a persuasão fazem parte desta Cultura libertária. Deve-se lembrar, que o referido artigo foi escrito e publicado pela primeira vez em 1909 em Portugal e vem corroborar a idéia de que organizações anarquistas sindicalistas e as anarquistas comunistas têm o princípio da Ação Direta como seu principal ponto de semelhança.

Com relação à Ginástica Revolucionária, ou essa função das melhorias imediatas e/ou conquistas parciais (que segundo Giulio Sorelli⁶¹ não é tão

⁶⁰ VASCO, Neno. *A Nossa Ação. Renovação*. Rio de Janeiro, abr. 1922, n. 6.

⁶¹ SORELLI, Giulio. *Beppe ed il socialismo. La Lotta Proletária*, 30 dez. 1908, n. 29.

simplicista assim), um trecho do periódico *A Lucta Proletária* a apresenta impregnada do seguinte nível de consciência:

“O povo deve gozar, deve saborear as comodidades da vida: a verdadeira, a grande revolução está em adquirir o povo necessidades que hoje só o rico sente; em perder o hábito de viver miseravelmente e de servir: em reclamar para si os benefícios da civilização; em considerar o atual estado de coisas como um estado de barbaria e em não mais se deixar enfrear por ninguém, em não mais se deixar reduzir à miséria, à escravidão, porque a vida cômoda e o trabalho em proveito próprio terão entrado a fazer parte da natureza humana.”⁶²

Tal autor (desconhecido) admite as conquistas parciais de forma satisfatória, mesmo consciente de que são resoluções apenas imediatas. Assim, busca estender seu pensamento de maneira que todos o sancionem. Tal raciocínio, se é que o podemos generalizar, vem apenas dar sustentação e substância àquilo que vimos chamando de uma Cultura Libertária.

Outra forma de expressão de Ação Direta era a **Manifestação Pública**, ou seja, ato de manifestar-se ou expressar-se em público, através da oratória, da persuasão, do convencimento. Um exemplo são as manifestações feitas contra a carestia de vida.

Quanto ao **boicote**, outra manifestação do princípio da Ação Direta, trata-se de uma espécie de punição, de constrangimento que, no caso, poderia se dar em relação a uma pessoa (o patrão), a uma classe (a patronal), ou a um estabelecimento, geralmente em represália, recusando sistematicamente relações sociais ou comerciais. Basicamente, solicitava-se ao público consumidor para que evitasse comprar produtos de determinado fabricante ou comerciante. Mas o Boicote podia assumir outras formas, por exemplo, a produção de um gênero similar ao boicotado, com marca e etiqueta falsa, mas este sendo vendido a um preço inferior, no intuito de excluir do mercado o gênero boicotado⁶³. No fim das contas, se a classe trabalhadora está bem organizada e conta com uma sólida consciência solidária, o comerciante ou o industrial, proprietários de determinada

⁶² *A Lucta Proletária* São Paulo, 25 jan. 1908, n.2, p.3.

⁶³ *Boycott. La Lotta Proletária*. São Paulo, 7 jun. 1909, n.37.

fábrica ou de determinado produto ou comércio, acaba se vendo obrigado a ceder, acatando as condições exigidas pelos boicoteadores. Eis alguns exemplos, retirados de periódicos, cujas notas concisas, estampadas nos periódicos operários, chamavam a atenção e convidavam ao boicote:

“Non leggete l'immondo giornale IL SECOLO.”⁶⁴

“I prodotti Matarazzo sono boicottati.”⁶⁵

“Non andate a lavorare col costruttore Paolo Castellani.”⁶⁶

“Il costruttore Paolo Castellano è boicottato.”⁶⁷

“Lavoratori, se vi è cara la vita, non andate a lavorare sulla ‘Noroeste’, ovre troverete la morte.”⁶⁸

“Operai, Non comprate i prodotti Matarazzo!”⁶⁹

A **Sabotagem**, por sua vez, outra manifestação de Ação Direta, podia ter como alvo uma máquina, por exemplo, onde danificava-se seu mecanismo de produção; podia tomar a forma de trabalho lento, “operação tartaruga” como conhecemos hoje; ou ainda a destruição ou danificação, não da máquina, mas da produção. Trata-se, portanto, de uma prática para impedir ou prejudicar o curso normal do trabalho. Expressão Cultural esta em que a solidariedade é de suma importância.

Outras formas de Ação Direta são o **Labéu**, ou seja, a publicação, por exemplo, de uma nota que manche a reputação, revelando o nome dos que não aderiam aos movimentos, os chamados fura-greves. Neste sentido, os anarquistas ao condenar a prática da crumiragem, eram extremamente inventivos, escarnecedores e irônicos, como podemos verificar nos textos a seguir:

⁶⁴ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31. Tradução livre da autora: “*Não leiam o imundo jornal IL SECOLO*”

⁶⁵ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31. Tradução livre da autora: “*Os produtos Matarazzo são boicottados.*”

⁶⁶ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31. Tradução livre da autora: “*Não trabalhem para o construtor Paolo Castellani.*”

⁶⁷ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31. Tradução livre da autora: “*O construtor Paolo Castellano é boicottado.*”

⁶⁸ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 15 mar. 1909, n. 33. Tradução livre da autora: “*Trabalhadores, se a vida lhe é cara, não ande a trabalhar para a ‘Noroeste’, onde encontrará a morte.*”

⁶⁹ **La Lotta Proletária**, São Paulo, 1 mai. 1909, n. 35. Tradução livre da autora: “*Operários, não comprem os produtos Matarazzo!*”

“Todos os Krumiros de profissão, que, de hoje em diante, acharão trabalho garantido na oficina de carros do senhor ANGELO FOSSATI (alameda dos Andradas, 80) nos seguintes

PACOTOS E CONDIÇÕES

1- O Krumiro deverá trabalhar até que o patrão diga: Chega!

2- Os Krumiros têm a obrigação de puchar o sacco ao Sr. Fossati e referir a elle tudo quanto na officina se diz a seu respeito.

3- E' absolutamente prohibido aos Krumiros pedir adeantamento de dinheiro, embora tenham trabalhado como bestas durante mez e meio, sob a pena de serem despedidos a pontapés.

Já se comprometeram a observar escrupulosamente as condições acima, os seguintes KRUMIROS PRIVILEGIADOS: NARCISO ZANI, PAOLO GATTI, LODOVICO FINARDI E ETTORE (aliás irmãos de mangiamorti).

O Sindicato dos trab. em Vehiculos”⁷⁰

E ainda,

“Na fábrica Matanó (...) conseguiu trazer ao trabalho um certo número de pessoas sem aprendizagem – engraxates, carregadores, vendedores de bananas e vagabundos, enfim, tudo o que podia ser utilizado como espantalho – os prejuízos são incalculáveis.”⁷¹

“Os Krumiros por não serem bons operários qualificados acabam por realizar, malgré eux, uma ‘sabotagem involuntária’:

“Os estragos que dia a dia os crumiros fazem nesta fábrica são enormes: chapéus queimados pela tinta impostável, jogados às dezenas para baixo das mesas (...) e uma quantidade incalculável de matéria prima atirada ao cisco. (...) os poucos chapéus que os patrões conseguem levar para o depósito são devolvidos por não se acharem em condições de poderem ser postos no mercado. (...)”⁷²

“... fazer parte dessa sociedade seria abdicar de sua individualidade, aceitando a condição de puxa-sacos dos patrões, seus exploradores. (...) [a soc. É formada

⁷⁰ *Pacotos e Condições. A Lucta Proletária*, São Paulo, 21 mar. 1908, p.1, ano III (Segunda Época).

⁷¹ *Os Chapeleiros. A Lucta Proletária*, São Paulo, 15 fev. 1908, ano III, n.5, p.3.

⁷² *Idem.*

por] vagabundos e vendedores de bananas, que além de terem sido nossos traidores, ladrões do nosso pão (...)"⁷³

"... guerra épica, eterna, que fazem uma a outra as 2 classes sociais: vagabundos e trabalhadores; ricos e pobres, parasitas e produtores."⁷⁴

"Mas surgiu a nuvem negra, esse rebanho de miseráveis inconscientes chamados crumiros, que se submeteram a trabalhar 9 horas, e a greve fracassou. (...)" ou "... grevistas que foram subjugados por causa do grande número de vagabundos que os proprietários puderam arranjar..."⁷⁵

Como se vê, a organização, neste caso o sindicato, que se sentisse prejudicado diante do descomprometimento de alguns em relação às suas próprias condições enquanto trabalhadores, ridicularizava tais trabalhadores "fura-greves", sendo que estes ficavam desmoralizados perante a própria classe.

É exemplar um trecho do periódico *La Battaglia* (caracteristicamente anarquista comunista) que, mais uma vez, desvela parte desta Cultura Política Libertária, sobre a qual iniciou-se um contato, justamente através de algumas das suas várias expressões citadas anteriormente. Recorrer a outros companheiros, de forma solidária, é um atributo comum a ambas expressões culturais de um anarquista. Sendo assim, ele poderia ser:

"(...)individualista na ação que pode exercitar mais proficuamente sozinho (...), mas torna-se organizador, mesmo sem fundar sociedades com programas, regulamentos etc., quando para realizar algo superior às suas forças recorre à solidariedade dos outros (...) a organização que o anarquista aceita e na qual desenvolve sua atividade é libertária por excelência, não estabelece renúncias forçadas e disciplina, nenhum poder da maioria sufoca as iniciativas individuais, qualquer um pode agir livremente, aceitar ou não um dado princípio, um dado método de luta, uma dada idéia (...) Resta saber se é possível uma organização anárquica, quer dizer, anti-autoritária em regime burguês. Parece que sim (...) milhares de agrupamentos anárquicos, de círculos libertários, círculos de estudos sociais, sem presidência, sem estatutos, sem comissões executivas estão aí a demonstrá-lo."⁷⁶

Fica claro, em tal trecho, além da questão da solidariedade, como também pensavam a respeito da liberdade individual e do não autoritarismo. Igualmente sugestivo é o fato de que, se alguém não se adequasse a uma organização

⁷³ A União dos Chapeleiros. *Aos operários chapeleiros e ao povo em geral*. **A Lucta Proletária**, São Paulo, 7 mar. 1908, n.8, p.4.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ SORELLI, Giulio. **A Lucta Proletária**, 1 maio 1908, n.14.

⁷⁶ **La Battaglia**. São Paulo, 23 jul. 1907, n.131. (Ref. AEL: MR/0015).

anarquista de determinada orientação, a qual lançasse mão de certos métodos e estratégias, o melhor a fazer seria procurar ou, quem sabe, fundar uma outra organização que se aproximasse ou que se assemelhasse mais aos seus princípios, idéias, objetivos e formas de alcançá-los. Por outro lado, não se pode dizer que os individualistas⁷⁷ se condenassem ao isolamento de forma deliberada. Segundo Victor Garcia, o que existe de diferença entre individualistas e organizativistas é uma questão de palavras, que não resistem a um exame mais atento dos fatos. Muitas vezes, acontece que os individualistas podem estar melhor organizados que os próprios organizativistas. A razão é que estes últimos pregam a organização, mas não a praticam⁷⁸. No periódico *Germinal!* de maio de 1913, encontrei a seguinte opinião:

“(...) nos logares onde a organização operaria teve e tem uma tendencia francamente libertaria essas discrepancias ou luctas entre organizadores e individualistas, salvo raras excepções, não tem sido notavel; cada um luta auxiliando-se mutuamente, excepcionalmente nos momentos dificeis.”⁷⁹

De forma semelhante, pode-se sugerir que as diferenças entre anarquistas comunistas e anarquistas sindicalistas não eram tão rigorosas como se sinaliza, pois não se percebeu que uma ou outra organização, com determinada orientação, estabelecesse renúncias forçadas e disciplina aos seus participantes, muito menos percebeu-se que as iniciativas individuais dos mesmos viesse a ser sufocada.

⁷⁷ “(...) no campo do anarquismo individualista não se cogitava lutar em prol de modelos sociais baseados no mutualismo, no coletivismo ou no comunismo, modalidades de convivência social contrárias à ordem natural das coisas, na medida em que almejam diluir as diferenças individuais em nome de um artificioso igualitarismo.(...) A possibilidade de existir na futura sociedade alguma forma de estrutura associativa entre os homens não era, contudo, inteiramente negada pelos anarquistas individualistas, mas tal associação deveria ter, necessariamente, caráter provisório, temporário” Ver:

LUIZETTO, Flávio. **As Utopias Anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.17-18.

⁷⁸ GARCIA, Victor. **Antologia del Anarcosindicalismo**. Caracas (Venezuela): Ruta – Base., 1988, p.367.

⁷⁹ CRISPIM, João. *Luta Proletaria, métodos e tendencias*. **Germinal!** São Paulo. 31 mai. 1913, ano I, n.11, p.1.

CAPÍTULO II - DESPONTAR, (DES)FAZER-SE, (RE)VIVER...

“(...) a sociedade há de ser a organização de uma série ilimitada de grupos, de associações, de federações, de comunas locais, regionais, universais, sem fronteiras, vivendo paralelamente, agindo pela livre e mútua cooperação, transformando-se ou sucedendo-se indefinidamente.”¹

A proposta da pesquisa foi avaliar algumas formas de expressão libertárias, indicativas e explicativas das prováveis continuidades e não de interrupções das atividades e experiências dos diversos grupos. De antemão, pressupôs-se a seguinte bipolaridade: se alguns dos grupos atravessaram determinado espaço de tempo com uma certa continuidade, não cuidavam primordialmente para que isso sinalizasse força do movimento. Por outro lado, se passaram por problemas, tropeços, suspensões, isso não quer dizer que atingiram um fim, uma ida sem volta, ou ainda que estavam demonstrando sua própria fraqueza e, por conseguinte, a fraqueza do movimento operário anarquista de uma maneira geral.

Algumas das várias partes deste todo, que ao longo do trabalho veio sendo chamado de uma Cultura Política Libertária, assumida e positivamente carregada de altos e baixos foram: a mobilidade dos participantes dos diversos grupos; seu inter-relacionamento associativo, ou seja, as formas de convivência e trocas de experiências, bem como expressões de solidariedade entre os diversos grupos; alguns momentos em que se percebeu o surgimento ou obscurecimento dos mesmos, levando em consideração 1) as repressões de que quase sempre eram vítimas, 2) as crises econômicas ao longo da história do Brasil e 3) os conflitos internos a cada grupo; e, como último elemento eleito, as Bases de Acordo ou os Estatutos dos respectivos grupos, cujos princípios gerais não se alteravam ao ressurgirem aqueles notadamente “desaparecidos”, às vezes com outros nomes.

¹ CARVALHO, Florentino. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social**. Porto Alegre: Sociedade Editora Renascença. 1927, 241p.

Outrossim, os grupos anarquistas não necessariamente estavam interessados, exclusivamente, em questões econômicas. Pode-se dizer que os libertários se reuniam como se reúne qualquer grupo de amigos. Conversavam sobre os mais diversos assuntos (política, religião, moral, economia), e havia, antes de tudo, tolerância em se escutar os diferentes argumentos. Algumas sedes onde pudessem se reunir eram fixas, outras eram provisórias e outras ainda variavam a cada reunião, ocorrendo, geralmente, nas residências dos militantes. Não havia um compromisso obrigatório, muito menos se exigia a antecedência do participante ou muito menos que esclarecesse suas práticas morais e éticas.

Apesar de os diversos grupos terem sido primordialmente centros de discussão, alguns, conforme Toledo², se especializavam em atividades concretas. A criação e manutenção de escolas, por exemplo, ficava sob a responsabilidade do grupo libertário *Germinal*; a publicação de livros e opúsculos ficava por conta do grupo *La Propaganda*; a responsabilidade por mandar buscar e receber publicações estrangeiras ficava a cargo do grupo *Filhos da Era Anarquista*. Ao *O Amigo do Povo* coube a criação de centros de estudos sociais e de bibliotecas, e a publicação do jornal que levava seu nome, cuja tarefa, às vezes, dividia com o grupo *Nuova Civiltá*. Quanto ao *Grupo Filodramático Libertário*, este se encarregava da organização de apresentações teatrais, como o próprio nome indica.

² TOLEDO, Edilene T. **O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.** 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História), IFCH, Unicamp, Campinas. 1993, p.60.

MOBILIDADE DOS MILITANTES

Um fato observado, no que diz respeito à inter-relação entre as organizações foi a participação de um mesmo indivíduo (geralmente um militante mais ativo), em várias organizações de uma só vez ou em várias delas, mas em períodos intercalados e/ou de forma sucessiva. Maram já havia detectado este fato ao fazer um estudo sobre a nacionalidade dos líderes operários. Segundo ele, “(...) *surgiram alguns problemas metodológicos, devido à grande mobilidade de muitos ativistas do período*”. Para exemplificar, cita o exemplo de Manoel Campos, que vivia “às voltas com a organização de operários em Santos, em 1912 e 1913, com a organização dos estivadores das docas do Rio, tramando a revolução em 1918, e de volta a Santos no ano seguinte”³. A partir de observação similar quanto à mobilidade dos participantes especificamente dos grupos libertários, surgiram algumas suposições no que diz respeito à comunhão de princípios, idéias e práticas entre os mesmos.

Desta forma, foi feita uma sistematização a partir do cruzamento entre os Micro Históricos (ao final deste capítulo) com relação às atividades de alguns dos seus componentes em mais de um grupo e/ou periódico anarquista, no sentido de demonstrar tal mobilidade⁴. Alessandro Cerchiai, por exemplo, participava do Grupo *La Battaglia* (1904-1912), sendo um dos redatores do periódico que tinha o mesmo nome; participou do Grupo *Pensiero e Azione* (1901-1903 e 1909), mais conhecido como Grupo do *Bom Retiro*; foi também um dos colaboradores responsáveis pelos periódicos: *La Propaganda Libertária* (1913-1914) e *La Nuova Gente* (1903), ambos ligados ao Grupo *La Propaganda*, sendo responsável

³ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro 1890-1920**. Tradução José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.21.

⁴ As informações que permitiram acompanhar a trajetória de alguns dos militantes mais combativos foram extraídas de fontes diversas. Trata-se, no entanto, de uma aproximação, no que me foi possível confrontar com as fontes primárias consultadas no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL).

também pelo periódico *O Amigo do Povo* (1902-1904), cujo Grupo também tinha esse nome.

Ângelo Bandoni, por sua vez, foi redator do periódico *Guerra Sociale*, mas também colaborava nos periódicos *La Battaglia* e *La Propaganda Libertária*. Arsênio Palácios foi um dos participantes do grupo editor do periódico *Remember* (Grupo *Nova Era*), mas fez parte igualmente do Grupo *Os Libertários*. Um outro interessante periódico anarquista – *A Greve* – editado pelo *Círculo Libertário Internacional* era redigido por Elísio de Carvalho e Mota Assunção, dentre outros, os quais ajudaram a difundir também *O Despertar*, *O Protesto*, substituído mais tarde pelo *O Golpe*, fundado por Mota Assunção, *Asgarda*, revista igualmente redigida por este e Elísio de Carvalho, além de *O Trabalhador*. E assim podem ser citados vários outros exemplos, tais como: Enrico D’Avino, Fábio Luz, Felipe Morales, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Giulio Sorelli, João Gonçalves da Silva e outros. (Ver mobilidade dos participantes dos grupos ao final deste capítulo)

Desta maneira, considero que o desfazer-se de um determinado grupo não significava a diluição das proposições que lhe serviam de base, posto que, muitas vezes, os mesmos princípios de um circulavam entre os diversos outros grupos e organizações. Tal constância dos fundamentos básicos dos grupos libertários se dava, muitas vezes, devido a esta mobilidade dos seus participantes. Isto esclarecido, percebe-se, de antemão, que havia um fio de continuidade e, sem dúvida, de força.

INTER-RELACIONAMENTO ASSOCIATIVO

Um dos indicativos de continuidade é a relação mútua entre as várias organizações. Na verdade, a própria *mobilidade* dos participantes e colaboradores dos diversos Grupos, tratada anteriormente é o indicativo primeiro deste caminho suscetível de outras interpretações. O que seria esta inter-relação? Seriam acordos de cooperação ou ajuda mútua entre, não somente os grupos, mas entre as mais diversas organizações e correntes ideológicas (sindicalistas, revolucionários, socialistas, anarquistas). Os objetivos poderiam ser os mais diversos: burlar as dificuldades financeiras, driblar a repressão e perseguição sofridas, ou simplesmente unir forças na busca de uma solução mais urgente para os problemas enfrentados.

É interessante perceber que a externalização dos diversos inter-relacionamentos entre os grupos, geralmente se dava através dos seus respectivos órgãos de propaganda. Ou seja, quando se falava de um grupo se juntar a outro, ao que tudo indica, o objetivo primordial era não deixar perecer seus periódicos. Há, por outro lado, indícios de união entre várias organizações, não delimitando-as apenas aos grupos, geralmente por ocasião de alguma greve, seja por setor, categoria, etc. Trata-se da “unidade na diversidade”, sendo que as diferentes correntes ideológicas acabavam optando politicamente pela mesma estratégia política de ação. No caso, a Ação Direta. Em tais momentos, o que reinava era uma espécie de “tolerância ideológica”⁵. Um exemplo seria a formação do *Comitê de Defesa Proletária – CDP* em 1917, que veio reunir anarquistas e socialistas.

Para analisar o inter-relacionamento entre alguns grupos, a partir dos dados disponíveis, a princípio resolvi subdividi-los em conjuntos, de forma a facilitar o entendimento de seu movimento. Por exemplo, os Grupos cujos nomes diziam

⁵ LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000, p.19.

respeito a algum bairro formam um conjunto. Os Grupos, cujos nomes tinham a ver com a dramaturgia social formam outro conjunto, aqueles cuja nomenclatura lembra regeneração, emancipação, liberdade, outro conjunto, e assim por diante. Além disso, na medida em que a relação entre um grupo e outro se explicitava, seja através dos nomes dos seus periódicos, participantes e outros indicativos, isto também serviu como critério de sistematização para posterior análise.

Em alguns grupos foi mais facilmente perceptível tal inter-relacionamento, em outros não. Por exemplo, o Grupo *Nuova Civilitá*, ao que tudo indica, foi fundado em 1901, sendo que sua única publicação até 1903 foi um opúsculo do *Il Primo Maggio*⁶, relativo ao 1º de maio (em que se comemora o Dia do Trabalhador). O jornal *O Amigo do Povo* (do Grupo de mesmo nome), na sua edição de nº36 (10 out. 1903), anunciava que a partir de 1 novembro de 1903, passaria a ser publicado em alternância com o periódico *La Nuova Gente*. Este, então pertencia ao Grupo *La Progapanda*, antigo *Nuova Civilitá*.

O Grupo *O Amigo do Povo* existiu entre 1902 e 1904, mas seu periódico foi editado por seu próprio grupo apenas até 20-09-1902, nº12. A partir de então, passou a ser publicado pelo Grupo *Nuova Civilitá*. Ou seja, a partir de setembro de 1902 seu grupo editor muda, pela primeira vez, e a partir de novembro de 1903 *O Amigo do Povo* passa a sair em alternância com o *La Nuova Gente*. Dentre outros grupos mais diretamente ligados ao *O Amigo do Povo* estavam o *Filhos da Era Anarchista*, e o Grupo *Filodramático Libertário*.

Quanto ao periódico *A Terra Livre*, conforme encontramos em seu primeiro número, de dezembro de 1905, veio em substituição ao órgão de propaganda *O Amigo do Povo* e à revista *Aurora*, (ver ao final deste capítulo o Micro Histórico do Grupo *O Novo Rumo*) sendo que teve continuidade até a sua edição de número 33. Já o periódico *O Novo Rumo*, do Rio de Janeiro, também lançado em dezembro de 1905, durou até 1910. No entanto, sabe-se que o mesmo deixou

⁶ Sabe-se que no ano de 1898 já havia saído uma edição do periódico *Il Primo Maggio*, mas naquela ocasião como suplemento do periódico *Il Risveglio*.

provisoriamente de ser publicado em 1906, por dificuldades financeiras. Tendo isto acontecido, o grupo editor de *A Terra Livre*, em abril de 1907, entrou em acordo com o grupo editor do *O Novo Rumo*, e passou a ser publicado também no Rio de Janeiro, semanalmente, de maio de 1907 até junho de 1908 (do nº.34 ao nº.62). Em junho de 1908, o *A Terra Livre* voltou a ser publicado somente em São Paulo, perdurando assim até 1910 (nº.75). Semelhantes entre si, quanto às suas idéias e objetivos, ambos periódicos eram caracteristicamente anarquistas e socialistas.

Houve, também, a existência do periódico *La Propaganda Libertária*, entre 1913 e 1914, e registra-se, apenas, duas interrupções: a edição de nº12, de 06-06-1914 e a de nº13, de 03-10-1914, sendo que, ao que tudo indica, ele foi substituído pelo periódico *Guerra Sociale*. Sabe-se que havia um Grupo *A Guerra Social* no Rio de Janeiro e um *Guerra Sociale* em São Paulo, sendo este último formado em 1915. O Grupo *Aurora Libertas* se utilizava do periódico *Guerra Social* (RJ) para fazer propaganda, isto em 1911. Quanto a seus respectivos periódicos tem-se que o *A Guerra Social*, do Rio de Janeiro, iniciou sua publicação em 29 de junho de 1911, tendo durado até setembro de 1912. Já o periódico *Guerra Sociale*, de São Paulo, foi fundado em setembro de 1915 e perdurou até outubro de 1917. Continuou, posteriormente, como *Alba Rossa*, passando este por duas fases ou séries, a primeira de 1919 a maio de 1920 e, a segunda, de 1921 a 1922. Também, ao que tudo leva a crer, o periódico *Guerra Sociale* (SP) foi uma continuação do *La Propaganda Libertária*. Um indicativo de que esta hipótese seja verdadeira é o fato de que, pelo menos três dos participantes mais ativos⁷ do periódico e respectivo grupo *La Propaganda Libertária* mantiveram-se, posteriormente, no *Guerra Sociale*.

Em 1901, surgia o periódico *La Battaglia*, cujo grupo levava o mesmo nome. Entre setembro e dezembro de 1903, iniciava sua publicação semanal, em

⁷ Ângelo Bandoni, Florentino de Carvalho e Gigi Damiani.

São Paulo, sendo que prevaleceu desta forma até 01 de setembro de 1912. A partir de setembro de 1912 transformou-se no *La Barricata*, assim permanecendo até 08 de março de 1913. Vale lembrar que de setembro de 1912 até março de 1913 o periódico *La Barricata* era editado junto com o periódico *Germinal!* Sendo que, de 16 de março de 1913 até 17 de agosto de 1913, as edições de ambos jornais saíam numa mesma folha. Como ilustração, temos que em 1 de maio de 1913 saiu uma edição especial conjunta do *Germinal* com o *La Barricata*. Ainda outro exemplo, no dia 17 de maio de 1913 saía um artigo no *Germinal* intitulado “*La sconfitta dei Coloni*”, escrito por Akratibis e logo em seguida, no dia 24 de maio do mesmo ano, saía, desta vez no *La Barricata* o seguinte artigo: “*Dopo la sconfitta... della giustizia*”, escrito por Uno Che S.A. Pelo título, pode-se perceber a inter-relação de tais periódicos e sua cumplicidade. Ainda a título de ilustração, desta vez visualmente, percebeu-se sua semelhança na impressão tipográfica, a partir principalmente dos seus respectivos títulos, como se pode notar:



Por mais extenuante que tenha sido extrair, sistematizar e compreender tais informações, ressalta-se sua importância enquanto percepção do imbricar entre os

vários grupos ou organizações libertárias. Torna-se evidente a sua inter-relação, a sua sobreposição, que equivale dizer que existia uma reciprocidade, uma permutação, uma troca solidária e/ou até uma estratégia de sobrevivência.

Ressalta-se que os periódicos dependiam de subscrição voluntária, ou seja, dependiam do compromisso dos anarquistas ou simpatizantes em contribuir de forma espontânea, para que o jornal fosse editado, impresso e distribuído. Para exemplificar, alguns avisos e pedidos de ajuda encontrados nos periódicos tinham, em geral, o seguinte teor:

“A *Guerra Social* não conta para a sua manutenção sendo com as assinaturas e a subscrição voluntária. Para que ela continue a sair regularmente e possa em breve passar a semanário, é preciso que os que sentem a necessidade da sua propaganda paguem já as suas assinaturas. Logo após ao aparecimento deste número, um grupo de camaradas vai começar o trabalho de cobrança, distribuindo o trabalho por arrabaldes. Em São Paulo o Grupo ‘Guerra Social’ vai fazer o mesmo. Estamos certos que todos procurarão facilitar o serviço desses companheiros, não os fazendo andar inutilmente.”⁸

“Ao iniciar a publicação do *Libertario* os camaradas que constituem o grupo editor, afim de poder dar-lhe vida, concordaram, entre si, concorrer para as despesas de publicação dos primeiros números, contando porém, para os seguintes com o auxílio de todos os camaradas. Não necessitamos portanto fazer apellos. Os que entenderem ajudar-nos que o façam. O que não há duvida, porem, é que o bom exito dos nossos esforços dependerá também do interesse que demonstrarem tomar os nossos camaradas.”⁹

“Este número da *Terra Livre* devia ter saído há duas semanas; mas a falta de dinheiro – sempre de prever nos começos duma publicação como a nossa – e ainda outras circunstâncias ocasionaram o atraso. (...) é preciso não nos abandonarmos à confiança.”¹⁰

Além das dificuldades financeiras do periódico, outras justificativas para a suspensão temporária de sua publicação podem ser encontradas. Uma delas é dada pelo jornal *La Propaganda Libertária*, que sentindo a grave crise econômica por que passava todo o país, não tiveram ânimo para impôr mais um sacrifício a um

⁸ Aos assinantes da ‘Guerra Social’. **A Guerra Social**. Rio de Janeiro. 15 out. 1911, n.7, p.3.

⁹ Avisos. **O Libertario**. Rio de Janeiro. 1 nov. 1904, n.1, p.1.

¹⁰ Aos Companheiros. **A Terra Livre**. São Paulo. 7 fev. 1906, n.5.

dato número de companheiros. Tal trecho, escrito em italiano em 3 de outubro de 1914, está transcrito e parcialmente traduzido no micro histórico do grupo. (Ver ao final deste capítulo o Micro Histórico do Grupo *La Propaganda Libertária*)

BASES DE ACORDO/ESTATUTOS

Apesar de alguns dos indicativos lançados anteriormente como expressões que podem ter levado a um desordenamento temporário do movimento operário anarquista no Brasil há, concomitantemente, indicativos de uma ordem do mesmo; o que vem a quebrar, de certa forma, algumas opiniões com relação ao anarquismo, formadas a priori. Neste sentido, as Bases de Acordo podem conter elementos de uma ordem seqüenciada e, quiçá, ininterrupta, constante. A partir de Estatutos ou Bases de Acordo encontradas, que não necessariamente dizem respeito apenas a grupos, acabam expressando uma certa força inerente aos mesmos. Força no sentido de persistência, crença em determinados princípios, em determinadas orientações, formas de administração e outros. Diz-se isto pelo fato de que, criadas e (re)criadas, seus princípios básicos, concordando com suas características ideológicas, mantinham-se inalterados.

Tentando sistematizar e tecer comparações a este respeito, observou-se alguns Estatutos, no que se refere à sua composição, princípios fundamentais, fins imediatos, meios de ação e/ou práticas e relações internas. Tais Bases de Acordo analisadas dizem respeito às seguintes organizações: *União Geral dos Trabalhadores*, publicadas no periódico anarquista *Guerra Sociale* (anno III, São Paulo, 20 de maio de 1917, nº.49, p.1), a título de sugestão para serem adotadas pelas Ligas Operárias de bairros – sociedades estas que estavam ressurgindo por ocasião da greve de 1917 em São Paulo; e ainda as Bases de Acordo da *Federação Operaria de São Paulo – F.O.S.P.*, que foram publicadas no periódico *A Plebe*, de 18 de agosto de 1917.

Observei, com relação à composição das respectivas organizações que todas, de caráter prioritariamente anarquista, propunham se constituir de um número ilimitado de sócios de ambos os sexos, sem distinção de classes, nacionalidades, religiões ou credos políticos. Entretanto, com as especificidades de cada tipo de organização. Ou seja, no caso do grupo ligado à dramaturgia, a exigência era de que os componentes (operários) fizessem parte das suas

respectivas associações de classe, bem como que estivessem quites com as mesmas.

As análises das bases de acordo, estou as diferenciando entre as de caráter sindicalista e as de caráter anarco-comunista, cujas comparações e diferenciações estão dadas, de certa maneira, na introdução deste trabalho. No que diz respeito aos seus *princípios fundamentais*, as organizações de caráter sindicalista, de uma maneira geral, estabelecem que seus respectivos associados: zelem pelos direitos de associação, de reunião e de livre propaganda dos princípios de emancipação social; trabalhem pelo desenvolvimento moral, intelectual, material e social de seus associados, defendendo-os em caso de perseguições ou injustiças por questões sociais; se esforcem pelo crescimento cultural dos trabalhadores, criando bibliotecas, promovendo conferências, palestras e excursões; difundam os seus jornais de propaganda, reivindicações e denúncias; editem livros, folhetos, etc., criem ou patrocinem escolas baseadas no método racionalista e científico; movam campanha contra o alcoolismo e todos os vícios que degeneram a espécie humana. Ressalta-se o seu caráter moralista.

Quanto aos *princípios fundamentais* das organizações de caráter anarquista sindicalista, no que diz respeito principalmente à economia (que é prioridade no caso destas organizações), eles defendiam a idéia de que todo ser humano tem direito a uma parte da riqueza natural (a terra) ou social, para que se possa instaurar novas e racionais formas de produção e distribuição, dando preferência aos que necessitassem de assistência especial.

Com relação aos *fins imediatos*, as organizações caracteristicamente sindicalistas participavam de ações para impedir o aumento dos preços dos alimentos; faziam campanhas para o barateamento dos aluguéis, bem como para que houvesse conforto e higiene nas residências; lutavam para que os trabalhadores não fossem forçados a executar serviços excessivos e brutais, e que trabalhassem em locais com a mínima higiene, segurança e conforto; exigiam

respeito recíproco entre os chefes, encarregados e operários; buscavam impedir o trabalho de menores e deficientes físicos em serviços próprios para adultos; buscavam conseguir que os operários em caso de desastre fossem indenizados dos dias que tivessem perdido e das despesas feitas com o seu tratamento, assim como lhes fosse garantida uma pensão equivalente ao salário que ganhavam, quando impossibilitados de trabalhar, e que a mesma revertesse em favor de suas famílias nos casos fatais; buscavam firmar a jornada de 8 horas; tentavam conseguir uma remuneração de 50% a mais sobre o salário em caso de trabalho extra; tentavam evitar a suspensão dos trabalhadores em caso de escassez de trabalho; buscavam conseguir com que os operários recebessem os salários correspondentes aos dias que deixariam de ganhar normalmente por causa de material ou de maquinário deficiente; buscavam fazer com que o trabalho noturno só fosse executado por adultos, homens, sem lhes prejudicar o repouso; tentavam conseguir o aumento dos salários na proporção do custo da vida; exigiam que o pagamento dos salários fossem feitos em dias determinados, durante o horário de trabalho e nunca depois de determinado dia útil; buscavam conseguir a abolição de todas as multas, descontos e mensalidades para caixas de associações organizadas pelos diretores ou patrões; buscavam fazer com que todos os trabalhadores, indistintamente, tivessem um dia de descanso na semana e tirassem férias anuais, com os respectivos vencimentos.

Em relação aos *meios de ação* utilizados por estas organizações, os mesmos podiam ser a formação de comissões internas das fábricas, as assembléias gerais, greves e sabotagem. No caso dos grupos ligados à dramaturgia, logicamente que o seu meio de ação singular eram os espetáculos, cuja renda devia ser revertida para determinadas causas as quais considerassem conveniente estar ajudando; ou ainda mediante solicitação de ajuda por outras organizações. No caso das organizações ou grupos editores, seus *meios de ação* perpassavam, sem dúvida, pela publicação de artigos, cujo pensamento dos seus autores estivesse em harmonia com a orientação dos respectivos grupos. Podiam também estar promovendo

conferências, assembléias, organizando uma biblioteca ou um centro de estudos, enfim, estreitando os laços de solidariedade com os trabalhadores das várias categorias.

Quanto aos *fins imediatos* das organizações de caráter anarco-comunista, sua proposta era basicamente estudar e prestar atenção em todos os aspectos e movimentos da vida econômica, política, moral e social para poder, se necessário, tomar as medidas pertinentes na defesa do interesse público. Apoiar todas as manifestações e agitações, fossem elas econômicas, morais, populares ou trabalhistas, que visassem o respeito ou a conquista de liberdades sociais. Propunham também se solidarizar com todos os indivíduos, vítimas por questões econômicas, sociais ou morais, que merecessem ser socorridos.

Pelo menos no periódico *A Plebe*, do dia 18 de agosto de 1917, são publicadas as propostas do *Comitê de Defesa Proletária*¹¹ para as Bases de Acordo que cada Liga Operária deveria, particularmente, discutir e sugerir emendas oportunas, apresentando-as, posteriormente, a uma convenção composta por seus representantes. Trata-se, no entanto, das mesmas Bases de Acordo da FOSP (Federação Operária de São Paulo)¹² que, por sua vez, eram as mesmas que já vinham sendo adotadas pelas Ligas Operárias dos bairros desde maio de 1917, dadas a conhecer por um periódico anarquista – o *Guerra Sociale*. O que vem provar, mais uma vez, que quem dava o tom do movimento operário, na época, eram os anarquistas. Tais Bases estão transcritas em anexo. (Anexo 2)

¹¹ O CDP foi constituído em 9 de julho de 1917 para organizar melhor os trabalhadores em greve e intermediar as negociações para por fim aos conflitos.

¹² As associações então filiadas à FOSP eram: União Geral dos Ferroviários; União dos Operários das Fábricas de Tecidos; União dos Trabalhadores Graphics; União dos Operários Metallurgicos; Liga Operaria da Construção Civil; União dos Operários da Companhia do Gaz; União dos Artifices em Calçados; União dos Operários Ceramistas; União dos Operários das Fábricas de Vidros e Crystaes; União dos Chapeleiros em Geral; União dos Alfaiates de São Paulo; Sociedade “A Internacional”, dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, etc.; União Graphica dos Lithographos; Liga dos Manipuladores de Pão; Liga das Cigarreiras e Manipuladores de Fumos; União dos Trabalhadores em Cortumes; União dos Officiaes de Barbeiro; União dos Canteiros em Pedra Granito do Estado de São Paulo; União das Costureiras e Alfaiates para Senhoras; Liga dos Operários das Fábricas de Doces; União dos Trabalhadores das Fábricas de Bebidas; Liga Operária do Bom Retiro; Sindicato Operário de São Caetano; Centro Operário de São Bernardo; Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires; União dos Canteiros de Cotia; Sindicato dos Canteiros de Lageado; Sindicato dos Canteiros de Itaquera; União dos Trabalhadores de Profissões Várias.

É importante salientar que, demarcadas as diferenças e especificidades com relação às características gerais das várias organizações, não há grandes diferenças entre os seus respectivos princípios organizativos, nos vários períodos (de crises econômicas, por exemplo) durante a Primeira República, o que leva a considerar que, surgindo e ressurgindo, uma organização poderia até mudar de nome, mas seus princípios, meios de ação, e fins imediatos mantinham-se praticamente inalterados.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O (DES)FAZER-SE DOS GRUPOS

Quanto aos períodos de maior ou menor efervescência do movimento operário, estes também poderiam ser apontados como mais um dos fatores indicativos para análise do movimento de criação e diluição dos grupos anarquistas. O Comitê de Defesa Proletária¹³, foi constituído em 1914 para mobilizar a população paulistana com vistas a enfrentar os problemas advindos da eclosão da Primeira Guerra Mundial, na Europa, cujos reflexos imediatos se fizeram sentir no Brasil. Tal Comitê defrontou-se com um ambiente desanimador no meio operário mas, principalmente, no seio da própria militância anarquista. O trecho a seguir, indica, então, suas propostas de ação e seu desafogo:

"Nós, os anarquistas, estamos sem coragem de sustentar uma séria e enérgica agitação contra a miséria (...)

Poucos foram os camaradas que tomaram a sério a agitação que teve início em princípio de agosto (...)

De que forma os 8 ou 10 camaradas que tentam levar a cabo uma agitação podem prosseguir sem esmorecer (...) se os seus esforços não são compreendidos e secundados nem pelos companheiros, nem pelos simpatizantes de suas idéias? (...)

É por isso que eu acho ser a ação de um comitê limitada às circunstâncias que o rodeiam. Não vejo nelle o organizador de agitações. (...) si não houver ambiente propício para uma ou outra coisa. (...)"¹⁴

Assim como houve períodos em que foram tomadas medidas repressivas, que inibiam o surgimento de novas organizações e a “permanência” das já existentes, houve também determinados períodos de abertura nos quais os trabalhadores não pensaram duas vezes para unirem forças, se organizando de forma mais combativa.

Além desse fator, houve, também, os períodos das crises econômicas que despertavam para a luta, para a solidariedade e, conseqüentemente, para a organização. Portanto, força/fraqueza pode estar ligado a um movimento de abertura/repressão, ou ainda, àqueles períodos em que as crises ficavam mais ou menos evidentes no âmbito da economia nacional e/ou mundial. Neste sentido,

¹³ Vale lembrar que, em 1917 esta mesma nomenclatura (de 1914) é novamente utilizada – CDP (Comitê de Defesa Proletária).

¹⁴ FELIPE, Rodolfo. *A ação de um Comitê. La Propaganda Libertária*, São Paulo, 24 out. 1914.

selecionou-se alguns autores que ousaram estabelecer certas divisões cronológicas, tentando identificar e justificar este movimento.

Tal quadro está em consonância com a periodização divisada por Dulles, em que houve uma onda de greves iniciada em 1901 e que permaneceu até 1907. Após 1908, teria havido uma mudança devido a uma recessão econômica que levou os empregadores a voltarem atrás nas suas promessas. Primeiro por que era um período em que podiam levar vantagem sobre o número crescente de desempregados e, segundo, por que tinham medo da ameaça de falência¹⁵. Este mesmo autor esclarece que em 1910, 1911 e parte de 1912 a Confederação Operária Brasileira (COB) e as federações operárias não foram muito atuantes¹⁶. O ano de 1913 foi um ano voltado para os comícios de protesto, principalmente no Rio de Janeiro¹⁷, tendo como tema principal a carestia de vida e a nova lei de expulsão de estrangeiros. Esta mobilização possibilitou a organização do segundo Congresso Operário Brasileiro. 1914 foi, então, um ano em que as atividades anarquistas já estavam mais animadas.

Trabalhando com uma periodização no sentido de explicitar o movimento dos grupos anarquistas em despontar, (des)fazer-se e (re)viver, cada um desses momentos sendo muitas vezes interpretados como força ou fraqueza do movimento operário, destaca-se alguns autores. Maram, por exemplo, inicia sua análise periódica a partir de 1890, que teria sido um marco, sendo o ano em que foi fundada a *União dos Trabalhadores Graphicos*, uma das primeiras associações de classe de São Paulo. Tal associação teria permanecido forte até o ano de 1895. Deste ano até 1913 enfraqueceu-se, voltando a se reorganizar em junho de 1919. Abordando a questão enquanto “descontinuidade” e esta semelhante a problema, arrisca afirmar as causas dos contínuos “fracassos”. Estes, ou eram devido à

¹⁵ DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Tradução de César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição, 1977, pp. 26-27.

¹⁶ DULLES, John W. F. Op Cit. p.30.

¹⁷ Idem, p.33.

repressão ou devido a *conflitos internos*¹⁸. Também faz uma correlação entre as atividades operárias e os índices anuais de expulsão. Para isto analisa uma tabela de “Expulsão de Estrangeiros – 1907/1921”, em que constata o impacto que as deportações tiveram sobre o trabalho organizado. Ou seja, a correlação quase direta entre o nível de expulsões e o nível de agitação operária. Nos mesmos anos (1907, 1912, 1913, 1917, 1919 e 1920) em que constatou-se maior atividade por parte dos operários, no país, foram os mesmos em que o índice de deportados esteve mais elevado. Concomitante a isto, o que houve entre 1914 e 1916 foi um enfraquecimento dos sindicatos, de maneira geral, devido à depressão econômica. De 1917 a 1920 constatou-se a existência de uma onda quase contínua de greves, justificada pelo grau de organização do movimento operário¹⁹.

Hardman toca no conceito de “tempo histórico”, exatamente como mais um fator do qual, segundo ele, depende não só as formas que vão determinar e caracterizar as várias organizações, mas também a maior ou menor incidência, quantitativa, de criação e/ou extinção das mesmas. Desta maneira, em determinados momentos ou períodos, percebe-se o surgimento de organizações com características, objetivos, princípios que são ditados por este ou aquele contexto; e é também em determinados períodos que se percebe um aumento ou uma diminuição do número de organizações de uma maneira geral²⁰.

Um outro enfoque subdivide o período da Primeira República em três grandes eixos, a partir das imagens feitas sobre e a partir do próprio operariado no Brasil. A maneira como Seixas focalizou o assunto, dando destaque à dimensão afetiva, permite compreender as flutuações de identidade, pelas quais os trabalhadores vieram passando de forma sucessiva²¹. Um primeiro período (1890 a 1903) seria o da “ignorância”, depois um segundo período, em que o

¹⁸ MARAM, Shelson Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro 1890-1920**. Tradução José Eduardo Ribeiro Moretzohn. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, pp.29-30.

¹⁹ Idem. pp.43-44.

²⁰ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria Nem Patrão – vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.32.

²¹ SEIXAS, Jacy Alves de. *O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: A Problemática da (RE)Construção da Identidade Operária*. In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, (11): 213-232, Jul./Dez. 1994.

proletariado seria tido como “apático”, imagem esta que perduraria até os anos 1920 e um terceiro momento que espelharia a “fraqueza” do movimento (de 1919 a 1929). No entanto, para a autora, cada uma dessas imagens criadas com relação ao proletariado brasileiro possui um correlato, um duplo. A imagem do operariado *apático*, por exemplo, não deve ser percebida apenas a partir da sua negatividade, mas também a partir do inverso disso que ela suscita, ou seja, a ação. Assim, a imagem de apatia refletida pelo proletariado, em determinados momentos, e na qual ele não deixava de se reconhecer, é que fazia com que recorresse a si mesmo no sentido de um rompimento com essa apatia²². Assim como a *apatia*, igualmente a *ignorância* e a *fraqueza* tiveram a sua dupla face. Sendo que, para Seixas, cada uma de tais imagens estaria sendo utilizada no sentido de que se rompessem com seus aspectos negativos, esperando e querendo exatamente o seu contrário. É como se tais imagens fossem utilizadas para sacudir, acordar, fazer agir o proletariado em estado de letargia.

Se o que rompe a apatia é a luta, a ação, então a organização surge como um efeito dessa agitação, dessa luta. Isto até os anos 20, quando acontece uma inversão, ou seja, é a organização que passa a levar à ação. Neste sentido, o estudo de Seixas²³ nos leva a perceber que as organizações nunca deixaram de surgir. A diferença é que até os anos 20 enquanto conseqüência da ação e, depois, enquanto motivadora da ação. Se isto é fato, explica-se o por que do pipocar súbito de numerosas associações libertárias, principalmente até os anos 20. Ou seja, era na própria ação que os grupos deixavam-se entrever. As ações eram proporcionais aos descontentamentos, daí que na luta por melhorias, as organizações se dessem de forma instantânea. Por outro lado, fruto de um processo revolucionário, organizar-se tornava-se essencial. A sua constância, no entanto, não era primordial, permanecia-se enquanto grupo apenas até se atingir determinado alvo. Nesse sentido, a explicação parte dos próprios libertários:

²² Idem. p.217.

²³ SEIXAS, Jacy Alves de. *O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: A Problemática da (RE)Construção da Identidade Operária*. In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, (11): 213-232, Jul./Dez. 1994.

“O grupo La Propaganda não é um grupo permanente, nem fixo; isto é sua atividade depende de circunstâncias de índole diversa, por exemplo a publicação de um opúsculo; a ajuda material e moral aos revolucionários... agilizar com cada meio a educação racional da infância, etc. Alcançado o escopo o grupo se dissolve: heis porque não é permanente. O grupo não é fixo, porque não tem, nem crê necessário ter um local próprio... Esta tática nos foi ditada, ou melhor imposta, pelo perigo de fossilização que gravita sobre todos os grupos permanentes e fixos... e sobretudo pelo amor que cada anarquista deve sempre ter pela sua integral independência individual.”²⁴

Como se viu anteriormente, são várias as formas de periodizar e justificar a força ou a fraqueza, em determinados momentos, do movimento operário na Primeira República. Depende do ponto de vista. Exatamente por isto, optou-se por se conduzir a análise dos grupos aqui selecionados, tendo o bom senso de periodizá-los a partir deles próprios.

Alguns casos específicos, nos vários conjuntos de grupos (de bairros, culturais/teatrais, editoriais, etc.), podem ser exemplares dos períodos em que pode ter havido maior ou menor manifestação dos mesmos. Assim, a tentativa será expor, da melhor maneira possível, a visão que se teve sobre tais períodos, sendo que, infelizmente, sobre alguns deles, descobriu-se somente que estavam ativos em determinado ano, sem uma confirmação de quando realmente despontaram, (des)fizeram-se ou quando “viviam”.

GRUPOS DE SÃO PAULO	DESPONTAR	(DES)FAZER-SE	EM ATIVIDADE
Nuova Civiltá	1901	1903	
La Propaganda Libertária	1901	1905	
Pensiero e Azione (ou do Bom Retiro)	1901	1909	
O Amigo do Povo	1901	1904	

²⁴ **La Battaglia**, São Paulo, 19 mar. 1905, n. 35.

Filodramático Libertário	1902	1905	
La Battaglia	1903	1913	
Libertário Germinal	1904	1907	
Novo Rumo (RJ)	1905	1910	
Guerra Sociale	1911	1917	
La Barricata	1912	1913	
Pietro Acciarito			1898
Filhos da Era Anarchista			1902
Salvochea			1903
Jovens Libertários			1904
Filodramático Juvenil			1904
Reducci Garibaldini			1906
Giuventú Libertária			1909
Ponte Grande			1909
Aurora ou do Cambuci			1909
Aurora Libertas			1911
Sem Pátria da Lapa			1914
Juventude Anarquista			1921
Nova Era			1921
Regeneração Social			1922
Jovens do Futuro		1923	1922
A Voz do Sapateiro			1927/1928
Teatro Social			1928
Teatral Aurora			1928

Conforme as efemérides de Everardo Dias, no período de 1908 a 1912, em que as organizações foram vítimas de repressão intensa e conflitos internos, diminuiu-se o surgimento de organizações libertárias, sendo que também foi quando houve o (des)fazer-se de muitos grupos. Levando tal hipótese para os dados que disponho, no quadro anterior, é possível apontar para o surgimento apenas do grupo *Guerra Social* (RJ). É complicado, no entanto, ficar fazendo este tipo de análise e comparação apenas a partir dos grupos, quanto aos seus períodos

de maior ou menor ebulição, num universo de organizações que é muito maior, e ainda com as poucas informações obtidas.

Deixando tais análises estatísticas de lado, volta-se aos possíveis motivos que podem ter levado ao que se chama aqui dissolução (temporária), de determinados grupos, não significando, como se está desvelando, sua “fraqueza”, seu fim. A questão da repressão, na grande maioria dos escritos, foi uma prática constante durante toda a 1ª República, sendo que em determinados períodos ela se intensificava. No ano de 1904, o governo da República já iniciava “*as primeiras medidas de repressão contra a organização dos trabalhadores*”²⁵, que vieram tornar-se fato realmente vultoso em 1907, quando da promulgação da “Lei de Expulsão” de estrangeiros, sendo que antes disso, as perseguições injustas eram cada dia mais comuns. A título de ilustração, os jornais, em janeiro de 1906, informavam que havia sido assinado “*um pacto entre as polícias da Argentina, Uruguai e Brasil para de comum acordo dar perseguição aos ‘ladrões, cáftens e anarquistas*’”²⁶. Por aqui percebe-se a que espécies de indivíduos os anarquistas eram assemelhados. Os militantes anarquistas eram considerados criminosos comuns, apesar das garantias constitucionais aos cidadãos, sendo perseguidos, processados e até expulsos pelas suas práticas de propaganda e ação. A seguir, estão transcritos trechos de um relatório policial²⁷ que explicita, além dos métodos repressivos então utilizados pelo Estado, o juízo que as autoridades faziam dos libertários:

“Em abril de 1894 (...) o dr. Teodoro fez prender a dez dos mais salientes sectários daquela propaganda, os quais tendo tido ordem de deportação foram remetidos para a Capital Federal, onde permaneceram presos até 1º de dezembro do mesmo ano.

²⁵ DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, 2ª edição, p.248.

²⁶ DIAS, Everardo. Op. Cit., p.250.

²⁷ O texto de onde foi retirado este trecho, encontra-se na íntegra em anexo, ao final do trabalho.

Postos em liberdade (...) aqui se constituíram em novo grêmio de propagandistas, fundando jornais e publicações perigosas para a ordem pública e realizando reuniões secretas de intuítos francamente anarquistas.

Ao assumir esta Chefia (...) determinei que se buscassem as necessárias providências, seguindo-se todos os passos dos sectários, até que pudessem eles ser presos em flagrante, (...).”²⁸

Nos anos 20, quando do processo de organização dos industriais, a questão da repressão tomava novos rumos, como pode ser percebida pela circular emitida pelo Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem de São Paulo:

“CONFIDENCIAL

Amigos e Srs.

Temos a honra de informar a V. Sas., confidencialmente, que a polícia, aproveitando-se dos dias anormais que atravessamos recentemente²⁹, destruiu tudo quanto se continha nas sedes das associações de classes operárias. Assim, o grêmio dos operários em indústrias têxteis, em via de organização, desapareceu, como desapareceu o grêmio dos sapateiros, que era bem organizado.

Foi uma medida acertada, a nosso ver, e que nos põe a salvo de inquietações por via de futuras greves.

Somos, com alta estima e apreço

Amgs. Crds. Obds.

Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem

Gerente”³⁰

Tais documentos indicam uma perseguição e uma vigilância constantes, movimentando-se, inclusive horizontalmente, de um chefe de polícia para outro. Daí o por quê de se considerar a repressão como um dos fatores importantes na percepção das (des)continuidades organizacionais. Por outro lado, indicativo de

²⁸ Relatório apresentado ao Secretário dos Negócios da Justiça do Estado de S. Paulo pelo Chefe de Polícia, Bento Pereira Bueno, em janeiro de 1896, São Paulo, Tipografia a Vapor Espindola Siqueira e Comp., 1896, pp.10-22 (AESP). In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. **A Classe operária no Brasil, 1889-1930** – condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado, volume II. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp.240-41. (Ver Anexo 1)

²⁹ Trata-se da revolução de 1924, quando forças rebeldes do Exército e da Força Pública tomam a cidade de São Paulo em julho. O estado de sítio, concedido a partir de então, serve como pretexto para a investida policial contra as associações operárias.

³⁰ Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem, *Circular* n° 346, 14 ag. 1924 (AEL). In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. **A Classe operária no Brasil, 1889-1930** – condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado, volume II. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp.210-11.

prováveis (re)nascimentos das organizações, após suas sedes e participantes serem vítimas de repressão, temos a seguinte informação: em 15 de setembro de 1911 “reorganiza-se a Liga Operária de Sorocaba (São Paulo), fechada pela polícia e ao mesmo tempo funda uma escola noturna”³¹. Isto é, além de voltar às suas atividades, fica patente que retorna com mais energia.

Quanto às desavenças existentes nos grupos libertários, estas poderiam se dar entre brasileiros e imigrantes; entre os próprios imigrantes (diferenças étnicas), os quais procediam de regiões variadas dos seus países de origem (principalmente os italianos)³²; mas também poderiam ser devido a questões ideológicas (valores, opiniões, ideais políticos, etc.). Um exemplo deste último caso seriam os “rachas” entre os anarquistas reformistas e os anarquistas revolucionários, sobre o que já foi dito no primeiro capítulo deste trabalho.

Havia, também, por parte de alguns autores, opiniões manifestamente prematuras, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. Por um lado, o trabalhador brasileiro foi interpretado como não sendo possuidor de uma tradição de classe na qual pudesse basear-se, talvez exatamente por isso prestando serviços desqualificados, inferiores, sempre sob ordens alheias. Sendo assim, os brasileiros acabavam sendo alvo do “ressentimento” dos militantes imigrantes, já que, durante as greves, convertiam-se nos “Krumiros” (fura-greves) sobre os quais já se falou anteriormente. De acordo com Maram, os brasileiros, por seu lado, também “ressentiam-se” dos imigrantes, pois estes ostentavam sobre aqueles uma certa superioridade cultural³³. São representações dissonantes que podem ter levado a desacordos e daí a um (des)fazer-se, provisório, de alguns grupos. Já entre os próprios imigrantes o choque apoiava-se na questão da língua ou do dialeto, que, igualmente, podem ter feito “abortar muitas tentativas de

³¹ DIAS, Everardo. Op. Cit. p.272.

³² ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os Italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³³ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro 1890-1920**. Tradução José Eduardo Ribeiro Moretzohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.30.

organização, e ocasionaram o declínio (temporário) de muitos sindicatos”³⁴ mais um ponto circunscrito ao movimento operário e anarquista brasileiro.

Quanto às diferenças ideológicas, que também levavam a conflitos no interior das organizações, uma estava em primeiro lugar. Trata-se das “*duas correntes mais expressivas que iriam agitar o ambiente paulistano*”³⁵ nas décadas iniciais do século XX: o anarquismo comunista e o anarquismo sindicalista. Sendo que os militantes deste último estavam mais ligados ao movimento operário e às organizações sindicais. Os anarquistas comunistas, por sua vez, divergiam dos sindicalistas, corrente esta que diziam ter um aspecto reformista, imediatista. E seu medo era que “*as propostas de lutas por melhorias imediatas acabassem se sobrepondo ao objetivo maior*”, qual seja, findar o regime capitalista de produção³⁶.

Apesar de ter havido, em determinados momentos, uma espécie de tolerância ideológica, principalmente devido o fato de que tinham em comum a estratégia de Ação Direta, as divergências e trocas de acusações cheias de condenações corrosivas, também podem ter sido uma das causas da decomposição (interina) das organizações. De acordo com as informações encontradas e sistematizadas nos micro-históricos dos grupos, temos o seguinte quadro indicativo de suas principais características:

Grupos Anarquistas	Principal Característica
--------------------	--------------------------

³⁴ MARAM, Sheldon Leslie. Op. Cit. p.31.

³⁵ LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000, p.18.

³⁶ LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000, p.19.

A Voz do Sapateiro	Sindicalista
Nuova Civilitá	Sindicalista
La Propaganda Libertária	Comunista
Pensiero e Azione (ou do Bom Retiro)	Socialista
O Amigo do Povo	Socialista e Sindicalista
Os Libertários	Socialista e Sindicalista
Filodramático Libertário	
La Battaglia	Comunista
Libertário Germinal	Sindicalista (até 1910) e Anarco-Comunista (após 1910)
Novo Rumo (RJ)	Sindicalista
Guerra Social (RJ)	Comunista (até 1911) e Sindicalista (após 1911)
Guerra Sociale (SP)	Comunista
La Barricata	Comunista
Pietro Acciarito	
Filhos da Era Anarchista	Socialista
Salvochea	
Jovens Libertários	
Filodramático Juvenil	Comunista
Reducci Garibaldi	Anti-militarista
Giuventú Libertária	
Ponte Grande	Socialista e Sindicalista
Aurora ou do Cambuci	
Aurora Libertas	Socialista
Sem Pátria da Lapa	
Juventude Anarquista	
Nova Era	
Regeneração Social	
Jovens do Futuro	Comunista Sindicalista Revolucionário
A Voz do Sapateiro	Sindicalista
Teatro Social	
Teatral Aurora	
Anarquistas de São Paulo e do Brasil	
Syndical	
Os Libertários	Socialista anárquico

Observa-se que, entre os grupos, havia o que chama-se aqui de diferenças ideológicas, que acabaram por arrastar consigo os conflitos internos e, conseqüentemente, a (des)continuidade passageira das respectivas organizações. Tais tendências opostas davam-se tanto no interior de cada um dos grupos, sabendo-se que dentre alguns de seus participantes muitos deviam pensar e acreditar em formas de luta e organização diferentes, quanto entre os diversos grupos libertários. No entanto, havia um princípio que era comum a ambos Grupos – a Ação Direta – e constatou-se haver uma certa “tolerância ideológica” entre os mesmos, em determinados momentos, daí entender-se sua dissolução enquanto temporária.

MICRO HISTÓRICOS DOS GRUPOS

GRUPO A VOZ DO SAPATEIRO¹

Sede	- São Paulo – SP - Sua redação e administração era na Rua das Flores, nº 9, sobrado.
Órgão Periódico	- A VOZ DO SAPATEIRO
Trajetória Periódica do Grupo	-
Trajetória Periódica do Periódico	- 10 dez. 1927, ano I, n.1; - 10 jan. 1928, ano I, n.2;
A que veio o Grupo	-
A que veio o Periódico	- Era um órgão da Corporação dos Trabalhadores em Calçados, editado pelo grupo A Voz do Sapateiro.
Participantes do Grupo	-
Participantes do Periódico	- José Salvador: foi seu diretor e fundador; - João Lombello: foi seu gerente; - A. Mutano: foi seu gerente;
Outras informações do Grupo	
Outras informações do Periódico	- Anarquista sindicalista - Seu tamanho no primeiro número era 47 x 33, tinha 4 páginas; - Seu tamanho no segundo número era 48 x 33, tinha 4 páginas; - Publicava anúncios. - Seu Dístico: “Companheiros! Empregai as horas que vos sobram do labor diário em prol da nossa organização sindical”.

¹ Fonte: os quadros apresentados a seguir foram elaborados a partir do cruzamento de fontes diversas, listadas antes das referências bibliográficas.

GRUPOS ANARQUISTAS DE SÃO PAULO E DO BRASIL

Sede	- São Paulo – SP - Sede do periódico: Rua Gerônimo Albuquerque, nº 21, São Paulo (Isto em março de 1934);
Órgão Periódico	- O REBELDE - O TRABALHADOR (que divulga “O Rebelde”)
Trajectoria Periódica do Grupo	-
Trajectoria Periódica do Periódico	-
A que vieram os Grupo	-
A que veio o Periódico	- Órgão do Comitê de Relações dos grupos anarquistas de São Paulo;
Participantes dos Grupos	-
Participantes do Periódico	- O REBELDE: Francisco Neves: foi seu redator responsável; - O TRABALHADOR: Redatores Mota Assunção, Elísio de Carvalho e Maria de Oliveira, dentre outros.
Outras informações dos Grupos	- Filiados ao Comitê de Relações;
Outras informações do Periódico	- Quinzenário; - Não aceitava assinaturas, o seu preço era voluntário e não garantia a regularidade de sua saída;

GRUPO AURORA LIBERTAS

Sede	<ul style="list-style-type: none"> - São Paulo – SP - Inicialmente funcionou à rua Dias da Costa, 9; posteriormente à rua do Senado, 196 e, por último à rua da Alfândega, 182, sobrado; <p>OBS.: Nestes dois últimos endereços funcionou também o periódico A GUERRA SOCIAL do Rio de Janeiro no ano de 1912.)</p>
Órgão Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - AURORA E LIBERTAS (SP) - O Grupo passou a se utilizar do periódico A GUERRA SOCIAL (RJ) para difundir suas idéias ou fazer algum anúncio;
Trajectoria Periódica do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Sabe-se que existia no ano de 1911;
Trajectoria Periódica do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - AURORA E LIBERTAS (SP) – Dissolveu-se entre maio e agosto de 1912, conforme informação publicada no A Guerra Social (RJ) 14 ago. 1912, n.23. (Não consta informações sobre o mesmo no AEL); - A GUERRA SOCIAL (RJ) – ver micro-histórico do Grupo A Guerra Social; (Referência p/ pesquisa no AEL: 1911 – MR/0764, MR/0195, MR/0077, MR/0006 e 1912 – MR/0195, MR/0077, MR/0006)
A que veio o Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Sua atividade era publicar folhetos de propaganda;
A que veio o Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - A GUERRA SOCIAL (RJ) – <p>“Combater toda a forma de autoridade, de exploração, de fanatismo religioso. (...) lutar pela emancipação dos tiranizados (...) combaterá o parlamentarismo, assim como todos os paliativos políticos e associativos que aniquilam no povo as suas melhores energias(...) propagará (...) a organização com caráter revolucionário, onde, não se procurando deter a acção nas conquistas de efêmeros melhoramentos, a preparar o trabalhador para a greve geral revolucionária. (...)”</p> <p>(Sem título. A Guerra Social. Rio de Janeiro. 29 jun. 1911, ano I, n.1);</p>
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - Administrador: João Arzua; - Amaro Porto;
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Sua atividade principal era a publicação de folhetos de propaganda; - O periódico A GUERRA SOCIAL cita tal grupo em um de seus números, no ano de 1911; <p>“(...) Vejamos: em São Paulo existem os grupos ‘Aurora’ e ‘Libertas’ que desde o seu início se dedicaram a editar folhetos tendo até hoje lançado á luz da publicidade os seguintes: A Mulher e o Militarismo 10.000 exemplares; O Programa Socialista Anarquista Revolucionario, 10.000 ex.; e O Evangelho da Hora, 5.000 ex.”</p> <p>(FERREIRA, Nilo. Vida anarquista: o que ha a fazer. A Guerra Social. Rio de Janeiro. 15 out. 1911. Anno I, n.7.)</p>
Outras informações do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - Semestral; - Anarquista Socialista; - Internacionalista; - Anti-patriotista; - Anti-militarista; - Anti-clerical; - Subscrição voluntária; - Tinha um colaborador de São Paulo que era Gigi Damiani e outro em Lisboa que era Neno Vasco; - Ver mais informações no micro-histórico do Grupo GUERRA SOCIAL;

GRUPO AURORA ou GRUPO DO CAMBUCI

Sede	- <i>São Paulo - SP</i> - <i>Não tinha uma sede com endereço próprio, reunindo-se aqui e ali nos bairros baixos da cidade (Lavapés, Brás, Cambuci)</i>
Órgão Periódico	
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1909;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	- <i>Enrico D'Avino;</i> - <i>Pietro Frigeri: foi um dos seus diretores;</i> - <i>Vella Onofri: foi um dos seus diretores;</i> - <i>Possuía uns 40 aderentes e contribuintes voluntários;</i>
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- Anarquista; - <i>“Distribuíá opúsculos de propaganda, organizava farras e bailes, onde freqüentemente ocorriam rixas sangrentas, por existirem no grupo diversos ladrões e desajustados.”</i> (TOLEDO, Edilene T. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993, p.46). OBS.: <i>Havia também neste bairro, no ano de 1906, um “Círculo Socialista Enrico Ferri”;</i>
Outras informações do Periódico	

GRUPO FILHOS DA ERA ANARCHISTA

Sede	- <i>São Paulo – SP</i>
Órgão Periódico	- <i>Provavelmente era um grupo que estava em torno do Jornal e Grupo O AMIGO DO POVO;</i> - <i>Rua Guilherme Maw, 38;</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1902</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	- <i>1901 a 1904;</i> - <i>Em 11 jun. 1904, em sua edição de n.54, avisava das dificuldades financeiras, alertando para sua possível suspensão, que acabou acontecendo em novembro de 1904, sendo sua última publicação a de n. 63;</i> - <i>Referência para pesquisa no AEL: 1901 – MR/0003; 1902 – MR/0193, MR/0076, MR/0003; 1903 – MR/0193, MR/0008, MR/0003; 1904 – MR/0193, MR/0008;</i>
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	“(…) os nossos companheiros e os sympatizantes poderão aprender muita coisa e conseguirem assim formar uma consciencia anarchica, para que não se reproduzam factos que deslustram a idea.” (O Amigo do Povo , anno I, São Paulo, 19 abril de 1902, n.1, p.1);
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	- <i>Benjamim Mota;</i>
Outras informações do Grupo	- <i>Sobre a necessidade que a propaganda se fizesse em português:</i> “... a iniciativa tomada pelo grupo “(…)” para a publicação de um opúsculo de propaganda em português” (O Amigo do Povo , 5 set. 1902, n° 7.); - <i>Para isto organizaram uma festa a 7-6-1902 no Cassino Penteado, quando a polícia interveio e prendeu “os camaradas”;</i> - <i>Segundo Edilene Toledo a especialização e/ou responsabilidade deste grupo era “ mandar vir publicações estrangeiras”.</i>
Outras informações do Periódico	- Socialista anarquista; - <i>Redigido em Portugues;</i> - <i>Ver mais informações no micro-histórico do grupo O AMIGO DO POVO;</i>

GRUPO FILODRAMÁTICO JUVENIL

Sede	- <i>São Paulo – SP</i>
Órgão Periódico	- <i>Provavelmente tinha alguma ligação com o LA BATTAGLIA já que foram encontradas informações a seu respeito no trabalho de Carlo Romani, sobre Oreste Ristori, o qual participava do LA BATTAGLIA;</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1904;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	- <i>de 1903 a 1913 (389 números);</i>
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	- <i>Oreste Ristori;</i>
Outras informações do Grupo	- <i>Na noite de 30 abr. 1904 o grupo representou as peças de Pietro Gori - "Primo Maggio" e "Ideasse";</i>
Outras informações do Periódico	- <i>Anarquista Comunista;</i> - <i>Ver mais informações no micro-histórico do grupo LA BATTAGLIA;</i>

GRUPO FILODRAMÁTICO LIBERTÁRIO

Sede	- <i>São Paulo – SP</i>
Órgão Periódico	- <i>Não se sabe se tinha um só órgão em particular, mas os jornais LA BATTAGLIA e O AMIGO DO POVO, fizeram referência a tal grupo, respectivamente em 31 dez. 1905 e em 06 dez. 1902;</i> - <i>Por outro lado, segundo o trabalho de Edilene Toledo, pode ter sido um dos grupos que faziam parte ou que participavam com funções específicas do grupo "O Amigo do Povo";</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>Segundo as informações acima é certa a sua existência entre 1902 e 1905.</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	-
A que veio o Grupo	- <i>Era um grupo encarregado de organizar apresentações teatrais;</i>
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	-
Participantes dos Periódicos	<i>O AMIGO DO POVO:</i> - <i>João Chagas;</i> - <i>Chaughi;</i> - <i>Émile Janvion;</i> - <i>Felipe Morales;</i> - <i>Carlos de Miranda;</i> - <i>Luigi Magrassi;</i> - <i>Luis Bertoni;</i> - <i>José Fernandes;</i> - <i>Dr. A Corre;</i> <i>LA BATTAGLIA:</i> - <i>Gigi Damiani;</i>
Outras informações do Grupo	- <i>Apresentou-se no dia 31 dez. 1905 numa festa organizada pelo jornal LA BATTAGLIA, no Salão Alhambra (Galeria de Cristal), representando as peças: "A Via de Saída", "Rebelião", "Triste Carnaval";</i> - <i>No jornal O AMIGO DO POVO, de 6 dez. 1902, há uma referência de que este grupo organizaria uma festa no salão São Roque. A professora Jacy acredita que devia se tratar de apoio à greve dos operários da Oficina Mayrink.</i> - <i>Realizou um espetáculo, na noite do dia 1º de Maio de 1906, em favor das famílias dos revolucionários russos executados, encarcerados ou enviados para a Sibéria no ano anterior;</i>
Outras informações do Periódico	- <i>LA BATTAGLIA: Anarquista Comunista;</i> - <i>O AMIGO DO POVO: Socialista Anárquico;</i> - <i>Ver mais informações nos micro-históricos dos respectivos grupos;</i>

GRUPO GIOVENTÚ LIBERTÁRIA

Sede	- <i>São Paulo - S.P;</i>
Órgão Periódico	-
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>Existia em fevereiro de 1909;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- <i>No dia 14-2-1909 eles fizeram apresentações teatrais em benefício de uma escola laica da "Água Branca";</i>
Outras informações do Periódico	

GRUPO JOVENS DO FUTURO

Sede	- São Paulo - SP; - Endereço: Largo do Riachuelo, 56;
Órgão Periódico	- A VOZ DA UNIÃO
Trajectoria Periódica do Grupo	- 1922;
Trajectoria Periódica do Periódico	- Entre 1922 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0068) e 1923 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0068 e/ou MF/0957); - Seu 2º número foi de junho de 1922;
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	- Porta Voz dos empregados em cafés, confeitarias, bares e anexos de São Paulo, editado pelo Grupo Jovens do Futuro;
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	- Souza Passos: foi um de seus redatores; - Nicola Parada: foi um de seus redatores; - A. Teixeira: foi um de seus redatores; - A Carvalho: foi um de seus administradores; - Cristiano Maia: foi um de seus administradores; - Fábio Luz: foi um de seus colaboradores; - José Romero; - J. P. Gutierrez; - Amália Boris; - Umbellina A. Malhadas; - Renaldo Toledo; - Philippe Romero;
Outras informações do Grupo	- Anarquista ; - Era encarregado da editoração do periódico A VOZ DA UNIÃO;
Outras informações do Periódico	- Mensário; - Faziam publicidade; - Anarquista Comunista Sindicalista Revolucionário ; - Quem respondia as correspondências no Ano I, nº 8, de 4 nov. 1922, era Souza Passos, sendo sua publicação mensal; nesta ocasião seu preço ao ano era de 5\$000, seu preço avulso era \$100 réis. - Publicava anúncios, seu tamanho era 43 x 32 e possuía 4 páginas. - No seu segundo número, havia uma homenagem ao anarquista João Martins Domingues, por ocasião de sua morte; - Foi registrada uma polêmica entre Fábio Luz e Astrogildo Pereira; sendo que no periódico nº 8 de 4 nov. 1922 foi publicada uma resposta de Fábio Luz a Astrogildo Pereira;

GRUPO JOVENS LIBERTÁRIOS

Sede	- <i>São Paulo - SP;</i>
Órgão Periódico	
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1904;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- <i>Anarquista;</i>
Outras informações do Periódico	

GRUPO JUVENTUDE ANARQUISTA

Sede	- <i>São Paulo – SP</i>
Órgão Periódico	- <i>O PROTESTO;</i> - <i>REMEMBER;</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1921;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	- <i>O PROTESTO: 14 jul. 1921;</i>
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	- <i>O PROTESTO: Seu lema era: “É preferível que os campos fiquem cobertos de sangue do que habitados por escravos”.</i>
Participantes do Grupo	- <i>Primitivo Raymundo Soares (ou Florentino de Carvalho): era seu principal orientador;</i> - <i>Serapião Palm: foi um de seus participantes;</i> - <i>Magnus Söndahl: foi um de seus participantes;</i> - <i>Esperidião de Médices Dilotti: foi um de seus participantes;</i>
Participantes do Periódico	<i>REMEMBER: cuja edição se deu em cooperação com o grupo NOVA ERA compunha-se por:</i> - <i>M. Garcia: foi um dos seus participantes;</i> - <i>J. P. Gutierrez: foi um dos seus participantes;</i> - <i>Joaquim Gonçalves: foi um dos seus participantes;</i> - <i>José A. Grisolia: foi um dos seus participantes;</i> - <i>Arsênio Palácios: foi um dos seus participantes;</i> - <i>Fábio Luz: foi um dos seus participantes;</i> - <i>Louis Dascarsin: foi um dos seus participantes;</i> - <i>Antonio de Oliveira: foi um dos seus participantes;</i> - <i>F: Foi um dos seus participantes;</i> - <i>F. N. (pode ser o mesmo Francisco Neves): Foi um dos seus participantes;</i>
Outras informações do Grupo	- <i>Segundo relatório policial este grupo “(...) promoveu no dia 1º de maio de 1921 um comício em comemoração à data”</i> - <i>Tratava-se de uma União Sociocrática – Positivista e Reformista;</i>
Outras informações do Periódico	- <i>Seu tamanho era 47x32 e continha 2 páginas.</i> - <i>Anarquista;</i> - <i>Crítica ao jogo;</i> - <i>Crítica ao Anarquismo da Bomba, contra a “propaganda pelo fato”;</i>

GRUPO LA BARRICATA / NA BARRICADA¹

Sede	- <i>São Paulo – SP</i>
Órgão Periódico	- <i>GERMINAL: Caixa postal 134, São Paulo, isto no Ano I, nº 20 de 17 ago. 1913; Redação: Rua dos Emigrantes, nº 187, São Paulo; Em 1919 à rua Bresser, 200;</i> - <i>NA BARRICADA: em 2 set. 1915, Rio de Janeiro, saía o seu n.13.</i> - <i>LA COGNA: suplemento do nº 16, de 4 out. de 1902 do jornal LA BARRICATA</i>
Grupo a que pertencia ou que o compunha	- <i>Provavelmente faziam parte dele os mesmos componentes do grupo e do jornal LA BATTAGLIA, o qual LA BARRICATA veio substituir posteriormente. Pressupõe-se que também o Grupo tenha tido continuidade com o nome de LA BATTAGLIA, já que não há registros sobre um grupo chamado LA BARRICATA.</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	
Trajectoria Periódica do Periódico	<i>LA BARRICATA:</i> - <i>De 09-1912 a 8-03-1913 era editado junto com o periódico GERMINAL fundado por Bandoni e Florentino de Carvalho;</i> - <i>LA BARRICATA: 1912 (368-381)(Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0008) a 1913 (382-396) (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0076, MR/0718, MR/0193 e MR/0008);</i> <i>GERMINAL:</i> - <i>1902 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0008) a 1919 (1-25) (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0195);</i> - <i>Em 1913 a referência para pesquisa no AEL é – MR/07118, e MR/0076;</i> <i>NA BARRICADA:</i> - <i>(Quinzena Social): lançado no Rio de Janeiro de 1915 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0079) a 1916 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0007);</i>
A que veio o Grupo	-
A que veio o Periódico	<i>GERMINAL:</i> “Compagni! Gettare le basi d’un periodico di parte nostra, raggruzzolare tanto denaro per farlo uscire regolarmente duo volte o tre, non è cosa, in vero, molto penosa in S. Paulo, dove – stando alla statistica delle grandi evenienze – vi debbono essere oltre a quatrocento anarchici... Questione maledetta si é poi quella di poter continuare la pubblicazione. (...) Ció (...) ‘Germinal’, che vede la luce in un momento di palpitanti descrenze, in un momento in cui, com voce (...) com parola equilibrata sicura , c’incombe di fugare i mercanti del tempo, ‘Germinal’ – è pensiero neutro pra elevarsi al disopra d’tigui meschinità e proseguire imperturbato la via. (...) Salute, Solidarieta, Rivoluzione Sociale. La Redazione” (La Redazione. <i>Compagni! Germinal</i> . São Paulo. 10 fev. 1902, ano I, n.1, p.1) “La nostra missione Difficile missione é la nostra... Richiamare costantemente l’attenzione dei desiderati e degli opressi sulle loro avvilenti condizioni di vita, sulle cause generatrici della miseria e dell’abiezione proletaria, accendere e mantenere vivo lo spirito d’insofferenza e di ribellione, e... quando certi momento, critici, arrivano – per noi, intempestivi e illusorii – assumere atteggiamenti di prudenza, scegliere posigioni di noutrafitá, piu (...) o meno apiegabili, per non aggravare situasioni, di per se stesse, molto scabrose... E’ doloso, é sconsortante! Ed in questi giorni di agitazione e di angustia, lei é sembrato che píu’ diuno dei nostri lettori ci abbia guardato com aria di stupore e di rimprovero.

¹ Não somente neste quadro, mas em posteriores, vão haver referências a Grupos do Rio de Janeiro. Isto se deve ao fato de que mantinham alguma relação com o Grupo de São Paulo em cujo quadro está citado, seja pela sua nomenclatura, seja pelo período de funcionamento, muitas vezes semelhante, mas, principalmente quando, por algum motivo, os grupos de ambas cidades tenham se solidarizado.

	<p>Ebbene, lo stupore ed il rimprovero, perquanto ci riguarda, dimostreremo che sono ingiustificati. (...)” (<i>La nostra missione</i>. Germinal. São Paulo. 17 mai. 1919, ano I, n.5, p.1)</p>
Participantes do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - <i>O grupo que assumiu o periódico NA BARRICADA em 1915 era composto por:</i> - <i>Astrogildo Pereira;</i> - <i>José Alves Diniz;</i> - <i>João da Costa Pimenta;</i> - <i>José Elias da Silva;</i> - <i>Manuel Campos: também passou a ser o administrador deste grupo a partir de 1916;</i>
Participantes do Periódico	<p>LA BARRICATA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>De 16 mar. 1913 a 17 ago. 1913 Florentino e Damiani tomavam frente.</i> - <i>Em maio de 1913 Gigi Damiani deixa o Jornal e Florentino de Carvalho o assume sozinho até agosto de 1913;</i> - <i>Uranus;</i> - <i>Nilo Ferreira;</i> - <i>Luigi Fabri;</i> - <i>Ausonio Acrate;</i> - <i>Alexandre Cerchiai;</i> - <i>Acratibis;</i> - <i>Marcellino Marcellini;</i> - <i>U. R. Quinones;</i> - <i>Cujum Pecus;</i> <p>NA BARRICADA</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Rodolfo Felipe: foi seu diretor até 1915;</i> - <i>Correia Lopes: foi um dos seus participantes;</i> - <i>João Gonçalves da Silva: foi um dos seus participantes;</i> <p><i>Trata-se de um periódico que atraiu grande número de simpatizantes da causa trabalhista:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Fábio Luz: anarquista;</i> - <i>José Oiticica: anarquista;</i> - <i>Pedro do Couto: socialista;</i> - <i>Silva Marques: socialista;</i> - <i>Maurício de Lacerda: Deputado Federal;</i> - <i>Sarandi Raposo: Líder trabalhista;</i> - <i>Manuel Campos: passou a ser seu administrador em 1916;</i> - <i>Florentino de Carvalho: anarquista;</i> - <i>Gigi Damiani: anarquista;</i> - <i>Adolfo Magno;</i> - <i>José Martins;</i> - <i>Romualdo Figueiredo;</i> - <i>Vicente Morelló;</i> - <i>João Perdigão: foi seu tesoureiro;</i> - <i>Caramuru Pamphiro;</i> - <i>Noriel Sampaio;</i> - <i>Augusto Donati (A. D. ou Ceschi);</i> - <i>A. A.;</i> - <i>José A. de Castro;</i> <p>GERMINAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Florentino de Carvalho: foi um de seus redatores;</i> - <i>Rodolfo Felipe: foi seu administrador;</i> <p>LA COGNA</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Giulio Bernardoni: foi seu gerente;</i>
Outras informações do Grupo	- Anarquista Comunista;
Outras informações do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - GERMINAL: Socialista Anárquico; - <i>Semanário, anarquista;</i> - <i>Seu preço anual em 1913 era de 10\$000 e semestral 6\$000, depois passou a aparecer sob o título LA BARRICATA.</i>

	<ul style="list-style-type: none">- <i>LA BARRICATA: Era escrito em italiano e português, continha artigos teóricos, artigos sobre a organização concreta dos sindicatos e sobre a situação dos trabalhadores nas fábricas;</i>- <i>Anunciava grande lista de livros anarquistas no Ano 9, nº 406, 1913, São Paulo, neste ano sua caixa postal era 134, São Paulo, era publicado em 2 páginas em Tamanho 55x39;</i>- <i>Anarquista (jornal de combate e de crítica social), sendo que a partir de 4 de novembro de 1915 passa a ser somente de propaganda libertária.</i>- <i>Foi continuação do LA BATTAGLIA.</i>- <i>NA BARRICADA: semanário. No princípio de novembro de 1915 foi anunciado que os camaradas Orlando Correia Lopes e João Gonçalves da Silva cediam este periódico a um grupo de redatores que daria ao jornal feição inequívoca de órgão anarquista. Em 1916, após o grupo anarquista tê-lo assumido, passou a sair com o subtítulo de “periódico Anarquista”, e seu formato era mais reduzido do que quando representava um círculo mais amplo.</i>
--	---

GRUPO LA BATTAGLIA

Sede	<ul style="list-style-type: none"> - São Paulo – SP - LA BATTAGLIA: Rua do Lava-pés, 27. Isso em 26 jun. 1904, quando foi fundado; Posteriormente passou a situar-se à Rua Dr. Falcão, 18; - GERMINAL: Rua Bresser, 200;
Órgão Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - LA BATTAGLIA; -
Trajatória Periódica do Grupo	-
Trajatória Periódica do Periódico	<p>LA BATTAGLIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1904 (14 números) (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0193; em 1905 – MR/0015, MR/00760; em 1906 – MR/0015, MR/0193, MR/0760; em 1907 – MR/0015, MR/0193, MR/0760.) Alguns autores dizem que inicia sua publicação entre setembro e dezembro de 1903, semanalmente, indo até 1 set. 1912; mas segundo Giuseppina Sferra existiu de 1901 a 1911; - Chegou a editar 389 números até 1913 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0076); - A partir de setembro de 1912 transformou-se no LA BARRICATA, assim permanecendo até 8 mar. 1913, sendo que neste período editava junto c/ GERMINAL! que pertencia a Florentino de Carvalho; - Em maio Damiani deixa o jornal; - De 16 mar. 1913 a 17 ago. 1913 sua edição saía na mesma folha que o periódico GERMINAL! De 1913 pula para 1919; <p>GERMINAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> - De 1902 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0008) a 1919 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0195); - Em maio de 1913 Damiani deixava o jornal, ficando este somente c/ Florentino;
A que veio o Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Tratava-se de um órgão de crítica social, de tendência libertária; - Anarquista Comunista; <p>Caracteristicamente anarquista, tal grupo concentrava seu “trabalho educativo na propaganda da meta política a ser atingida com a divulgação de livros, panfletos, folhetos, artigos teóricos, reuniões, palestras, conferências, organização e divulgação das bibliotecas, centros de estudos sociais, escolas (...)” Basicamente era esta a função do periódico La BATTAGLIA.</p>
A que veio o Periódico	- Órgão do comitê de relações dos grupos anarquistas de São Paulo;
Participantes do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Enrico D'Avino: foi um de seus participantes; - Oreste Ristori: foi seu fundador; - Alessandro Cerchiai (ou Lucífero ou Ausone Acrate); - Gigi Damiani: foi um de seus participantes; - Tobia Boni: foi um dos seus participantes; - Também participavam deste grupo alguns tipógrafos, metalúrgicos e algumas de suas mulheres;
Participantes do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - Oreste Ristori: foi seu diretor-proprietário; - Alessandro Cerchiai (ou Lucífero ou Ausone Acrate): foi um de seus redatores; - Giulio Sorelli: foi um dos seus colaboradores; - Gigi Damiani: foi um de seus redatores; - Ângelo Bandoni: foi um dos seus colaboradores;
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Formavam um núcleo mais intelectual; - Eram ali realizados freqüentes discursos de Ristori, Cerchiai, Damiani, Sorelli, Boni e outros, para fins de propaganda e com o fim de angariar fundos para o jornal e subscrições de solidariedade; - Seus filiados eram quase todos operários que ganhavam de 7 a 10\$000 réis por dia. Segundo (TOLEDO, Edilene T. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993. p.45), exatamente por isso eram pouco perigosos. Conforme comentário da Professora Jacy, pareceu a ela que os militantes deste grupo eram avaliados segundo sua

	<i>capacidade financeira e não pelas suas idéias. Mas se fosse realmente isso, porque eram vítimas de tanta repressão?</i>
Outras informações do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Semanário;</i> - <i>Era publicato em língua italiana, mas tinha duas colunas em português;</i> - <i>Continha 4 páginas, sem anúncios publicitários e contava apenas com a venda dos jornais e contribuições voluntárias de companheiros;</i> - <i>Recebia ajuda financeira do grupo de mesmo nome;</i> - <i>Caracterizava-se por ser Anarquista Comunista; ou Socialista-anárquico (segundo Edgar Rodrigues)</i> - <i>Em 1911, ou seja, no número 335 do 8º ano, Oreste Ristori deixa LA BATTAGLIA por "non credere piu nella redenzione del popolo".</i> - <i>(Cf. La Battaglia, 1 set. 1912, nº 367). Sendo que desde então foi substituído por Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai, passando a se chamar LA BARRICATA;</i> - <i>No AEL tem do nº 2 1904 ao nº 363 (1912) com falhas.</i> - <i>No AEL não tem o ano de 1907;</i> - <i>Segundo Giuseppina Sperra, "Para os militantes anarquistas ou libertários do jornal (...), a conscientização via educação política do proletariado era suficiente para que se chegasse, via ação direta e espontânea, à insurreição popular que levaria à derrocada o regime capitalista e só após esta Revolução Social os trabalhadores poderiam pensar eles próprios em reorganizar a sociedade, não se preocupando, a priori, como ela seria organizada, pois os operários, uma vez livres de toda autoridade constituída, base da exploração do homem pelo homem, saberiam como reorganizar-se."</i> - <i>Sua assinatura anual custava 10\$000; semestral 5\$000, trimestral, 3\$000.</i> - <i>Seu tamanho era 32x48;</i>

GRUPO GUERRA SOCIALE / GUERRA SOCIAL

Sede	<ul style="list-style-type: none"> - São Paulo – SP - No Rio de Janeiro existia um grupo com o nome: A GUERRA SOCIAL; Sua redação situava-se à Travessa Dias da Costa, 9; depois rua do Senado, 196 e, por fim rua da Alfândega, 182, sobrado;
Órgão Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - GUERRA SOCIALE (SP); - ALBA ROSSA (SP)- Rua Casela, 1336 e, posteriormente Rua da Glória, 168 (trata-se do periódico que deu continuação ao GUERRA SOCIALE; - A GUERRA SOCIAL (RJ) – Rua Dias da Costa, 9 (endereço provisório);
Trajatória Periódica do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - GUERRA SOCIALE Foi formado no ano de 1915;
Trajatória Periódica do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - GUERRA SOCIALE (SP) – 1911 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0006; em 1915 – MR/0195; em 1916 – MR/0719 e MR/0079) a 1917(Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0079 e/ou MR/0006); - ALBA ROSSA (SP) – 1919 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0777) a 1920 -1ª série (Referência p/ pesquisa no AEL: MR0193), 1921 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0193) a 1934 - 2ª série (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/193); - A GUERRA SOCIAL (RJ) – de junho de 1911(Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0764, MR/0195, MR/0077, MR/0006)) a setembro de 1912 (Referência p/ pesquisar no AEL: MR/0006 e/ou MR/0077); - Sua publicação viu-se interrompida por quase 4 meses – de 1 mai. 1912 n.22(Rua do Senado, 196), a 14 ago. 1912 n.23 (Rua da Alfândega, 182 sobrado). <p style="text-align: center;">“A Guerra Social</p> <p>Apos um lapso forçado de quasi quatro mezes, reaparece hoje ‘A Guerra Social’. Devemos uma explicação aos nossos assinantes, aos nossos camaradas, aos nossos amigos.</p> <p>Porque foi suspensa a publicação do jornal?</p> <p>Como poderão verificar pelo balancete publicado hoje, a despeza tipografica do numero 22 subiu a 170\$000, havendo, pois, uma diferença a mais de 40\$000 (170\$000 menos 130\$000 igual a 40\$000). E’ que fomos obrigados a mudar de tipografia. A que anteriormente nos servia pelo preço de 130\$000 – e isto por motivos especiais – passou a novos donos, obrigando-nos, assim, a procurar casa nova. E a que mais em conta nos fazia a folha cobrou-nos 170\$000. Para quem conhece o que são as tipografias do Rio, essa exorbitancia não espanta.</p> <p>Por outro lado, o deficit aumentava, semana a semana. Impotentes, no momento, pela falta de dinheiro, fomos obrigados a parar.(...)</p> <p>Por troca de idéias entre os camaradas dos dois Grupos da ‘G. S.’, o daqui e o de S. Paulo, chegamos a um resultado satisfatorio. Havia na Paulicéa, dous outros grupos editores: o ‘Aurora e Libertas’ e o da antiga ‘Terra Livre’, ambos com material tipografico.</p> <p>Aquele estava a caminho de dissolver-se; este com os tipos encostados. Chegamos a um acordo. O ‘Aurora e Libertas’ dissolveu-se, de fato, e deu-nos o seu material; o da ‘Terra Livre’ rezolveu enviar-nos também o seu.(...)</p> <p>‘A Guerra Social’ aí está. Ela pretende ser o baluarte dos revoltados desta terra. Auxilia-a, pois, vós todos que a julgais necessária. A sua vida está nas vossas mãos.”</p> <p>(A Guerra Social. A Guerra Social. Rio de Janeiro. 14 ago. 1912. Ano II, n.23.p.1.)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Segundo Everardo Dias, A GUERRA SOCIAL iniciou sua publicação em maio de 1910;
A que veio o Grupo	-
A que veio o Periódico	<p>A GUERRA SOCIAL (RJ):</p> <ul style="list-style-type: none"> - seus grandes temas eram revolução, antiparlamentarismo, antiestatismo, antipatriotismo, e o antimilitarismo (até 1911), a partir de janeiro de 1912 só dá Astrogildo Pereira; linha mais sindicalista. Este jornal vem na mesma linha do periódico NOVO RUMO, possivelmente seu antecessor;

	<p>“E’ habito, sempre que se apresenta ou se recommenda um jornal, dizer o que elle vem defender. Mais uma vez, portanto, teremos occasião de repetir, em linhas geraes, o nosso programma, repetição que, até certo ponto, não deixa de constituir um dos bons elementos de propaganda. A Guerra Social vem combater toda a forma de autoridade, de exploração, de fanatismo religioso. Combateremos pela anarquia como anarquistas queremos a socialização da propriedade, sendo em sciencia materialistas, deterministas em philosophia e atheus em religião. (...) O trabalhador colhe as migalhas que caem da meza do banquete da vida, em que a burguezia se reffocila, um miseravel salario que se o não deixa morrer de fome immediatamente, faz com que a morte o venha busca prematuramente. A epoca que atravessamos differencia-se das passadas pela flagrancia, pela evidencia revoltante do contraste social. Caminha-se cada vez mais para os extremos do luxo faustoso e do pauperismo desolador. Nas fábricas, milhares de homens se aniquilam produzindo um conforto de que carecem, nos campos e nas minas uma outra multidão definha embrutecida pelo labor eterno, sem a coragem de se rebelar contra a tyrannia que elles mantêm com sua miseria e resignação. Até elles é, pois, preciso que chegue a nossa voz, repetindo-lhes sem cessar que tolerar este estado de coisas não é só uma indignidade, mas um verdadeiro crime, decidindo-os a lutar, contando unicamente com o seu esforço, pelo proprio bem estar contra os que, de vegetar numa situação subalterna de inferioridade econômica e, por consequência phisica e moral. A Guerra Social vem agitar a questão social entre os desherdados do patrimonio universal, vem lutar pela emancipação dos tyranizados de sempre.(...) A Guerra Social, sendo um centro de irradiação revolucionária, combaterá o parlamentarismo, assim como todos os palliativos politicos e associativos que aniquilam no povo as suas melhores energias, levando a esperar de terceiros aquillo que não lhe podem dar e que ele deve conquistar diretamente, com seu próprio esforço. No meio operário propagará a Guerra Social a organização com caráter revolucionário, onde, não se procurando deter a acção nas conquistas de ephemeros melhoramentos, a preparar o trabalhador para a greve geral, revolucionária, um dos elementos da Revolução Social que se apresta a derrubar esta sociedade apodrecida. Como internacionalistas, combateremos na Guerra Social o patriotismo, que prende a humanidade entre os ponteiros artificiaes de agora, permitindo a existência desse monstro que se chama a Guerra. Queremos uma pátrica grande, única, onde todos os homens sejam irmãos, vivam em paz e trabalhem pelo bem geral. E, sendo o militarismo um defensor das fronteiras, e, ao mesmo tempo, a Guerra Social não lhe dará tréguas, pregando incessantemente o antimilitarismo.(...)” (A Guerra Social. Rio de Janeiro. 29 jun. 1911. Ano I, n.1, p. 1)</p> <p><i>GUERRA SOCIALE (SP):</i></p> <p style="text-align: center;">“AGLI ANARCHICI Ai rivoluzionari coscienti e risoluti, di qualunque tendenza politica A tutti gl’insofferenti della barbarie militarista e governativa che funesta l’umanità</p> <p>COMPAGNI! (...) Noi, chiamati, dalla fiducia del compagni, alla direzione di questo periodico, forti per la indefettibile collaborazione di conosciutti scrittori di parte nostra, fidenti nell’aiuto morale e materiale di tutti gli anarchici coscienti di S. Paulo e delle varie località dell’Interno, soleghiamo risoluti il vessillo del ‘La Guerra Sociale’. (...) Saremo meno numerosi, ma – per fermo – piú concordi e stimati, <p style="text-align: right;">La Redazione”</p> (A Redação. <i>Agli Anarchici. Guerra Sociale</i>. 11 set. 1915, ano I, n.1, p.1.)</p>
Participantes do Grupo	- <i>Máximo Suarez: anarquista argentino que ajudou a formar este grupo;</i>

Participantes do Periódico	<p><i>GUERRA SOCIALE (SP)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Ángelo Bandoni: foi um de seus redatores;</i> - <i>Florentino de Carvalho: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Gigi Damiani: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Martino Stanga: foi um de seus colaboradores;</i> <p><i>ALBA ROSSA (SP)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>João Calixto;</i> - <i>Fernando Robaina;</i> - <i>Pedro Esteve;</i> - <i>Nello;</i> - <i>Arturo;</i> - <i>Andrea Dolci;</i> - <i>Ar da Brescia;</i> - <i>Alessio Alessiovitch Kiriloff;</i> - <i>Nat;</i> - <i>Italu Benassi;</i> - <i>E. Riboldi;</i> - <i>Orutra Isoizerp;</i> - <i>F. Scudelario – foi seu administrador;</i> - <i>Italus;</i> - <i>L'asino Incollerito;</i> - <i>C. T. Della Riserva;</i> - <i>Toscanino;</i> - <i>Sabatino;</i> - <i>Elisa Beth;</i> <p><i>A GUERRA SOCIAL (RJ)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>João Arzua: foi seu administrador até a edição de nº10, de 18-01-1912;</i> - <i>Astrogildo Pereira: foi um dos seus redatores;</i> - <i>Amaro Porto: foi um dos seus redatores;</i> - <i>Carlos Dias: foi um de seus redatores;</i> - <i>F. Arzua: foi um de seus redatores;</i> - <i>Gigi Damiani: por volta de 1911/12, colaborava com este periódico da cidade de São Paulo;</i> - <i>Neno Vasco: por volta de 1911/12, colaborava com este periódico da cidade de Lisboa em Portugal;</i> - <i>Salvador Alacid: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Carlos Dias: foi um dos seus redatores;</i> - <i>Astrogildo Pereira: foi um dos seus redatores;</i> - <i>José Martins: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Polidório Santos: foi um dos correspondentes deste periódico, a partir do Estado do Rio Grande do Sul;</i> - <i>R. Fred Gayer: foi um dos correspondentes deste periódico, a partir do Estado do Rio Grande do Sul;</i>
Outras informações do Grupo	
Outras informações do Periódico	<p><i>GUERRA SOCIALE (SP) – Anarquista Comunista, Anti-fascista;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Este jornal foi uma continuação do LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA (1913-1914); Foi chamado de LA GUERRA SOCIALE de a partir de 20 mai. 1916 (nº18) até 15 jul. 1916 (nº22);</i> - <i>Semanário;</i> - <i>Redigido em italiano;</i> - <i>Publicou 59 números;</i> <p><i>ALBA ROSSA (SP) – Libertário e de Propaganda Anti-Fascista;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Semanal;</i> <p><i>A GUERRA SOCIAL (RJ) – órgão Anarquista Comunista até 1911; posteriormente passou a ter uma atuação caracteristicamente Anarquista Sindicalista.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O valor das assinaturas por ano eram no valor de 8\$000; no Semestre eram de 4\$000, e os números avulsos \$100, tais valores correspondem ao Ano I, nº 6, de 27 set. 1911. Não tinham anúncios. Seu tamanho era de 54 x 37 e continha 4 páginas. Saíram 9 números entre junho e novembro. Apesar dos artigos de Neno Vasco era</i>

	<p><i>Anarquista Comunista e não era sindicalista;</i></p> <ul style="list-style-type: none">- <i>Em 1911 era anti-militarista; sendo que foi a partir deste periódico que Astrogildo Pereira começou sua militância anarquista, sendo que a partir de janeiro de 1912, só dava Astrogildo, mais na linha sindicalista; tal periódico era ligado às seguintes organizações: “Liga dos Pedreiros de São Paulo”; “Centro Libertário de São Paulo” e Grupo “Aurora Libertas” de São Paulo – cuja atividade era a publicação de folhetos de propaganda.</i>
--	--

LA PROPAGANDA LIBERTARIA

Sede	- São Paulo - SP;
Órgão Periódico	- LA BATTAGLIA - LA NUOVA GENTE – Sua redação: Beco da Fábrica, nº 5, e sua Administração: Rua Capitão Salomão, nº 48. - LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA – Em 1913 Caixa Postal 1.336, São Paulo;
Trajectoria Periódica do Grupo	- 1901 a 1905; - Em 1905 o jornal LA BATTAGLIA fez referência a ele;
Trajectoria Periódica do Periódico	LA BATTAGLIA: - De 1904 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0193) a 1913 (Referência p/ pesquisa no AEL MR/0076), surgiu em função do grupo LA PROPAGANDA; LA NUOVA GENTE: - De set. 1903 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0007) a 1904 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0007); - Segundo consta foram publicados 32 números, sendo que o nº 2 foi de 15 nov. 1903; - Em 10 out. 1903, o jornal O AMIGO DO POVO nº 36, anunciava que a partir de 1 nov. 1903, sua publicação sairia em alternância com o LA NUOVA GENTE; LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA: - Existia entre 1913(Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0200) e dezembro de 1914 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0003); - Pelo que percebeu-se, sua publicação esteve suspensa por um tempo sendo que retornaram em 3 out. 1914, n.12. Conforme lê-se neste número: <p style="text-align: center;">“Perchê risorgiamo</p> <p>Sospendemmo le pubblicazioni del giornale perchè – in un momento di grave disagio economico – non ci reggeva l’animo d’imporre un sacrificio di piú a quel dato numero di compagni che, per l’ignavia dei molti, si trova costretto a sopperire a tutte le grandi e piccole spese che la propaganda esige e la solidarietà impone.(...) Noi risorgiamo nell’ora della lotta e per la lotta. Contro chi? Contro tutti: contro i nemici ed i falsi amici. Contro coloro che oprimono e contro coloro che inganano gli oppressi.(...)”</p> <p>(Noi. <i>Perchê risorgiamo</i>. La Propaganda Libertaria. São Paulo. 3 out. 1914. Ano II, n.12.)</p>
A que veio o Grupo	"O Grupo La Propaganda não é um grupo permanente, nem fixo; isto é, sua atividade depende de circunstâncias de índole diversa, por exemplo a publicação de um opúsculo; a ajuda material e moral aos revolucionários... agilizar com cada meio a educação racional da infância, etc. Alcançado o escopo o grupo se dissolve: heis porque não é permanente. O grupo não é fixo, porque não tem, nem crê necessário ter um local próprio... esta tática nos foi ditada, ou melhor imposta, pelo perigo de fossilização que gravita sobre todos os grupos permanentes e fixos... E sobretudo pelo amor que cada anarquista deve sempre ter pela sua integral independência individual". (ROMANI, Carlo. Oreste Ristori: Uma aventura anarquista . 1998. Dissertação (Mestrado em História) IFCH, Unicamp, Campinas. Outubro, 1998, p.108) - Foi em torno deste grupo, o qual se reunia periodicamente na casa de Tobia Boni, que surgiram os interessados na publicação do periódico LA BATTAGLIA; - A especialidade e/ou responsabilidade deste grupo, segundo Edilene Toledo, era a publicação de livros e opúsculos;
A que veio o Periódico	LA NUOVA GENTE: Anarquista ; LA BATTAGLIA: Anarquista ; LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA: <p style="text-align: center;">“La nostra propaganda</p> <p>Dei pochi momenti di libera dedizione consentitici dalle angustie multiple e perenni</p>

	<p>della lotta cainesca per la vita, uno dei più piacevoli – se non sempre il più fecondo – si è indubbiamente quello d’una sentita propaganda libertaria. Combattere – sai pure verbalmente – tutte le mistificazioni, tutte le violenze, dimostrare con argomenti inoppugnabili, che il vantato <i>ordine</i> borghese non è che brigantaggio sistematico, la legge un inganno, la giustizia un’ironia; accendere, nel cuore dei nostri fratelli di dolore, il fuoco della fidemone e della speranza, e lavoro che compensa, è che ritempra. No sempre – purtroppo – riusciamo a dare alla nostra propaganda quell’indirizzo logico, <i>indispensabile</i>, per riuscire ben accetta ed efficace. Avviene, anzi, spessissimo che molti sventurati, vittime compassionevoli d’inerabili furfanterie, ci ricambino d’indifferenza e di sarcasmo – che è ancor più doloroso – dopo averci manifestato convincimento e solidarietà, ci si avventino contro come le serpi proverbiali.</p> <p>Dobbiamo, da ciò, inferire che la massa diseredata è refrattaria alla propaganda di redenzione civile? Dobbiamo credere che lo schiavo ami il despota que l’opprime e lo speculatore che lo dissangua? No! E’ giuoco forza convenire che i mezzi da noi prediletti per diffondere le verità, di riordinamento sociale non hanno tutto il valore positivo che noi lor vogliamo attribuire. Del resto, basterebbe applicarci un pochino a studiare i primi movimenti popolari di protesta e di rivendicazione, per accorgerci che il popolo non há nè fondate speranze, nè virili energie.</p> <p>Il popolo è cieco e fatalista; egli vuol vivere l’ora, il minuto che passa; il domani, per lui, è una incognita troppo recondita...</p> <p>Il diuturno, sfibrante lavoro, le continue delusioni, l’abbandono accasciante, irredimibile, in cui è accostumato a vivere, lo hanno reso estremamente diffidente e irresoluto. Bisogna, quindi, cercare dei mezzi più appropriati, più sicuri e più facili di penetrazione intellettuale.</p> <p>(...) Noi non costituiamo un partito, noi non abbiamo nè un registro dei passi fatti in avanti, nè una bussola di riscontro per le perdite subite durante un qualsiasi periodo di agitazione.(...)”</p> <p>(<i>La nostra propaganda. La Propaganda Libertária</i> São Paulo, 12 jul. 1913, ano I, n.1, p.1.)</p> <p>“Compagni: Vi sta a cuore la propaganda delle dottrine anarchiche? Aiutate il giornale che le diffonde.”</p> <p>(<i>La Propaganda Libertária</i>. São Paulo, 1 mai. 1914, ano I, n.10)</p>
	- <i>Tobia Boni</i> ;
Participantés do Periódico	<p><i>LA NUOVA GENTE</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Luigi Magrassi</i>: foi diretor deste periódico; - <i>Giulio Sorelli</i>: foi um de seus redatores; - <i>Alessandro Cerchiai (ou Lucifero ou Ausone Acracte)</i>: foi um dos participantes responsáveis; - <i>Neno Vasco</i>: foi um dos participantes responsáveis; - <i>Benjamim Mota</i>: foi um dos participantes responsáveis; - <i>Giulio Bernardoni</i>: foi um de seus redatores; - <i>Matilde Magrassi</i>: Foi uma das participantes responsáveis; - <i>Fiore</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Pietro Gori</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>S. Merlino</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Nerelio</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Max Nordal</i>: foi um de seus colaboradores; <p>OBS.: trata-se do mesmo grupo responsável pelo jornal <i>O AMIGO DO POVO</i>;</p> <p><i>LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Alessandro Cerchiai (Lucifero ou Ausone Acrate)</i>: foi um de seus colaboradores, pelo menos no ano de 1903; - <i>Ángelo Bandoni</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Gigi Damiani</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Lucas Másculo</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Florentino de Carvalho</i>: foi um de seus colaboradores; - <i>Cuyum</i>: foi um de seus colaboradores;

	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Pecus: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>E. A. Zamparotti: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Paolo Budna Spada: foi um dos seus colaboradores;</i> - <i>Rafaele Cornio: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Rotéa Clava: foi uma de suas colaboradoras;</i> - <i>Acratibis: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Lo Sacola Tore: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Mara Rygiek: foi uma de suas colaboradoras;</i> - <i>Mast'Antonio: foi um dos seus colaboradores;</i> - <i>Crastino: foi um dos seus colaboradores;</i> - <i>Pietro Gori: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>G. Martin: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Pezzotti Antonio: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Bia: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Anna de' Gigli: foi uma de suas colaboradoras;</i> - <i>Ugo Conti: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Liane: foi uma de suas colaboradoras;</i> - <i>Mastr'Antonio: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Rodolfo Felipe: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Thomaz Camilli: Foi um de seus colaboradores;</i> <p>LA BATTAGLIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Ângelo Bandoni: foi um de seus colaboladores;</i> - <i>Giulio Sorelli: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Alessandro Cerchiai: foi um de seus redatores;</i> - <i>Tobia Boni: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Gigi Damiani: foi um de seus redatores;</i> - <i>Teobaldo Sorelli: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Lucas Máscolo: foi um de seus colaboladores;</i> - <i>"IO": foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Polinice: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Phisio: foi um de seus colaboradores;</i>
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Quando foi fundado, em 1901, chamava-se NUOVA CIVILITÁ;</i> - <i>Em 20 set. 1903 pbulicava o jornal LA NUOVA GENTE;</i>
Outras informações do Periódico	<p>LA NUOVA GENTE:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Era bimestral;</i> - <i>Tratava-se de um jornal doutrinário anarquista; pouco sindicalista; do nº 2 em diante passa a ser favorável ao movimento sindical; Idéia da ação direta semelhante à ginástica revolucionária";</i> - <i>Subscrição voluntária;</i> - <i>Estava aos cuidados do Grupo anarquista LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA;</i> <p>LA BATTAGLIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Anarquista Comunista; no ano de 1905 não toca em movimento operário sindical em São Paulo ou em outro lugar;</i> - <i>Os temas dominantes nas suas publicações no ano de 1906: campanha contra o clericalismo e o espiritismo; todos os temas clássicos da propaganda anarquista; clara posição anti-sindicalista; em 1908 não comenta o "2º Congresso Estadual";</i> - <i>Sua Rubrica anti-clerical era "Le infami dei preti";</i> - <i>Divulgou em maio de 1906 um folhetim de Malatesta intitulado "Conversazioni Al Caffè";</i> - <i>Semanal;</i> <p>LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O nº 1 foi de 12 jul. 1913 e o nº 2 foi de 10 ago. 1913;</i> - <i>O Centro Libertário de São Paulo promoveu uma festa para ajudar este jornal;</i> - <i>Caracterizava-se por ser Anarquista Comunista e Anti-Sindicalista (ignorava o movimento sindicalista de São Paulo);</i> - <i>Os temas de que tratava eram: Neo-malthusianismo, ensino racionalista, combate ao socialismo do AVANTI!, denúncia da situação de trabalho e de vida dos colonos nas fazendas de café, anti-clericalismo, anti-militarismo (herança do LA BATTAGLIA);</i>

	<ul style="list-style-type: none">- <i>No ano de 1914 fez referência ao Espanhol Manoel Campos;</i>- <i>Era escrito em Italiano;</i>- <i>Em 1902 foi publicado um número intitulado LUCÍFERO;</i>- <i>No nº 7 de 01-01-1914 tem o manifesto do “Centro Libertário de S. Paolo ao popolo brasileiro”;</i>- <i>No nº 9 de 08-03-1914 artigo “A crise sob o ponto de vista social” de Florentino de Carvalho;</i>- <i>Subscrição voluntária;</i>- <i>Em 1914 seu preço era Rs 5\$000 por semestre e seu tamanho era 54x37, sendo que tinha 4 páginas;</i>
--	--

GRUPO NOVO RUMO

Sede	- Rio de Janeiro – RJ
Órgão Periódico	- A <i>TERRA LIVRE</i> (SP); - <i>NOVO RUMO</i> (RJ): Sua redação em janeiro de 1906 era à rua do Hospício, 210. No Ano II, de julho de 1907 era à rua Sete de Setembro, nº 3; em maio de 1910 funcionava à rua da Urugayana, 123;
Trajectoria Periódica do Grupo	- 1905 a 1910
Trajectoria Periódica do Periódico	A <i>TERRA LIVRE</i> : - Foi editado de dezembro de 1905 (Referência p/ pesquisa no AEL: MF/0753 e/ou MR/0201) até o nº 33. - Em abril de 1907, por acordo c/ o grupo <i>NOVO RUMO</i> , A <i>TERRA LIVRE</i> , passou a publicar-se no Rio, semanalmente, começando em maio de 1907 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0198) até junho de 1908 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0201), isto é, do nº 34 ao nº 62, voltando, desta data em diante a publicar-se novamente em São Paulo, onde saiu até o nº 75 – 1910 (Referência p/ pesquisa no AEL: MF/0763 e/ou MR/0201); <i>NOVO RUMO</i> : - Dezembro de 1905 a 1910; - Em 1906 (referência p/ pesquisa no AEL: MR/0006) deixou de ser publicado por dificuldades financeiras, sendo que voltou a ser publicado em maio de 1910 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0198 e/ou MR/0010), com novo endereço e novos elementos;
A que veio o Grupo	- Surgiu com o fim de editar um jornal anarquista mensário, bem como uma revista (<i>AURORA</i>), em defesa dos trabalhadores; - Nasceu quando "os anarquistas mais em evidência no Rio (em 11 nov. 1905, na sede da Federação das Associações de Classes do Rio de Janeiro), na rua Senhor dos Passos, nº 82 – sobrado, resolveram recordar as vítimas do morticínio de Chicago.
A que veio o Periódico	A <i>TERRA LIVRE</i> : - Socialista Anárquico – a sua divisa era “o homem livre sobre a Terra livre”; - Em seu primeiro número, lê-se o seguinte: “Generalidades <i>O periodico, que hoje apresentamos, vem defender as ideias que temos exposto no extinto Amigo do Povo e na Aurora, e que não podemos repetir aqui miudamente. Limitamo-nos ás linhas geraes. Somos socialistas e anarquistas.</i> (...) <i>Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização política livre, indo do individuo ao grupo, do grupo á federação e á confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos individuos. (...)</i> <i>A nossa tarefa mais urgente é a organização, no campo economico e politico, e a propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorancia. Além desses meios de acção directa, preconizamos a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação de praça, o comício, a greve geral, e por fim a insurreição (...)</i> (Generalidades. A Terra Livre . São Paulo, 1 dez. 1905, ano I, n.1., p.1) <i>NOVO RUMO</i> : “(...) Que haja um jornal que proclame o nivellamento das classes, a perseguição aos ociosos e parasitas, a distribuição igualitaria das riquezas, a extincção da propriedade, o absurdo e a condemnação de quaesquer symbolos religiosos, indubitavelmente se erguerá a grita contra o tresloucado campeão. A autoridade declara-o fora da lei e as

	<p>represalias não se fazem esperar. Os apodos de anarchista, synonymo de incendiario, reprobado, assassino são os insultos menos duros.(...)</p> <p>Um jornal que interprete o pensamento da collectividade que soffre pode servir de laço de união, de pregoeiro de ideas, de guia e cathequisador dos menos versados. Trata-se de doutrinar, de fazer proselytos, de converter; importa, sobretudo, justificar-nos de acusações imbecis, expor ás claras theorias malsinadas e propagal-as em sua pureza a todos os ambitos do paiz.</p> <p>Alarguemos, pois, as nossas vistas e concorramos com o nosso esforço para o triumpho e o engrandecimento da humanidade. Os males que ora nos acabrunham são obra de alguns homens; outros homens podem destruir.</p> <p>No meio de mercenarismo jornalístico e da requintada abjecção de caracteres ha de sorprehender agradavelmente o apparecimento de quem vibre sem reboço golpes mortaes, trace com desassombro a critica do existente e procure implantar o unico regimen que tem a sua sancção na logica e na propria natureza. Isto significará a regeneração do jornalismo e restabelecel-o-ha no seu aspecto ideal.</p> <p>Eia; façamos calar a maledicencia tão deleteria e devastadora em seus effeitos e apoiemos resolutamente a iniciativa dos companheiros animosos que aqui dirigem um appello e em cujo silencio e a inercia constituem um crime.</p> <p>Na nova phase que se inaugura está naturalmente assignalado o posto e o papel que terá a desempenhar o jornal projectado, tomando a dianteira das reformas radicaes e traçando as bases e lineamentos do Novo Rumo que resumirá o decalogo dos nossos mandamentos e da nossa existencia.”</p> <p>(RODRIGUES, A. <i>Nós e a imprensa</i>. Novo Rumo. Rio de Janeiro. Jan. 1906. ano I, n.1, pp.1-2.)</p> <p>- <i>Transcrevemos abaixo, trechos do seu primeiro número de sua outra fase em maio de 1910:</i></p> <p>“(...) O nosso objectivo tem de ser, principal e exclusivamente, o congraçamento do operariado em torno das questões economicas sem nenhuma fronteira partidaria(...), urge que os operarios desistam francamente de collaborar em qualquer partido politico, socialista ou não, para encetar de uma vez a luta de classe que se vêem forçados a aceitar em nome da luta pela vida.</p> <p>E’, pois, para orientar essa luta que o <i>Novo Rumo</i> apparece com as suas baterias descobertas, disposto a queimar o ultimo cartucho em defesa do proletario organizado no syndicato, do syndicato na federação , da federação na confederação e desta na internacional, formada apenas, como devem ser todas as organizações operarias, pelo pacto livre do proletariado universal.</p> <p>Eis o nosso programma.</p> <p>(MARTINS, Ulysses. <i>Primeiros Tiros</i>. Novo Rumo. Rio de Janeiro. 1 mai. 1910. Ano I, n.1, p.1.)</p>
Participantes do Grupo	<p><i>NOVO RUMO (RJ) - as pessoas que constituíram este grupo, num primeiro momento foram:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Alfredo Vasquez em janeiro de 1906 era seu Diretor administrativo e financeiro; - Antônio Moutinho; - Carlos Leblacle; - João Benevenuto; - Joel de Oliveira; - José Rodrigues; - José Romero; - Luigi Magrassi; - Maria de Oliveira; - Salvador Alacid;
Participantes Periódico	<p><i>NOVO RUMO (RJ)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - A. Rodrigues: foi um de seus colaboradores em 1906. - Alfredo Vasquez: foi seu diretor e administrador; - Carlos Dias: fou um de seus redatores; - João Gonçalves Mônica: foi um de seus redatores a partir de 1910; - João Gonçalves da Silva: foi um de seus redatores

	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Joel de Oliveira: foi um de seus primeiros redatores;</i> - <i>José Romero (Moscoso): foi um de seus redatores, e administrador;</i> - <i>Luiggi Magrassi: foi um de seus redatores e diretor;</i> - <i>Manuel Moscoso: foi um de seus colaboradores a partir de 1910;</i> - <i>Maria de Oliveira : foi uma das suas primeira redatoras;</i> - <i>Mota Assunção: foi seu novo diretor a partir de 1906 e foi um de seus colaboradores a partir de 1910;</i> - <i>Pedro Rangel: 1910</i> - <i>Salvador Alacid: foi um de seus redatores;</i> - <i>Ulysses Martins: foi um de seus colaboradores a partir de 1910;</i> <p>A TERRA LIVRE (SP)</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>José Romero: foi seu gerente;</i> - <i>Neno Vasco: foi um de seus redatores e diretor;</i> - <i>Edgard Leuenroth: foi seu administrador;</i> - <i>Tinha agentes em Campinas - SP, e Porto Alegre – RS.</i>
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Anarquista Sindicalista; - <i>Correspondia ao Grupo A TERRA LIVRE de São Paulo;</i>
Outras informações do Periódico	<p>NOVO RUMO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Definia-se como Anarquista Sindicalista. Não falava, no entanto, em ação direta. Sobretudo anti-parlamentarista; publicava também anúncios comerciais;</i> <p>"apareceu em 12/1905. Seus primeiros redatores foram o casal Joel e Maria de Oliveira, tendo estes, por sua exclusiva iniciativa, colocado o sub-título 'Órgão Evolucionista'. O fato provocou (...) o descontentamento geral e a substituição dos redatores, que passou a ser Luiz Magrassi. (...) lançou em seu segundo número as bases do ideal que animava os seus militantes: o socialismo anárquico/ A partir de 1906 (...) passou a ser dirigido por Mota Assunção/ Foi o periódico anarquista que mais tempo viveu, 1910." (cf. ER, SSB, p.99)</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Transcrevemos abaixo alguns trechos que foram editados no seu primeiro número de janeiro de 1906:</i> <p>"(...)Somos anarchistas. Nosso methodo politico é da iniciativa individual, da acção directa. Nosso fim é a destruição do Estado, desse poder centralizador que paira por cima das sociedades como uma espada de Damocles e que tem por base a vindicta organizada que se chama justiça. Repudiamos, pois, a lei e o código porque este, na phrase concisa de Kropotkine, é a crystalisação do passado e só foi elaborado para entravar o desenvolvimento do futuro.</p> <p>Nossa concepção social é aquella que tende para o estabelecimento de interesses racionaes, de livre accordo do auxilio mutuo, da solidariedade, (...) Defendemos a igualdade, mas (...) Sabemos perfeitamente que na natureza não ha duas cousas iguaes e, como pretendemos viver a vida natural, repelimos a Igualdade absoluta e pretendemos implantar apenas uma sociedade cuja harmonia dependa da variedade dos componentes.(...)</p> <p>Economicamente não encontramos outra solução que não seja o communismo, mas um communismo racional onde desapareçam esses fantasmas que tanto terror infundem aos que ainda não o estudaram com o criterio indispensavel. Nossa tendências neste terreno continuam, por emquanto, enfeixadas, concretisadas neta expressão: 'de cada um segundo as suas forças, á cada um segundo suas necessidades'."</p> <p>(<i>Novo Rumo. Novo Rumo</i>. Rio de Janeiro. Jan. 1906, anno I, n.1, p.1.)</p> <p>"...o 2º número do periódico NOVO RUMO terá um caráter... revolucionário, abandonando a designação equívoca de evolucionista, que lhe foi dada no 1º número" (A Terra Livre, 13 jan. 1906, nº2);</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>No nº2 de 20 jan. 1906, vinha escrito no NOVO RUMO:</i> <p>"(...) não somos nem podemos ser de modo algum evolucionistas (...) Somos revolucionários. Em religião somos ateus, em filosofia materialistas e anarquistas em política(...)"</p>

- Em 1910, numa Segunda fase, o jornal era dedicado à defesa dos trabalhadores;
- Era quinzenal;
- Nesta Segunda fase sua redação era na Rua Uruguaiana, 123;
- O valor das assinaturas, por ano: 20\$000; por semestre: 10\$000; e avulso: \$100 réis.
- Publicava anúncios e seu tamanho era 58x41, sendo de quatro páginas;
- Nesta Segunda fase seu gerente era João Gonçalves Mônica, seu secretário era Pedro Ribeiro Rangel e seu redator, Ulisses Martins.

“O Novo Rumo será brevemente diário, tendo sido já encomendado o material typographico para instalação de suas officinas, que se destinam também á impressão das obras da Escola Moderna.”

(*O Nosso Aparecimento. Novo Rumo*. Rio de Janeiro. 30 jun. 1910. ano I, n.2.p.2.)

A *TERRA LIVRE*:

- **Socialista Anarquista e Sindicalista**;
- Era editado em 4 páginas, seu formato era 33x47.
- Conforme trecho a seguir, transcrição de parte do que saiu no seu primeiro número, o mesmo veio em substituição ao periódico *O AMIGO DO POVO*:

“Generalidades

O periodico, que hoje apresentamos, vem defender as ideias que temos exposto no extinto *O Amigo do Povo* e na *Aurora*, e que não podemos repetir aqui miudamente. Limitamo-nos ás linhas geraes.

Somos socialistas e anarquistas.(...)

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização politica livre, indo do individuo ao grupo, do grupo á federação e á confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos individuos. (...)

A nossa tarefa mais urgente é a organização, no campo economico e politico, e a propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorancia. Alem desses meios de acção directa, preconizamos a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação de praça, o comicio, a greve geral, e por fim a insurreição(...)

(*Generalidades. A Terra Livre*. São Paulo. 1 dez. 1905. ano I, n.1., p.1)

- *Tinha também, ao que tudo indica, ligação com o grupo editor da Revista mensal AURORA, cuja publicação teve início em São Paulo, em 1 fev. 1905, funcionando sua sede à rua de Bento Pires, 29. Trascrevemos os dizeres editados em seu primeiro número:*

“Prelúdio

Dissemos em nossa circular-programa.

‘Esta revista, com 16 paginas, a duas colunas, defenderá, no campo económico e moral, o socialismo – a transformação da propriedade particular em propriedade social e a solidariedade humana na luta contra a natureza, a cooperação dos esforços na conquista de mais bem-estar, substituindo a luta entre os individuos da mesma especie, causa de degenerencia e de males, que não de selecção e de progresso. No campo politico, sob o ponto de vista da organização e do metodo, a revista defenderá a ANARQUIA, - a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre pacto, sem delegações de poder, e portanto, na luta presente, a acção directa dos individuos concientes e solidarios sobre o patronato e a autoridade do Estado.’

E’ quanto basta. Fazer promessas e longos programas é inútil; o tempo dirá o valor e a obra desta pequena revista, que procuraremos engrandecer e em que trabalharemos sinceramente.”

(*Prelúdio. Aurora* São Paulo. 1 fev. 1905. ano I, n. 1, p.1.)

Obs.: Ambos jornais, *A Terra Livre* e *Novo Rumo* estiveram sendo vendidos entre a multidão nas comemorações do dia 1º de Maio de 1907, na sede da Federação Operária de São Paulo.

GRUPO NUOVA CIVILITÁ

Sede	- São Paulo - SP; - Endereço: Rua Líbero Badaró, 82;
Órgão Periódico	- IL PRIMO MAGGIO (nº único); - O AMIGO DO POVO;
Trajetória Periódica do Grupo	- 1901-1902-1903; - Trata-se do primeiro nome do grupo que, em 1903 passou a se chamar LA PROPAGANDA LIBERTÁRIA;
Trajetória Periódica do Periódico	IL PRIMO MAGGIO: - Número único, em 1901 foi editado pelo grupo NUOVA CIVILITÁ - Em 1898 foi um suplemento do IL RISVEGLIO, também número único; O AMIGO DO POVO: - A partir de 20 set. 1902, este passa a ser publicado "per cure" (aos cuidados) do grupo anarquista NUOVA CIVILITÁ;
A que veio o Grupo	- Um anúncio publicado no jornal GERMINAL de 16 mai. 1902 dizia o seguinte: "O grupo anarquista Nuova Civilitá avisa aos companheiros que na primeira quinzena do próximo mês de julho porá em circulação o opúsculo 'Fra Contadini' de Enrico Malatesta. Com esta obra nosso grupo iniciará uma série de publicações libertárias para concorrer ao grande movimento operário que agita nesta a consciência mais pura da grande legião trabalhadora. (...) o objetivo principal do grupo será estender a propaganda anarquista na oficina, nesse ergástulo industrial onde o operário passa seu dia entre a vida e a morte - mas também estendê-la nas fazendas onde ao mísero trabalhador falta o necessário." – (Este artigo foi escrito por Tobia Boni - fonte: TOLEDO, Edilene T. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993, p.54); - Segundo Edilene Toledo, houve uma certa especialização de atividades por parte de alguns grupos anarquistas: "o grupo 'O Amigo do Povo' se incumbia da criação dos centros de estudos sociais e das bibliotecas, bem como da publicação do jornal, tarefa que às vezes (era) dividida com o grupo 'Nuova Civilitá'". (Fonte: TOLEDO, Edilene T. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993, p.60);
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	- Tobia Boni;
Participantes do Periódico	O AMIGO DO POVO - Ver micro-histórico do Grupo e respectivo Periódico; IL PRIMO MAGGIO
Outras informações do Grupo	- Anarquista; - As reuniões do grupo aconteciam todos os sábados às 8 horas;
Outras informações do Periódico	

GRUPO O AMIGO DO POVO

Sede	<ul style="list-style-type: none"> - São Paulo - SP; - Sabe-se que a sede do Centro de Estudos Sociais Grupo Amigo do Povo, a partir de novembro de 1903, era na rua Bento Pires, 35; - Posteriormente rua Guilherme Maw, 38;
Órgão Periódico	- O AMIGO DO POVO;
Trajectoria Periódica do Grupo	- 1901 a 1904;
Trajectoria Periódica do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - De abril de 1901 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0003; 1902 – MR/0193, MR/0076; 1903 – MR/0193, MR/0008, MR/0003;) a novembro de 1904 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0008 e/ou MR/0193); - O periódico O AMIGO DO POVO foi editado pelo grupo de mesmo nome apenas até setembro de 1902 (nº 12), a partir de então passa aos cuidados do grupo NUOVA CIVILITÁ.
A que veio o Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Socialista Anarquista Sindicalista; - Segundo Edilene Toledo houve uma certa especialização de atividades por parte de alguns grupos anarquistas: <p>"O grupo 'O Amigo do Povo' se incumbia da criação dos centros de estudos sociais e das bibliotecas, bem como da publicação do jornal, tarefa que às vezes (era) dividida com o grupo 'Nuova Civilitá'."</p> <p>(cf. ETT - AP, p. 60);</p>
A que veio o Periódico	<p style="text-align: center;">“Quem Somos</p> <p>Longe de nos a ideia do monopólio da verdade: o que pretendemos é contribuir para que se rasgue o veu de obscurantismo que a encobre, dizer clara e sinceramente o que pensamos; e toda a discussão serena e de boa-fé será aceite e será agradecida. Atenuar o mais possível, o choque entre uma legião miserável de sofredores, sempre desprezada nas suas reivindicações sempre escarnecida nos seus protestos salvo quando sabe fazer-se respeitar e uma minoria opressiva de parasitas; transformar homens inconscientes, cegos, em homens que saibam num dado momento o caminho a seguir para evitar ludibrios, e que não sievam aos dominadores de instrumento de opressão contra os seus próprios irmãos na miséria, tal é a obra para a qual nos propomos contribuir, na medida das nossas forças. Os nossos esforços irão juntar-se aos d’aquelles que trabalham na preparação d’uma sociedade livre em que todos possam encontrar as condições necessárias ao desenvolvimento de todas as suas faculdades. (...)</p> <p>Ainda os que conosco não estão d’accordo devem conhecer a nossa opinião sobre a causa do mal, sobre o meio de combatê-lo; porque as opiniões oppõem-se outras opiniões, não se oppõem violências contraproducentes ou um imprudente encolher de hombros.</p> <p>A todos nos dirigimos: aos proletarios, às victimas de todas as injustiças, de todas as opressões, aos homens de coração, aos homens de boa-fé, aos próprios dominadores. A mais util e segura via a seguir, pra todos é a da harmonia dos interesses da solidariedade. Os próprios senhores soffrem do mal ambiente.</p> <p>(...)</p> <p>Surge agora <i>O Amigo do Povo</i> redigido em portuguez, afim de que o proletariadomanual e intellectual indigena possa conhecer os principios da nossa escola socialista, (...)"</p> <p>(MOTA, Benjamin. <i>Quem Somos. O Amigo do Povo</i>. São Paulo. 19 abr. 1902. Ano I, n.1, p.1.)</p> <ul style="list-style-type: none"> - O nº 1 expressa o “acordo” pretendido por Benjamin Mota como estratégia de organização entre anarquistas e socialistas. O grande tema presente – “Organizemo-nos”, “Organizzateni”... – questão para a qual socialistas (principalmente A. Bertolotti) e anarquistas concentram seus esforços. <p style="text-align: center;">“O Jornal</p> <p>Há dois anos, um grupo de activos camaradas, pôs em circulação o primeiro número do presente periódico. E a nossa preocupação foi sempre desde então a de fazer dele um verdadeiro orgam de propaganda revolucionária e popular, desejo que nunca vimos completamente realizado, porque tem faltado a colaboração de muitos que poderiam e</p>

	<p>saberiam dar á nossa publicação o caracter que ela deveria ter.(...) De novo me dirijo aos camaradas capazes de escrever. O nosso jornal, para ser lido precisa de ser escrito em linguagem simples e clara de modo que o operario não se perca no meio da retorica e não se veja forçado a recorrer ao dicionário a cada linha. Além disso, os camaradas poderiam mandar crônicas dos factos mais importantes sucedidos na cidade, dos acontecimentos do Brasil. Enfim: fazer um jornal sobretudo de crítica local, isento o mais possível dos artigos que fazem dormir.(...)" (GALLO, A. <i>O Jornal. O Amigo do Povo</i>. São Paulo. 11 jun. 1904. Ano III n.54, p.4.)</p>
Participantes do Grupo	- <i>Neno Vasco, Manuel Moscoso, Luiggi Magrassi, Miguel Guerrero;</i>
Participantes do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Alessandro Cerchiai;</i> - <i>Augusto Donati (ou Ceschi): foi um de seus redatores, responsável pela seção italiana;</i> - <i>Benjamim Mota: foi um dos participantes responsáveis;</i> - <i>Elysio de Carvalho:foi um dos fundadores na fundação deste periódico;</i> - <i>Fábio Luz: foi um dos colaboradores na fundação deste periódico;</i> - <i>Giulio Sorelli: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>J. D'Oliveira: foi um dos colaboradores na fundação deste periódico;</i> - <i>Juan Batista Perez: foi um de seus colaboradores;</i> - <i>Manuel Moscoso: foi seu diretor mais ou menos a partir da sua edição de nº 19, possivelmente a partir de 1903;</i> - <i>Manuel Moscoso;</i> - <i>Matilde Magrassi: foi uma das participantes responsáveis;</i> - <i>Mota Assunção: foi um dos colaboradores na fundação deste periódico;</i> - <i>Neno Vasco: foi um dos fundadores responsáveis pelo periódico e foi seu diretor até mais ou menos a sua edição de nº 19;</i> <p><i>Colaboradores eventuais:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>A. Sanchez;</i> - <i>Augusto Donati (ou Ceschi);</i> - <i>Carlos de Miranda;</i> - <i>Changhi;</i> - <i>Dr. A Corre;</i> - <i>Elysio de Carvalho: foi um de seus colaboradores eventuais;</i> - <i>Émile Janvion;</i> - <i>Fábio Luz: sua colaboração, possivelmente a única neste periódico, foi em 06-12-1903, na edição de nº 40;</i> - <i>Felipe Morales;</i> - <i>Gigi Damiani: Colaborava excepcionalmente, já que estava em Curitiba. Ao que tudo indica, sua única colaboração foi na edição de nº 30, de 11-07-1903;</i> - <i>João Chagas;</i> - <i>João Fernandes;</i> - <i>Luiggi Magrassi;</i> - <i>Luis Bertoni;</i> - <i>Matilde Magrassi;</i>
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - <i>O grupo constituiu-se também no Centro de Estudos Sociais "O Amigo do Povo", que funcionava em 1903 (cf. O Amigo do Povo, 13 set. 1903, nº 34);</i> - <i>Em nov. 1903 o grupo organiza uma biblioteca e um arquivo e pede a todos os editores e jornais "da idéia" que lhes enviem "ao menos um exemplar das suas publicações;</i> - <i>Em 1903 aderiu ao "Congresso Internacional Antimilitarista";</i> - <i>Edilene Toledo friza que este grupo se destacou entre os anos de 1902 e 1903;</i>
Outras informações do Periódico	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Anarquista, socialista, sindicalista; quinzenal, sendo que em março/abril de 1904 foi semanal;</i> <p style="text-align: center;">“Importante</p> <p>Por inconvenientes typographicos e dificuldades de redação, <i>O Amigo do Povo</i> continua, por algum tempo, a publicar-se quinzenalmente. Esperando torna-lo em breve semanal, contamos para isso com o decidido apoio dos camaradas.”(...) (<i>Importante. O Amigo do Povo</i>. São Paulo. 24 mai. 1902. Ano I, n.4.)</p> <p style="text-align: center;">“Aos Amigos</p>

	<p>Mais uma vez a cantilena impertinente. Hoje, porém, seremos breves: um simples aviso. O deficit aumenta constantemente e a rua não nos livrará, por um momento sequer, de embarços. A vida semanal do periódico torna-se insustentável. Se o deficit aumentar ainda na próxima semana, ver-nos.emos forçados a retornar a publicação quinzenal. Será possível evitar esse regresso?" (<i>Aos Amigos. O Amigo do Povo</i>. São Paulo. 16 abr. 1904. Ano II, n.50.)</p> <p style="text-align: center;">“Aos Leitores</p> <p>À principio por falta de dinheiro, depois por falta de tempo do redactor, não apareceu até hoje este número d’<i>O Amigo do Povo</i>, talvez o último.(...) De qualquer modo, não abandonaremos a obra começada; e a imprensa anarquista, em vez de recuar, avançará. <i>O Amigo do Povo</i> vai desaparecer muito provavelmente, mas em seu lugar ficará outro, mais conforme com as necessidades do meio, aqui ou no Rio, e teremos a mais uma revista, se ao nosso apelo corresponderem os nossos amigos, procurando desde já assinantes para ela.” (<i>Aos Leitores. O Amigo do Povo</i>. São Paulo. 26 nov. 1904. Ano III, n.63, p.1)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Traduz para o português e edita o "No Café", de E. Malatesta, no ano de 1903; - Subscrição voluntária permanente, sendo que a assinatura voluntária era de 1\$000 por semestre. Isto no Ano 3, nº 60, de 20 de agosto de 1904. - Seu tamanho era de 33x48 e continha 4 páginas; - Responsável pelas correspondências: Neno Vasco. - Publicou ao todo 63 números; - Publicava artigos em português, italiano e espanhol; - Segundo a professora Jacy Alves de Seixas, o jornal parece ter ganho um apelo sindicalista apenas em abril de 1903, provavelmente por uma necessidade dupla: 1)- da organização de Ligas de Resistência e 2)- da participação dos anarquistas nas mesmas; - A sessão italiana do jornal, que era redigida por Augusto Donati, deixou de existir a partir do nº 13, de 11 out. 1902, quando ele é acusado de espião; - A partir do nº 12 de 20 set. 1902 o jornal é editado "per cure" do Grupo Anarquista "Nuova Civilitá". - Em maio de 1904, Moscoso e, posteriormente, Magrasi vão para o Rio de Janeiro, de onde enviavam artigos críticos sobre o movimento operário daquela cidade; - Do n.33 de 29 ago. 1903 ao n.35 de 26 set. 1903, este periódico cobre a greve geral do Rio de Janeiro; - A 11 jun. 1904 (nºs 55, 56-60) publica Bases do Sindicalismo de E. Piaget; - Em setembro de 1903, o "grupo editor" constitui-se em Centro de Estudos Sociais O Amigo do Povo, e em novembro de 1903 constitui-se em Biblioteca Arquivo;
--	---

GRUPO OS LIBERTÁRIOS

Sede	- <i>Rio de Janeiro (RJ): Rua Conselheiro M.....).</i>
Órgão Periódico	- <i>Há registro de dois periódicos de nome O LIBERTÁRIO, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro;</i>
Trajectoria Periódica do Grupo	
Trajectoria Periódica do Periódico	<p><i>SÃO PAULO (SP):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>s/d (ano I) (Referência p/ pesquisa no AEL: MF/0397); de 1922 (5) (Referência p/ pesquisa no AEL: MF/0868) até 1964;</i> - <i>De 1922 pula para 1960 (Referência p/ pesquisa no AEL: MF/0392);</i> <p><i>RIO DE JANEIRO (RJ):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>1904 (2) (Referência p/ pesquisa o AEL: MR/0761) e 1904 (1, 2, 5) (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0010);</i>
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	- <i>Porta-voz do movimento anarquista brasileiro em São Paulo;</i>
Participantes do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Alfio Famarini;</i> - <i>Alonso (ou Antonio Alonso);</i> - <i>Angelina Soares;</i> - <i>Arcênio Palácios;</i> - <i>Felipe Gil (ou Souza Passos);</i> - <i>Francisco Arouca, que também freqüentava o grupo da Plebe junto com Antonio Fernandes;</i> - <i>Francisco Peralta;</i> - <i>Indalecio Iglesias;</i> - <i>João Martins Garcia;</i> - <i>João Perdigão;</i> - <i>João Peres Bousa;</i> - <i>João Peres e seu amigo inseparável Antonino, ambos sapateiros;</i> - <i>Manoel Soares Arias;</i> - <i>Manoelão;</i> - <i>Maria Antonieta Soares;</i> - <i>Nicola Parada;</i> - <i>Nino Martins (Zaratustra);</i> - <i>Pedro Zanella;</i> - <i>Priori;</i>
Participantes do Periódico	<p><i>O LIBERTÁRIO (RJ)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Carlos Dias: foi um de seus colaboradores em 1904;</i> - <i>Manoel Moscoso: foi um de seus colaboradores em 1904;</i>
Outras informações do Grupo	
Outras informações do Periódico	<p><i>O LIBERTÁRIO (RJ):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O periódico O Amigo do Povo fez menção a este jornal do Rio de Janeiro:</i> <p><i>“(...)No Rio existe já O Libertário; e está bem, porque lá é numeroso o proletariado brasileiro e português, e é escandalosa a exploração política. Se aquele periódico puder ali sustentar-se, tomando maior desinvolvimento, todos os esforços dos camaradas poderão convergir em seu apoio.(...)”</i></p> <p><i>(Aos Leitores. O Amigo do Povo. São Paulo. 26 nov. 1904. Ano III, n.63., p.1)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Acredita-se assim, que ele se assemelhe ao O AMIGO DO POVO – Anarquista, socialista, sindicalista.</i>

GRUPO PENSIERO E AZIONE ou GRUPO DO BOM RETIRO

Sede	- <i>São Paulo – SP;</i>
Órgão Periódico	- <i>LA TERZA ROMA (número único) - escrito em italiano;</i>
Trajatória Periódica do Grupo	- <i>1901 - 1902 – 1903 - 1909;</i>
Trajatória Periódica do Periódico	- <i>LA TERZA ROMA: 29 de setembro de 1901 (Referência p/ pesquisa no AEL: MR/0010) - número único, comemorativo da data;</i>
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	- <i>Alessandro Cerchiai;</i> - <i>Chiari;</i> - <i>Enrico D'Avino;</i> - <i>Gino;</i> - <i>Oreste Ristori;</i> - <i>Tobia Boni;</i> - <i>Segundo consta de um relatório policial no ano de 1909, dele faziam parte "uma centena de operários quase todos pedreiros, carpinteiros e empregados das vizinhas oficinas ferroviárias;(..."</i>
Participantes do Periódico	<i>LA TERZA ROMA</i> - <i>Bandoni;</i> - <i>Cerchiai;</i> - <i>Bertoloti;</i> - <i>Benjamin;</i> - <i>Tobia Boni;</i> - <i>Diulio Bernardoni;</i> - <i>Neno Vasco;</i> - <i>Valentim Diego, etc.</i> - <i>Augusto Donati (ou Ceschi);</i> - <i>D. Michele Catanzaro;</i> - <i>E. Simoni;</i> - <i>Gigi Damiani</i> - <i>Iugai di Milna;</i> <i>Pietro Gori</i>
Outras informações do Grupo	- <i>Anarquista, Socialista;</i> - <i>O grupo fazia parte da reunião que organizou a "Agitação contra a Norverte";</i> - <i>Seus colaboradores constituíram, como emanção do grupo, "uma escola elementar mista freqüentada de maneira estável por cerca de cinquenta alunos, entre meninos e meninas quase todos filhos ou parentes dos anarquistas do círculo (...)" (cf. TOLEDO, Edilene T. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993, p.46);</i> <i>OBS.: Neste bairro havia a "fanfarra social do Bom Retiro", em 1904, quando então se apresentava em eventos, como comícios, por exemplo, que envolviam trabalhadores; No dia 8 de março de 1914, realiza-se em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, um grande comício contra a carestia de vida, sendo que o principal orador do comício foi Oreste Ristori (do LA BATTAGLIA);</i>
Outras informações do Periódico	- <i>Conteúdo antinacionalista;</i> - <i>Socialista anárquico;</i>

GRUPO SALVOCHEA

Sede	- <i>São Paulo – SP;</i>
Órgão Periódico	
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>1903;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- <i>Anarquista;</i> - <i>O jornal O AMIGO DO POVO publicou o seu balancete em 30 mai, 1903, n^o 27;</i>
Outras informações do Periódico	

GRUPO SEM PÁTRIA DA LAPA

Sede	- São Paulo – SP;
Órgão Periódico	
Trajectoria Periódica do Grupo	- 1914;
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Anarquista; - <i>Realiza a 12 dez. 1914 uma festa de "esito incoraggiante" - "Le danze si protassero nella maggiore armonia fino alle prima ore del mattino. (...)"</i> - <i>No jornal LA PORPAGANDA LIBERTÁRIA de dez. 1904, nº 20, publicou um anúncio sobre a festa acima referida;</i> <p>OBS.: Neste bairro havia também, no ano de 1904, uma banda de música do “Círculo Socialista Internacional da Lapa”, cujos componentes cantavam e tocavam hinos como: “A Internacional”; “Primo Maggio” e Filhos do Povo”. Além deste círculo, havia uma “Corporação Musical Operária da Lapa (CMOL), entidade fundada por imigrantes italianos, em 1881, com o nome de Lyra da Lapa. Mas tal grupo não cantava música política ou hinos revolucionários;</p>
Outras informações do Periódico	

GRUPO TEATRAL AURORA

Sede	- <i>São Paulo - SP;</i>
Órgão Periódico	-
Trajectoria Periódica do Grupo	- <i>Foi fundado em 1928;</i>
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	- <i>Era composto quase que totalmente por anarquistas espanhóis;</i> - <i>Pedro Catalo: foi um de seus fundadores, entre outros.</i>
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- <i>Representavam peças exclusivamente sociais;</i>
Outras informações do Periódico	

GRUPO TEATRAL DA UNIÃO DOS ARTÍFICES EM CALÇADOS

Sede	-
Órgão Periódico	-
Trajectoria Periódica do Grupo	-
Trajectoria Periódica do Periódico	
A que veio o Grupo	- Segundo Pedro Catalo, o grupo foi constituído para trabalhar em benefício do Sindicato dos Artífices em Calçados;
A que veio o Periódico	
Participantes do Grupo	- Chiarelli: foi seu diretor; - Victória Guerrero (esposa de Afonso Festa);
Participantes do Periódico	
Outras informações do Grupo	- Segundo Pedro Catalo, este grupo foi fundado por iniciativa e sugestão de Afonso Festa; - O primeiro espetáculo do grupo foi "I Senza Patria" (Os Sem Pátria) , "uma eloqüente defesa dos soldados garibaldinos que lutaram por uma nova Itália, na qual, depois não puderam viver porque os novos dirigentes resolveram os problemas deles, particulares, e o povo continuou passando fome e sem ter onde morar, tendo os soldados garibaldinos que se espalhar pelo mundo todo." Tal espetáculo "foi realizado no amplo salão da Federação Espanhola, que era uma sociedade recreativa espanhola que ficava na rua do Gasômetro." - A segunda peça era anticlerical e chamava-se "O Milagre", de autoria de Gigi Damiani. "Neste espetáculo, Afonso Festa não participou porque já havia sido deportado para a Itália. Quem participou foi a companheira dele, Victória Guerrero." - O grupo representou a peça "Viva Rambolot", de Gigi Damiani, que foi traduzida por Pedro Catalo;
Outras informações do Periódico	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante dizer que o estudo sobre o movimento operário e o anarquista está presente sob os mais diversos aspectos, dentro e fora do ambiente universitário. Esta pesquisa, por sua vez, a partir do que já foi escrito academicamente, é permeada de reflexões sobre uma Cultura vivida e referida pelos próprios anarquistas.

Através dos periódicos libertários, fui chamada à reflexão sobre a história dos trabalhadores, estando estes reunidos em grupos de diversas orientações anarquistas, sem, no entanto, me preocupar com suas diferenças neste sentido, consciente de que o ideal libertário possui um princípio (a Ação Direta), não necessariamente metodológico, que é comum a qualquer das suas direções.

Nos dias atuais, percebo um retorno, ainda que parcial, da utilização de estratégias organizativas até ontem tidas como infecundas. E que, curiosamente, foram largamente empregadas pelos anarquistas que, por sua vez, as consideravam proveitosas. Tais estratégias, as quais vim chamando de expressões de uma Cultura Política Libertária, as quais tratei de forma passageira no decorrer dos dois capítulos são: as greves gerais e parciais, a manifestação pública, o boicote, a sabotagem, o labéu. E ainda, a circulação das idéias anarquistas através da mobilidade dos seus militantes nas diversas organizações; o próprio inter-relacionamento entre as várias associações, mesmo no sentido de se auxiliarem mutuamente em termos financeiros e, por fim, as bases de acordo ou os estatutos dos diversos grupos ou organizações, perceptivelmente similares entre si, enquanto libertárias. Quanto a esta similaridade, principalmente a nível de propaganda, destacam-se os respectivos periódicos de tais Grupos.

Por mais que o movimento anarquista tenha sido visto até hoje como defeituoso, falho, imperfeito, finito, fraco, cuja justificativa muitas vezes foi a (des)continuidade das suas organizações, a falta de coesão dos seus militantes e simpatizantes, sua falta de homogeneidade, de solidez, viu-se que esta imagem

pode ser desmistificada. Desta forma, acredito que este trabalho esteja cooperando na retirada do invólucro negativista com que o anarquismo veio sendo percebido ao longo do século que passou.

Se o ideário anarquista zelava por não se constituir em um partido, por exemplo, isto não significava que sua luta deixasse de ser política. Os libertários não se constituíam em um partido por terem consciência de que sua luta não se limitava somente ao campo político-partidário, já que investiam contra o poder constituído em qualquer lugar que isso se fizesse necessário: em casa, no bairro, na rua, na fábrica. Inclusive, se agiam diretamente (se não se deixavam representar por terceiros) nos seus interesses, isso era algo que fazia parte da sua Cultura Política Libertária, o que acabava sendo entendido como uma ofensa à política burguesa. Mas fazer o quê? Igualmente, o que se caracterizava como uma forma de protesto partia da recusa à exigência de naturalização dos estrangeiros no Brasil, vista por estes apenas como um interesse eleitoreiro. Além do mais, inicialmente, sabe-se que seu interesse último era juntar um pecúlio e voltar para os países de origem.

Os libertários tinham um modo singular e especial de perceber a vida e de viver. Tratava-se de pessoas puras, mas não no sentido de ingênuas. Eram puros nos seus ideais, nos seus sonhos, nos seus objetivos, no seu companheirismo e solidariedade. Eram transparentes porque faziam questão de deixar tudo às claras. Escancaravam seus desejos, suas raivas, suas mágoas, suas alegrias... Mas também escancaravam as injustiças, o desemprego, o subemprego, a fome, a miséria, a falta de moradia digna, os baixos salários, o trabalho infantil...

Eram igualmente transparentes em questões determinantes como, por exemplo, quando ao lançarem um periódico, acima de tudo veículo de propaganda para seus ideais, deixavam isto claro, justificando seu surgimento e os objetivos deste já no seu primeiro número, na sua primeira página. Também quando, sem nenhum constrangimento, reclamavam socorro financeiro aos “camaradas”

militantes ou simpatizantes em prol de alguma causa, de algum grupo ou mesmo do próprio periódico, à beira de ser temporariamente ou indefinidamente suspenso. Neste caso, sabe-se que como sobreviviam de subscrições voluntárias e não obrigatórias, e como não lançavam mão de fazer anúncios publicitários, vários não conseguiam se sustentar por muito tempo.

Eram transparentes também devido aos balanços mensais, tanto das atividades e gastos dos grupos, quanto dos periódicos, os quais faziam questão de trazer a público, fosse através dos seus próprios jornais ou de outros, editados por grupos de mesma orientação. (Ver Anexo 3)

O movimento operário, no Brasil, veio caminhando, na Primeira República, lado a lado, ombro a ombro com o movimento anarquista. Aquele tinha a cara deste. Em outras palavras, e repetindo o que se disse na introdução deste trabalho, a formação da classe operária, no caso brasileiro, se deu sob a égide, sob o abrigo, o escudo da Cultura Anarquista. E nem por isto viveu de fracassos e derrotas, alíás, justamente por ter tido a cara do anarquismo é que muito se conseguiu em termos de conquistas. Conquistas estas, infelizmente ainda intepradas como um benefício concedido pelos nossos governantes.

Semelhante ao que os anarquistas do início do século passado estavam então vivenciando, hoje, noutro contexto, nos perguntamos: como pensar o amanhã? Que futuro vislumbrar diante de um presente de apreensões e inquietações, medo e desânimo com relação à política? Desânimo este que os anarquistas da Primeira República pareciam não ter. São questões que permanentemente nos incomodam, pois também somos trabalhadores e desejosos de uma vida diferente da que nos oferecem os “poderosos”. Diante do quadro atual, a única imagem que me vem enquanto recurso, enquanto saída para este século que se inicia, é o exemplo que os anarquistas nos dão através de suas práticas no início do século que se findou.

FONTES CONSULTADAS

Arquivos

- *Arquivo Edgar Leuenroth* – UNICAMP – Campinas – SP;
- *Arquivo Edgar Rodrigues* www.ceca.org.br/edgar/anarKP.html acesso em 25/11/2000;
- *Centro de Cultura Social* – São Paulo – SP;

Fontes Primárias: Periódicos/Revistas

A Guerra Social. Rio de Janeiro. n 2, 16 jul. 1911
A Guerra Social. Rio de Janeiro. n 9, 23 nov. 1911
A Guerra Social. Rio de Janeiro. n.6, Set. 1911. Ano I.

Guerra Sociale. São Paulo. n.10, 1915, ano I.

A Sementeira. Lisboa. n.33, ano III, mai. 1911

A Terra Livre. São Paulo. n.14, 15 ago. 1906.
A Terra Livre. São Paulo. n.42, 27 jul. 1907
A Terra Livre. São Paulo. n.24, 6 jan. 1907.
A Terra Livre. São Paulo. n.1, 6 dez. 1905.

Germinal! São Paulo. n.11, 31 mai. 1913, ano I.

Il Risveglio. São Paulo. n.34, 20 nov. 1898.

La Battaglia. São Paulo. n.81, 10 jul. 1906
La Battaglia. São Paulo. n.131, 23 jul. 1907
La Battaglia. São Paulo. n.69, 25 fev. 1906.
La Battaglia. São Paulo. n.52, 30 set. 1905.
La Battaglia. São Paulo. n.75, 14 abr. 1906.
La Battaglia. São Paulo. n.103, 2 dez. 1906.

A Lucta Proletária. São Paulo. n.10, 21 mar. 1908.
A Lucta Proletária. São Paulo. n.2, 1 set. 1906, ano I.
A Lucta Proletária. São Paulo. n.7, 29 fev. 1908, ano III.
A Lucta Proletária. São Paulo. n.2. 25 jan. 1908.
A Lucta Proletária. São Paulo. 21 mar. 1908, ano III (Segunda Época).
A Lucta Proletária. São Paulo. n.5, 15 fev. 1908, ano III.
A Lucta Proletária. São Paulo. n.5, 15 fev. 1908, ano III.
A Lucta Proletária. São Paulo. n.8, 7 mar. 1908.

A Lucta Proletária. São Paulo. n.14, 1 mai. 1908.

La Lotta Proletária. São Paulo. n.31, 2 fev. 1909.

La Lotta Proletária. São Paulo. n.33, 15 mar. 1909.

La Lotta Proletaria. São Paulo. n.34, 8 abr. 1909.

La Lotta Proletária. São Paulo. n.29, 30 dez. 1908.

La Lotta Proletária. São Paulo. n.37, 7 jun. 1909.

La Lotta Proletária. São Paulo. n.35, 1 mai. 1909.

La Propaganda Libertária. São Paulo. n.20, dez. 1914.

Na Barricada. Rio de Janeiro. n.13, 2 set. 1915. Ano I.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.6, 16 ago. 1902.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.3, 10 mai. 1902.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.34, 13 set. 1903.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.7, 5 set. 1902.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.27, 30 mai. 1903.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.10, 18 ago. 1903.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.34, 13 set. 1903.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.10, 16 ago. 1902.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.2, 1 mai. 1902.

O Amigo do Povo. São Paulo. n.5, 7 jun. 1902.

O Baluarte. Rio de Janeiro. n.6, 16 jun. 1907.

O Libertário. Rio de Janeiro. n.1, 9 out. 1904.

O Libertario. Rio de Janeiro. n.1, 1 nov. 1904.

Renovação. Rio de Janeiro. n.6, abr. 1922.

Fontes Secundárias: Pesquisadas (p/ confecção do dicionário biográfico anarquista(s), do qual me utilizei)

BERGANTON, Gláucia. **Gigi Damiani: Um Anarquista no Brasil**. UNICAMP, IFCH, 1996, 98p. (Monografia)

BETTINI, Leonardo. **Bibliografia dell'Anarchismo**. Firenze: Ed. Editrice, 1972. Tomo II.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.

GOMEZ, A. **Anarquismo e Anarco-sindicalismo em América Latina**. Colombia, Brasil, Argentina, México. Paris: Ed. Ruedo Ibérico, 1980.

HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil. (das origens aos anos 20)**. São Paulo: Global, 1982.

_____. **Nem Pátria Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEUENROTH, Edgard. **A Organização dos Jornalistas Brasileiros (1908-1951)**. São Paulo: Com-Arte, 1987.

_____. **Anarquismo – Roteiro de Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LIMA, Magalhães. **Les Socialisme au Brésil**. Almenach de la Question Sociale pour 1896, Paris.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917**. UNICAMP, IFCH, 1996. (Tese, Doutorado)

MARAM, Shelson Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. **A Classe Operária no Brasil (1889-1930) documentos** Vs. I e II. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

RAGO, Luzia Margareth. *Adeus ao feminismo? Feminismo e Pós Modernidade no Brasil*. In: **Cadernos AEL** (Arquivo Edgard Leuenroth). UNICAMP, Campinas, São Paulo, nº 3 e 4, 1995-1996.

_____. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Edgar. **Nacionalismo e Cultura Social (1913-1922)**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.

RODRIGUES, Edgar. **Novos Rumos (1922-1945)**. Rio de Janeiro: Ed. VJR – Editores Associados, 1993.

_____. **Os Anarquistas e os Sindicatos (Portugal – 1911-1922)**. Lisboa: Editora Sementeira, 1981.

_____. **Os Anarquistas, Trabalhadores e Italianos no Brasil**. São Paulo: Global.

_____. **Os Companheiros**. Vs. 1, 2, 3 e 4. Florianópolis: Insular, 1997.

_____. **Os Libertários**. Rio de Janeiro: Ed. VJR – Editores Associados, 1993.

_____. **Quem Tem Medo do Anarquismo?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

_____. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1675-1913)**. Rio de Janeiro: Laemert, 1969.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: Uma aventura anarquista**. UNICAMP, IFCH, Campinas: 1998, 208p. (Dissertação, Mestrado). xerox.

VELASCO E CRUZ, M. C. **Amarelo e Negro: matizes do comportamento operário na Primeira República**. IUPERJ. Rio de Janeiro: 1981 (Dissertação, Mestrado).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os Italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BATALHA, Cláudio H. M. *A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências*. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo, Editora Contexto, pp.145-158.

BATALHA, Cláudio H. M. *Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do Século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. In: **Cadernos AEL**, Campinas: v. 6, nº 10/11, 1999, pp.43 a 66.

BEIGUELMAN, Paula. *O movimento operário ante a grande lavoura no período imigrante*. In: PRADO, Antonio Arnoni. (org.) **Libertários no Brasil – memória, lutas, cultura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.98-106.

BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista La Battaglia e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários etnocêntricos*. In: **Cadernos AEL** (Arquivo Edgard Leuenroth). Campinas: Gráfica IFCH, 1998, pp.117-150.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Situação e Comportamento Social do Proletariado*. Publicado em Paris pela Revista Brasiliense, reproduzido in **Comunidade e Sociedade no Brasil**. Florestan Fernandes. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1972, pp.467-486.

CARVALHO, Florentino de. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social**. Porto Alegre: Sociedade Editora Renascença, 1927, 241p.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. Tradução, prefácio e notas Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1980, 299 p.

DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, 248p.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Tradução de César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição, 1977.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

FRANCO, Victor. *A Defesa da Nova Organização Social*. In: LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – Roteiro da Libertação Social**. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, s/d.

FREIRE, João. *Estudo Introdutório*. In: VASCO, Neno. **Concepção Anarquista do Sindicalismo**. Porto: Edições Afrontamento, edição 214, 1984.

GARCIA, Victor. **Antologia del Anarcosindicalismo**. Caracas (Venezuela): Ruta - Base, 1988.

GUÉRIN, Daniel. **O Anarquismo. Da doutrina à ação**. São Paulo: Germinal, s/d p.26.

HALL, Michael M. *Trabalhadores Imigrantes*. In: Revista **Trabalhadores**. Campinas: nº3, s/d.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria Nem Patrão – vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – Roteiro de Libertação Social**. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963.

LEUENROTH, Edgard e VASCO, Neno. *Em defesa das liberdades públicas e dos direitos dos cidadãos*. In: LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo: Roteiro da Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.

LINHARES, H. **Contribuição à História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

LOPES, Juarez Brandão. **Sociedade Industrial no Brasil**. 1964.

LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta - a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

- LUIZETTO, Flávio. **As Utopias Anarquistas**. São Paulo: brasiliense, 1987.
- MAGNANI, Sílvia Ingrid Lang. **O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Novos tempos, 1989.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920**. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Novos e Velhos Sindicalismos – Rio de Janeiro (1955/1988)**, Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
- MORAES, Evaristo de. **O Anarquismo no Tribunal do Jury: processo de Edgard Leuenroth**. Rio de Janeiro: La Veia, 1918.
- MORAIS, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1994.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- PEREIRA, Astrojildo. **A Formação do PCB – 1922-1928**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.
- PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- PINHEIRO, P. S. e HALL, M. *Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle*. **Revista Remate de Males**, nº 5, Campinas: 1985.
- PINHEIRO, P. S. e HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil – condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado**. Volume II, São Paulo: Brasiliense, Coleção Documentos, 1981.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Política e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REIS, H. Corrêa dos. *Fatos do Movimento Operário Brasileiro.* **Revista Brasiliense,** São Paulo, n. 35, pp.70-78.

REIS, H. Corrêa dos. *Fatos do Movimento Operário Brasileiro.* In: **Revista Brasiliense,** n^o35, s/d.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1675-1913).** Rio de Janeiro: Laemert, 1969.

RODRIGUES, José Albertino. **Sindicalismo e Desenvolvimento no Brasil.** São Paulo: Difel, 1968.

RODRIGUES, Leôncio Martins. *Classe Operária e Sindicalismo no Brasil.* In: RODRIGUES, L. M. (org.). **Sindicalismo e Sociedade.** São Paulo: Difel, 1968, p.341-360.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Conflito industrial e sindicalismo no Brasil.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: Uma aventura anarquista.** 1998. Dissertação (Mestrado em História) IFCH, Unicamp, Campinas. Outubro, 1998.

SADER, Eder e PAOLI, Maria Célia. *Sobre Classes Populares no pensamento sociológico Brasileiro.* In: **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa.** 5^a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997, pp.39-67.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Mémoire et oubli: Anarchisme et Syndicalisme révolutionnaire au Brésil.** Paris: Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme. 1992.

SEIXAS, Jacy Alves de. *O Esquecimento do Anarquismo no Brasil: A Problemática da (RE)Construção da Identidade Operária.* In: **História & Perspectivas,** Uberlândia, (11): 213-232, Jul./Dez. 1994.

SFERRA, Giuseppina. **Anarquismo e Anarcosindicalismo: orientações do movimento operário brasileiro – 1906-1907.** 1992. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/História). UNIMEP, Piracicaba, 1982.

SHARPE, Jim. *A História Vista de Baixo*. In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, pp.39-62

SIMÃO, Azis. *Os Anarquistas: duas gerações distanciadas*. **Tempo Social**; Rev. Social. USP, São Paulo, 1(1): 59, I Sem. 1989.

SIMÃO, Aziz. **Sindicato e Estado**: suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Dominus, 1966.

SOUZA, M. J. de. **Sindicalismo e Ação Direta**. Porto: Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, 1911, n. 03.

TELLES, J. **O Movimento Sindical no Brasil**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

TOLEDO, Edilene T. **O Amigo do Povo**: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, Campinas. 1993.

THOMPSON, E. P. **Tradicón, Rivuelta Y Consciencia de Clase**. Barcelona: Zamora, 1979, p.37.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

Boycott. La Lotta Proletária, São Paulo, 7 jun. 1909, n. 37.

Greve Geral. A Lucta Proletária, São Paulo, 29 fev. 1908, n. 7.

O fim essencial do sindicato – o sindicato de bases múltiplas. A Terra Livre, São Paulo, 6 jan. 1907, n.24.

O que queremos II. O Amigo do Povo, São Paulo, 10 mai. 1902, n. 3.

O que queremos IV. O Amigo do Povo, São Paulo, 7 jun. 1902, n. 5.

Os nossos meios de acção, A Terra Livre, 15 ago. 1906, n. 14.

A Lucta Proletária, São Paulo, 1 set. 1906, n.2, ano I.

A Lucta Proletária, São Paulo, 25 jan. 1908, n. 2.

A Lucta Proletária, São Paulo, 15 fev. 1908, n. 5.

A Lucta Proletária, São Paulo, 21 mar. 1908, p.1, ano III (Segunda Época).

A Lucta Proletária, São Paulo, 7 mar. 1908, n. 8.

A Terra Livre, São Paulo, 6 dez. 1905, n.1.

Avanti, São Paulo, 1-2 jun. 1901.

Avanti, São Paulo, 22-23 jun. 1901, n.36.

Avanti, São Paulo, 25-26 mai. 1901.

Avanti, São paulo, 25-26 mai. 1901.

Avanti, São Paulo, 27 mar. 1915, 2^a série, n.14.

Germinal, São Paulo, 1 mai. 1913.

Germinal, São Paulo, 10 mai. 1913.

Germinal, São Paulo, 17 mai. 1913.

Germinal, São Paulo, 24 mai. 1913.

La Barricata, 4 jan. 1913, n.382.

La Battaglia, São Paulo, 26 mai. 1912, n.355.

La Battaglia, São Paulo, 19 mar. 1905, n. 35.

La Battaglia, São Paulo, 4 mar. 1906, n.70.

La Battaglia, São Paulo, 23 jul. 1907, n. 131.

La Lotta Proletária, São Paulo, 1 mai. 1909, n. 35.

La Lotta Proletária, São Paulo, 15 mar. 1909, n. 33.

La Lotta Proletária, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31.

La Lotta Proletária, São Paulo, 2 fev. 1909, n. 31.

O Amigo do Povo, São Paulo, 13 set. 1903, n. 34.

CARVALHO, Florentino. *Pró e Contra il Sindicalismo: atitude dos anarquistas ante o movimento operário*. **Guerra Sociale**, São Paulo, 1915, n.10, ano I.

CERCHIAI, Alexandre. *Anarchismo o Opportunismo?*. **La Battaglia**, São Paulo, 25 fev. 1906, n.69.

CERCHIAI, Alexandre. *Sindicalisti Anarcoidi*. **La Battaglia**, São Paulo, 11 mar. 1906, n.71.

E.F. *As bases do acordo sindical*, **A Lucta Proletária**, 21 mar. 1908, n. 10.

FELIPE, Rodolfo. *A ação de um Comitê*. **La Propaganda Libertária**, São Paulo, 24 out. 1914.

MALATESTA, Errico. **O Amigo do Povo**, São Paulo, 16 abr. 1904, n.50.

MONTENEGRO, F. L. *A Greve Geral*. **O Amigo do Povo**, São Paulo, 1 mai. 1902, n.2.

OITICICA, José. *Em defesa da Federação Operária*. In: **A Rua**: Rio de Janeiro, 19 abr. 1918, reproduzido em OITICICA, José. **Ação Direta**, p.57.

Presidente do POI. *Carta Aberta a D. Elisa Scheid*, (sobre o Partido Operário Independente de P. Machado) **A Terra Livre**, São Paulo, 17 fev. 1906, n.4.

SORELLI, Giulio. **A Lucta Proletária**, 1 mai. 1908, n. 14.

SORELLI, Giulio. *Beppe ed il socialismo*. **La Lotta Proletária**, 30 dez. 1908, n. 29.

VASCO, Neno. *O que queremos III*. **O Amigo do Povo**, São Paulo, 24 mai. 1902, n.4.

REVISTAS

Imigração Italiana, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, Hospedaria dos Imigrantes e outros, 1995.

VASCO, Neno. *A Nossa Ação*. **Renovação**. Rio de Janeiro, abr. 1922, n. 6.

Anexo 1

Relatório do Chefe de Polícia de São Paulo - 1896

“Em abril de 1894 tendo tido o meu ilustre antecessor, dr. Teodoro de Carvalho, conhecimento de que nesta Capital havia um grupo de estrangeiros anarquistas, constituído em grêmio de propaganda subversiva e vendo o perigo dessa propaganda, manifestado na lembrança de destruição, por bombas de dinamite lançadas em dois palacetes desta cidade, em 1º de maio, daquele ano, feito que alarmou profundamente a população e mereceu da imprensa a mais formal condenação; o dr. Teodoro fez prender a dez dos mais salientes sectários daquela propaganda, os quais tendo tido ordem de deportação foram remetidos para a Capital Federal, onde permaneceram presos até 1º de dezembro do mesmo ano.

Postos em liberdade em virtude do aviso do Ministério da Justiça daquela data, alguns deles voltaram a esse Estado e, a despeito de terem prometido viver vida ordeira, aqui se constituíram em novo grêmio de propagandistas, fundando jornais e publicações perigosas para a ordem pública e realizando reuniões secretas de intuítos francamente anarquistas.

Ao assumir esta Chefia tive ciência desses fatos. Por isso determinei que se buscassem as necessárias providências, seguindo-se todos os passos dos sectários, até que pudessem eles ser presos em flagrante, de modo a se justificarem as medidas especiais que a respeito tivesse de tomar o poder público.

Nessa constante prevenção vim a saber que o grupo preparava-se para mais manifestações em 1º de maio de 1895 e para essa data reservara essa Chefia providência apropriadas, quando na noite de 17 para 18 de março foram presos Compagnoli Luciano e Venturini Attilio, na ocasião em que furtivamente distribuía e afixavam manifestos anarquistas, pelos subúrbios da cidade.

Medidas urgentes tiveram então de ser tomadas e dentro em pouco foram dadas buscas em várias casas suspeitas, e presos mais quatro indivíduos, Giuseppe Consorte, Ludovico Tavani, Campagnoli Arthuro e o Alemo Andréa.

Das buscas efetuadas resultou a apreensão de numerosos livros e jornais de propaganda revolucionária, muitos exemplares dos manifestos acima referenciados e correspondências reveladoras de planos criminosos.

E do interrogatório dos presos saiu a confissão franca de que eram propagandistas convencidos e ardentes do socialismo anarquista, solidários com todas as manifestações dessa crença e por isso elementos infensos e perigosos à ordem pública.

À vista desses fatos, e considerando que entre aqueles indivíduos se achavam Alemo Andréa e Campagnoli Arthuro que já figuravam no ano de 1894 entre os anarquistas presos para serem deportados, determinei que todos eles fossem retratados e recolhidos à cadeia, em prisão especial, até que em vista das provas do inquérito instaurado e por bem do sossego e segurança pública, fossem expulsos do território nacional. Dessas diligências foi encarregado o dr. Galeani Martins, 3º delegado, que as desempenhou com muito zelo e habilidade. De então para cá apenas têm sido por vezes apreendidos folhetos e jornais anarquistas procedentes do Rio da Prata, em pequeno número e dirigidos a indivíduos já ausentes do Estado de São Paulo.”¹

¹ Relatório apresentado ao Secretário dos Negócios da Justiça do Estado de S. Paulo pelo Chefe de Polícia, Bento Pereira Bueno, em janeiro de 1896, São Paulo, Tipografia a Vapor Espindola Siqueira e Comp., 1896, pp.10-22 (AESP). In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. **A Classe operária no Brasil, 1889-1930** – condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado, volume II. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp.240-41.

Anexo 2

A Aliança Anarquista – Bases de Acordo¹

A organização do elemento avançado deixou de ser uma simples aspiração para entrar no terreno da prática.

Pode-se dizer ser já um fato a importante iniciativa da fundação da liga de ação social.

Após algumas reuniões parciais, foi realizada, no dia 8 do corrente no salão Itália Fausta, uma concorrida e animada reunião dos libertários de São Paulo, na qual se assentaram as bases da Aliança Anarquista, que é como se chama a nova agremiação, e cujos fins estão claramente expostos nas bases de acordo abaixo publicadas.

Nessa reunião ficou constituída a comissão de correspondência, que já se tem reunido, dando início aos seus trabalhos.

Os grupos existentes no Brasil devem imediatamente entrar em relações com essa comissão, escrevendo-lhe para a Caixa Postal 1336, São Paulo, seu endereço provisório.

Os intuítos da Aliança Anarquista estão, em síntese, expostos nas bases do acordo seguinte:

Os anarquistas residentes no Estado de São Paulo e localidades dos estados vizinhos, consideranto o excepcional momento histórico causado pela conflagração européia, cujas conseqüências hão-de provocar acontecimentos sociais de ordem econômica e política em todos os países, acontecimentos que devemos e queremos determinar num sentido libertário e revolucionário; tendo em vista o alarmante incremento que estão tomando as instituições religiosas, e a sua ação delatária, desenvolvendo prodigiosamente, de momento a momento entre as classes populares, a loucura do misticismo e a morosidade das mais grosseiras superstições, que vão de encontro à liberdade de consciências, a cultura e ao progresso do povo, e, observando com indignação a obra infame das classes dirigentes, que lutam a todo transe para militarizar os habitantes deste país,

¹ RODRIGUES, Edgar. *Livre Pensamento e Questão Social (Antologia)*. Rio de Janeiro: (cópia encadernação espiral), 1995, p. 1156-158.

infiltrando-lhes de maneira sutil o fanatismo patriótico e a exaltação nacionalista, aplicando todas as medidas para efetivar a odiosa e tirânica lei do sorteio militar obrigatório, intensificando, nas escolas, a educação cívica e o exercício da caserna, deturpando e pervertendo a mentalidade e os sentimentos da infância, do povo em geral, com o ódio de raça e o entusiasmo pela reação jacobina, - resolveram nesta data em sua maioria, organizarem-se em grupos autônomos, ligados por uma simples comissão de correspondência, com o fim essencial de unir esforços para um trabalho extenso e prático de propaganda e de ação tendente à emancipação econômica, social e moral de cada indivíduo e da humanidade em geral.

Depois de prévia discussão, foram aprovados como princípios morais e planos de organização da Aliança Anarquista as seguintes

Bases de Acordo:

A Aliança Anarquista propõe-se intensificar a propaganda libertária, reunindo em centros ou grupos os numerosos camaradas que se encontram dispersos por todo o país, vivendo na mais completa apatia, por falta de coesão, de relações e de solidariedade, que devia existir perenemente, de maneira ativa, eficaz, entre os homens que sentem as mesmas aspirações, professam os mesmos princípios e lutam por ideal comum.

A Aliança fomentará, por todos os meios ao seu alcance, a propaganda contra as causas fundamentais da conflagração atual e de todos os males sociais, que têm como origem o Estado e a propriedade individual, de instituições particulares ou públicas; ativará a ação anticlerical e antireligiosa, assim como difundirá todas as verdades demonstradas pela ciência e pela experiência, no intuito de substituir a moral baseada no milagre, na revelação e na metafísica pela moral inerente à razão e ao livre exame; promoverá uma forte agitação contra a lei do sorteio militar obrigatório, o ensino militar nas escolas e o militarismo em geral, levando esta atividade regeneradora até aos quartéis, ao seio das famílias, procurando destruir os vícios sentimentais e morais da tendência militarista, que se assenta sobre as aberrações nacionais e patrióticas.

A Aliança combaterá a propaganda eleitoral e qualquer partido político estatal, mesmo o que se proponha reformas e, portanto, consolidar a atual organização política e econômica, ou qualquer outra que não seja baseada no anarquismo; apoiará todo movimento de agitação ou revolta cujo fim seja limitar o poder do Estado, intervindo, porém sempre, na luta com programa próprio.

Com relação ao movimento de classe, a Aliança favorecerá o desenvolvimento das organizações econômicas de resistência dos operários das cidades e dos trabalhadores rurais ou colonos, onde não existam, elaborando para este fim um programa especial, subordinando, porém, a sua intervenção e ação à propaganda integral do anarquismo.

Na Aliança Anarquista as iniciativas que foram lançadas, quer na capital, quer no interior, encontrarão o necessário auxílio na solidariedade geral, ou particular dos grupos que com elas estiverem de acordo.

Os grupos aderentes à Aliança gozarão da mais ampla autonomia e se houver uma caixa única, esta será unicamente para auxiliar os presos por questões sociais.

Todos os grupos ou centros concorrerão com uma mensalidade para as despesas da comissão de correspondência.

Nos lugares onde não for possível organizar grupos, os camaradas poderão comunicar individualmente a sua adesão à Aliança, por intermédio da comissão de correspondência.

Julgamos que os motivos determinantes desta iniciativa tendente à união dos libertários em grupos ou centros de ação e de propaganda, e à organização destas entidades numa vasta federação, com o fim de estreitar relações e tornar possível a nossa ação simultânea, são bastante poderosos para despertar o interesse, provocar a

adesão e a atividade de todos os companheiros, de todos os que sintam realmente o ideal libertário e saibam agir de acordo com os seus sentimentos e idéias.

Confiamos, pois, em que os camaradas em geral levarão à prática a maior atividade, a fim de que esta iniciativa de grande alcance para o movimento anarquista tenha o êxito que almejamos.

As adesões individuais ou coletivas podem ser enviadas provisoriamente à redação da Guerra Social, Caixa Postal 1336

São Paulo, Setembro, 1916

A Comissão Provisória

BASES DE ACCORDO
DA

Federação Operaria de S. Paulo²

Princípios fundamentaes

Considerando que todos os males que normalmente atormentam o povo trabalhador, ora em forma lenta, ora em períodos de crises tremendas como na época corrente, são uma consequencia da dominação da classe capitalista que, de posse de todas as riquezas sociaes, - terra, instrumentos de trabalho, minas, meios de transporte, habitações - tudo maneja de accordo com os seus interesses particulares e em detrimento do bem-estar colectivo;

Considerando que, por isso mesmo, ha absoluto antagonismo de interesses entre as duas classes sociaes em que se divide a humanidade: a do Capitalismo, que tem ao seu serviço o Estado com todos os seus meios compressivos, - magistratura, exercito, policia, etc. - e a dos Productores, que são os criadores de todas as riquezas, pois que o Capital se fórma por uma percepção effectuada em detrimento do Trabalho;

Considerando que é, portanto, attentatoria a todos os princípios de equidade social a vigente organização da sociedade, que obriga a classe obreira a se manter periodicamente na ociosidade ou se submeter a um regimen de penuria, que, offendendo o supremo direito á vida, a arrasta a definhar lentamente á mingua, quando existem terras immensuraveis a cultivar, innumerables fabricas para produzir, predios sem conta vasio ou mal occupados, e armazens cheios de viveres, cuja deterioração muitas vezes é provocada para determinar a alta de seu preço, quando se consomem sommas enormes em instituições inuteis, nas repartições burocraticas e judicarias, no exercito e na policia, e quem gose do superfluo;

Considerando, finalmente, por todas essas razões, que desse permanente choque de interesses surgiu a luta entre as classes, e que dessa luta o proletariado não poderá sahir vencedor se não unir forte e conscientemente os seus esforços;

As associações proletarias da cidade de S. Paulo e suburbios, pondo em pratica o axioma da Sociedade Internacional dos Trabalhadores: "A emancipação dos trabalhadores hade ser obra dos proprios trabalhadores", e tendo em vista que o desenvolvimento da industria se faz no sentido de exigir de todos os obreiros sem distincção de officios, uma solidariedade cada vez mais estreita, tendendo a abolir as barreiras que separavam as corporações de officios, e para não continuar mantendo-se num prejudicial isolamento, praticando assim o mesmo erro do operario desorganizado, - decidem reconstituir a Federação Operaria, cujo escopo primacial é incorporar-se ao proletariado universal na luta para a sua completa emancipação do jugo da burguezia, o que se conseguirá tornando commum a posse e gozo de todas as riquezas sociaes, inaugurando-se assim a sociedade dos productores e consumidores livres, na qual, não mais existindo o Estado e todas as suas instituições tyrannicas, o bem estar e a liberdade serão patrimonio colectivo, tendo cada qual aquillo que as suas necessidades exigem.

Fins immediatos

1 - A Federação Operaria de São Paulo, promovendo a união dos trabalhadores salarizados, estreitando os seus laços de solidariedade, estudando e propagando os meios de acção para dar mais força e cohesão aos seus esforços, sem abandonar a luta para a quédia do regimen social dominante, causa da tyrannia e da exploração a que se acha sujeita a classe trabalhadora, esforçando-se incessantemente para a convencer de que as melhoras de condição na sociedade presente serão sempre muito relativas, nullas e enganadoras, pois não solucionam o problema social, sustentará, entretanto, os seus movimentos de resistencia, de protesto e de reivindicções, taes como sejam:

² A Plebe. São Paulo, 18 ago. 1917.

- a) *Activar a propaganda e a acção contra o serviço militar obrigatorio, que é systematização neste paiz do militarismo, causador das guerras e maior esteio do capitalismo, a quem, defende nos momentos de grève e de agitações, perseguindo e substituindo os trabalhadores;*
- b) *Combater incessantemente a lei de expulsão de estrangeiros, que tem por fim perseguir os trabalhadores que se agitam em defesa de sua causa e os militantes das idéas de redempção humana;*
- c) *Zelar pelos direitos de associação, de reunião e de livre propaganda de idéas;*
- d) *Promover a defesa dos trabalhadores e propagandistas em caso de prisão, perseguição, abusos ou injustiças de que sejam victimas, com relação aos assumptos sociaes;*
- e) *Esforçar-se pela sua cultura, creando bibliothecas, promovendo conferencias, palestras e excursões; creando e difundindo os seus jornaes de propaganda reivindicadora; editando livros, folhetos e avulsos e creando ou patrocinando as escolas baseadas no methodo racionalista e scientifico, em contraposição ao ensino mystico e autoritario;*
- f) *Mover activa campanha contra o alcoolismo, que é um dos vicios mais arraigados no seio das classes trabalhadoras, e que tem sido um obstaculo para a sua organização e luta contra os capitalistas, que disso tiram proveito;*
- g) *Combater toda a obra de açambarcamento, de “trusts” ou outros criminosos manejos commerciaes, que fazem elevar os preços dos generos alimenticios, assim como mover guerra contra os seus falsificadores;*
- h) *Sustentar um constante e vivo movimeto de protesto contra os impostos e as tarifas alfandegarias, assim como contra as tributações ferroviarias que concorrem para tornar mais penosas as condições do povo;*
- i) *Lutar pelo barateamento dos alugueis das habitações exigindo que estas offereçam todas as condições de hygiene;*
- j) *Fazer com que os operarios não sejam forçados a executar serviços excessivos e brutaes e que os lugares de trabalho offereçam todas as necessarias condições de segurança, de hygiene e commodidade para evitar os accidentes e as molestias hoje tão habituae e que determinam o agravamento da penuria operaria;*
- k) *Exigir da parte dos patrões, empreiteiros, encarregados, gerentes, mestres e contra-mestres a mais completa urbanidade e respeito para com os operarios;*
- l) *Lutar pela igualdade dos salarios das mulheres aos dos homens, e que lhes sejam garantidos os mesmos quando, no ultimo periodo da gravidez ou após o parto, forem obrigadas a deixar de trabalhar;*
- m) *Impedir que sejam occupadas no trabalho creanças menores de 14 annos ou de phisico deficiente, permitindo que sómente aos homens sejam confiados os serviços que, pela sua indole, exijam maior robustez e resistencia;*
- n) *Conseguir que os operarios, em caso de desastre, sejam indemnizados dos dias que perderem e das despesas feitas com o seu tratamento, assim como lhes seja garantida uma pensão equivalente ao salario que ganhavam quando ficarem impossibilitados de trabalhar, revertendo a mesma ás suas familias, nos casos fataes, cabendo á organização respectiva intervir directamente para conseguir o seu pagamento;*
- o) *Firmar a jornada de 8 horas, com a completa abolição do trabalho extraordinario;*
- p) *Conseguir que o trabalho aos sabbados termine ao meio-dia sem desconto de salario;*
- q) *Conseguir que os operarios recebam os salarios correspondentes aos dias ou ás horas que deixarem de trabalhar por conveniencia dos patrões;*
- r) *Tratar de abolir o trabalho por obra, por hora ou por peça, pois o mesmo representa mais uma fórmula de exploração;*
- s) *Tratar por todos os meios de supprimir o trabalho nocturno, salvo nos vapores hospitaes ou outros estabelecimentos em que este seja de absoluta necessidade publica;*
- t) *Conseguir augmentar os salarios, estabelecendo a tabela minima;*
- u) *Obter o pagamento semanal, sem multas ou qualquer desconto.*

Orientação

2 – A Federação Operaria de S. Paulo, tendo por base a independencia do associado no sindicato e a autonomia deste em seu seio, assim como a sua na Confederação Operaria Brasileira, servir-se-á unicamente, para o trabalho de propaganda e educação dos trabalhadores e sua luta contra o capitalismo, dos meios proprios de acção directa, taes como a grève parcial e geral, a boicotagem, a sabotagem, o label, a manifestação publica, etc., variaveis, segundo as circunstancias de logar e de momento.

3 – A Federação Operaria de S. Paulo, sem abandonar a defesa, pela acção directa, dos rudimentares direitos politicos de que necessitam as organizações economicas, não pertence a nenhuma doutrina estatal ou religiosa, não podendo tomar parte collectivamente em eleições, manifestações religiosas, nem podendo qualquer socio servir-se dessa qualidade para se manifestar.

4 – Procurando tornar evidente e pratico o seu ideal de igualdade social, a Federação Operaria de S. Paulo não consentirá em seu seio sorte alguma de distincções honorificas.

5 – Sendo a luta contra o capitalismo a sua acção essencial, a Federação Operaria de S. Paulonão permitirá em seu seio qualquer obra de beneficência, mutualismo ou cooperativismo, cujos encargos pesam, sempre sobre os poucos recursos dos trabalhadores, desviando-os de seu unico objetivo, que é trabalhar pela sua emancipação.

Constituição

6 – A Federação Operaria de S. Paulo reúne em seu seio as associações operarias seguintes, com sede na cidade S. Paulo e seus suburbios, que tenham por base a luta contra o capitalismo e sejam formadas exclusivamente de obreiros salarizados:

a) Os syndicatos de officio ou de industria;

b) As ligas operarias e os syndicatos de officios varios;

7 – Cada organização adherente á Federação terá dois representantes junto á Comissão Federal. Esses delegados deverão ser operarios, trabalhar como taes, não terem operarios ou aprendizes por conta propria ou sob suas ordens e serem socios das associações que representem.

8 – A Federação trabalhará para organizar os operarios ainda desunidos, esforçando-se para reforçar as associações já existentes e prestando a sua solidariedade a todas as organizações operarias, a todos os trabalhadores em suas lutas contra a ignorancia, a exploração e a prepotencia.

9 – A Federação Operaria, tendo em conta que os colonos e os trabalhadores do campo em geral são os mais vilmente escravizados e explorados, prestará todo o seu apoio á campanha contra as prepotencias e infamias praticadas contra essas victimas do feudalismo moderno. Trabalhando para que elles se dediquem a um serio movimento de reivindicção.

10 – Para que não se mantenha num prejudicial retrahimento, a Federação trabalhará para reconstituir, com precisa urgencia, a Federação Operaria do Estado de S. Paulo, filiando-se á Confederação Operária Brasileira, e tomando parte em todos os movimentos de luta proletaria orientados de accordo com os principios constantes destas bases.

Commissão Federal

11 – A Commissão Federal, constituída por todos os representantes, e unico orgam deliberativo da Federação Operaria reunir-se-á ordinariamente duas vezes por mez e extraordinariamente sempre que a Commissão Administrativa a convocar por sua determinação ou pedido de 7 representantes de associações em actividade.

12 – Quando um representante faltar a duas reuniões consecutivas da Commissão Federal, sem motivo justificado, esse facto será comunicado á associação a que pertença para que providencie no sentido do mesmo ser substituído.

Comissão Administrativa

13 – Os trabalhos administrativos da federação operaria de S. Paulo serão feitos pela comissão administrativa, cujas funções serão simplesmente administrativas e nunca de mando, e que exercerá o seu mandato por seis mezes.

14 – A Commissão Administrativa, eleita em assembléa geral com a designação especial do thesoureiro, será composta de 7 membros, que distribuirão entre si o trabalho e se reunirão ordinariamente uma vez por semana e extraordinariamente sempre que fôr necessario. Será eleito pela Commissão Federal em reunião especialmente convocada para esse fim.

15 – O membro da Commissão Administrativa que não comparecer a 3 sessões consecutivas da comissão sem causa justificavel, será considerado demitido, elegendo-se o seu substituto na assembléa geral immediata.

16 – No caso em que a Commissão Administrativa se veja embaraçada com o excesso de trabalho, procurará o auxilio dos socios; quando, porém, houver necessidade de remunerar alguém para esse fim, isso será feito emquanto o serviço durar, ganhando o encarregado, que deverá ser socio, a diaria do seu trabalho.

Fundos sociaes

17 – Cada associação adherente contribuirá para a Federação Operaria com uma quota mensal de 100 réis por cada um dos socios cujas mensalidades sejam pagas.

18 – A caixa da Federação Operaria será destinada ás despesas que lhe são proprias, ao trabalho da organização das classes e da propaganda em pról da emancipação dos trabalhadores.

19 – A Commissão Administrativa só poderá fazer as despesas além das de secretaria, quando for autorizada pela assembléa geral.

20 – O thesoureiro só poderá ter em seu poder para as despesas urgentes a quantia de 200\$000, devendo depositar o restante no estabelecimento determinado pela assembléa geral e apresentar mensalmente a esta, por intermedio da Comissão Administrativa, um balancete de entradas e saídas.

Resoluções finais

21 – Enquanto não for reconstituída a Federação Operaria do Estado, a Comissão Federal manterá uma Comissão de Relações e de Propaganda, composta de 5 de seus membros, que se encarregarão de alimentar as relações entre as sociedades existentes no interior, assim como de organizar outras.

22 – Afim de reunir os obreiros pertencentes a classes não organizadas pertencentes a classes não organizadas e residentes em bairro onde não existem Ligas Operarias, a Federação Operaria constituirá a União dos Trabalhadores de Profissões Varias.

Despertar obreiro

Estão resurgindo as sociedades operarias As suas novas bases de accordo³

Damos a seguir as bases de accordo da União Geral dos Trabalhadores que estão sendo adoptadas pelas Ligas Operarias dos bairros:

Principios fundamentaes

Considerando que todos os males que normalmente atormentam o povo trabalhador, ora em fórma lenta, ora em periodos de crises tremendas como na época corrente, são uma consequencia da dominação da classe capitalista que, de posse de todas as riquezas sociaes, - terra, instrumentos de trabalho, minas, meios de transporte, habitações – tudo maneja de accordo com os seus interesses particulares e em detrimento do bem-estar colectivo;

Considerando que, por isso mesmo, ha absoluto antagonismo de interesses entre as duas classes sociaes em que se divide a humanidade: a do Capitalismo, que tem ao seu serviço o Estado com todos os seus meios compressivos, - magistratura, exercito, polícia, etc. – e a dos Productores, que são os criadores de todas as riquezas, pois que o Capital se fórma por uma percepção effectuada em detrimento do Trabalho;

Considerando que é, portanto, attentatoria a todos os principios de equidade social a vigente organização da sociedade, que obriga a classe obreira a se manter periodicamente na ociosidade ou se submeter a um regimen de penuria, que, offendendo o supremo direito á vida, a arrasta a definhir lentamente á mingua, quando existem terras immensuraveis a cultivar, innumerables fabricas para produzir, predios sem conta vazios ou mal occupados, e armazens cheios de viveres, cuja deterioração muitas vezes é provocada para determinar a alta de seu preço, quando se consomem sommas enormes em instituições inuteis, nas repartições burocraticas e judiciarias, no exercito e na policia, e ha quem gose do superfluo;

Considerando, finalmente, por todas essas razões, que desse permanente choque de interesses surgiu a luta entre as classes, e que dessa luta o proletariado não poderá sahir vencedor se não unir forte e conscientemente os seus esforços;

Os trabalhadores residentes no bairro do..., pondo em pratica o axioma da Sociedade Internacional dos Trabalhadores: “A emancipação dos trabalhadores hade ser obra dos proprios trabalhadores”, decidem constituir a Liga Operaria do..., cujo escopo primacial é incorporar-se ao proletariado universal na luta para a sua completa emancipação do jugo da burguezia, o que se conseguirá tornando commum a posse e gozo de todas as riquezas sociaes, inaugurando-se assim a sociedade dos productores e consumidores livres, na qual, não mais existindo o Estado e todas as suas instituições tyrannicas, o bem estar e a liberdade serão patrimonio colectivo, tendo cada qual aquillo que as suas necessidades exigirem.

Com esse objectivo a Liga Operaria do... trabalhará para que o operariado se dedique com constancia e energia:

- v) á propaganda e á acção contra o serviço militar obrigatorio, que é a systematização neste paiz do militarismo, causador das guerras e maior esteio do capitalismo, a quem defende nos momentos de grèves e de agitações, perseguindo e substituindo os trabalhadores;
- w) á combater incessantemente a lei de expulsão de estrangeiros, que tem por fim perseguir os trabalhadores que se agitam em defesa de sua causa e os militantes das idéas de redempção humana;
- x) á zelar pelos direitos de associação, de reunião e de livre propaganda de idéas;

- y) a promover a defeza dos trabalhadores e propagandistas em caso de prisão, perseguição, abusos ou injustiças de que sejam victimas, com relação aos assumptos sociaes;
- z) a se esforçar pela sua cultura, creando bibliothecas, promovendo conferencias, palestras e excursões; creando e difundindo os seus jornaes de propaganda reivindicadora; editando livros, folhetos e avulsos e creando ou patrocinando as escolas baseadas no methodo racionalista e scientifico, em contraposição ao ensino mystico e autoritario;
- aa) a mover activa campanha contra o alcoolismo, que é um dos vicios mais arraigados no seio das classes trabalhadoras, e que tem sido um obstaculo para a sua organização e luta contra os capitalistas, que disso tiram proveito;

Fins immediatos

1 – A Liga Operaria do..., promovendo a união dos trabalhadores salarizados, estreitando os seus laços de solidariedade, estudando e propagando os meios de acção para dar mais força e cohesão aos seus esforços, sem abandonar a luta para a queda do regimem social dominante, causa da tyramnia e da exploração que se acha sujeita a classe trabalhadora, esforçando-se incessantemente para a convencer de que as melhoras de condição na sociedade presente serão sempre muito relativas, nullas e enganadoras, pois não solucionam o problema social, sustentará, entretanto, os seus movimentos de resistencia, de protesto e de reivindicações, taes como sejam:

- a) Combater todos aquellos que, por meio do açambarcamento, de “trusts” ou outros criminosos manejos commerciaes, que fazem elevar os preços dos generos alimenticios, assim como mover guerra contra os seus falsificadores;
- b) Sustentar um constante e vivo movimeto de protesto contra os impostos e as tarifas alfandegarias, assim como contra as tributações ferroviarias, que concorrem para tornar mais penosas as condições do povo;
- c) Lutar pelo barateamento dos alugueis das habitações, exigindo que estas offereçam todas as condições de hygiene;
- d) Fazer com que os operarios não sejam forçados a executar serviços excessivos e brutaes e que os lugares de trabalho offereçam todas as necessarias condições de segurança, de hygiene e conforto para evitar os accidentes e as molestias hoje tão habituae e que determinam o agravamento da penuria operaria;
- e) Exigir da parte dos patrões, empreiteiros, encarregados, gerentes, mestres e contra-mestres a mais completa urbanidade e respeito para com os operarios;
- f) Lutar pela igualdade dos salarios das mulheres aos dos homens, e que lhes sejam garantidos os mesmos quando, no ultimo periodo da gravidez ou após o parto, forem obrigadas a deixar de trabalhar;
- g) Impedir que sejam occupadas no trabalho creanças menores de 14 annos ou de phisico deficiente, permitindo que sómente aos homens sejam confiados os serviços que, pela sua indole, exijam maior robustez e resistencia;
- h) Conseguir que os operarios, em caso de desastre, sejam indemnizados dos dias que perderem e das despesas feitas com o seu tratamento, assim como lhes seja garantida uma pensão equivalente ao salario que ganhavam quando ficarem impossibilitados de trabalhar, revertendo a mesma ás suas familias, nos casos fataes, cabendo á Liga Operaria do... intervir directamente para conseguir o seu pagamento;
- i) Firmar a jornada de 8 horas, com a completa abolição do trabalho extraordinario;
- j) Conseguir que o trabalho aos sabbados termine ao meio-dia sem desconto de salario;
- k) Conseguir que os operarios recebam os salarios correspondentes aos dias ou ás horas que deixarem de trabalhar por conveniencia dos patrões;
- l) Tratar de abolir o trabalho por obra, por hora ou por peça, pois o mesmo representa mais uma fôrma de exploração;
- m) Tratar por todos os meios de supprimir o trabalho nocturno, salvo nos vapores hospitaes ou outros estabelecimentos em que este seja de absoluta necessidade publica;
- n) Conseguir augmentar os salarios, estabelecendo a tabela minima;
- o) Obter o pagamento semanal, sem multas ou qualquer desconto.

Orientação

2 – A Liga Operaria do... tendo por base a independencia do individuo em seu seio e sua autonomia na União Geral dos Trabalhadores, servir-se-á unicamente, para o trabalho de propaganda e educação dos trabalhadores e sua luta contra o capitalismo, dos meios proprios de acção directa, taes como a grêve parcial e geral, a

boicotagem, a sabotagem, o label, a manifestação publica, etc., variaveis, segundo as circunstancias de logar e de momento.

3 – A Liga Operaria do..., sem abandonar a defesa, pela acção directa, dos rudimentares direitos politicos de que necessitam as organizações economicas, não pertence a nenhuma doutrina estatal ou religiosa, não podendo tomar parte collectivamente em eleições, manifestações religiosas, nem podendo qualquer socio servir-se dessa qualidade para se manifestar.

4 – Procurando tornar evidente e pratico o seu ideal de igualdade social, a Liga Operaria do... não consentirá em seu seio sorte alguma de distincções honorificas.

5 – Sendo a luta contra o capitalismo a sua acção essencial, a Liga Operaria do... não permitirá em seu seio qualquer obra de beneficencia, mutualismo ou cooperativismo, cujos encargos pesam, sempre sobre os parcos recursos dos trabalhadores, desviando-os de seu unico objetivo, que é trabalhar pela sua emancipação.

Constituição

6 – A Liga Operaria, tendo em vista que o desenvolvimento da industria se faz no sentido de exigir de todos os trabalhadores, sem distincção de officios, uma solidariedade cada vez mais estreita, tendendo a abolir as barreiras que separavam as corporações de officios, reunirá em seu seio, sem distincção de classes, raças, sexos ou idades, os trabalhadores:

- a) que trabalhem como taes, não tenham operarios ou a aprendizes por conta propria e não sejam gerentes, mestres, contra-mestres e encarregados, com excessão destes dois ultimos, quando a assembleia geral o determinar;
- b) Que pertençam a classes ainda não organizadas
- c) Que pertençam a classes organizadas em sociedades não filiadas á União Geral dos trabalhadores;
- d) Que pertençam a classes já organizadas em sociedades cujas bases não sejam de resistência ao capitalismo;

7 – A Liga Operaria do... trabalhará para organizar agremiações congengeres em outras localidades, prestando a sua solidariedade a todas as organizações operarias, a todos os trabalhadores em suas lutas contra a ignorancia, a exploração e a prepotencia.

8 – A Liga Operaria do... tendo em conta que os colonos e os trabalhadores do campo em geral são os mais vilmente escravizados e explorados, prestará todo o seu apoio á campanha contra as prepotencias e infamias praticadas contra essas victimas do feudalismo moderno. Trabalhando para que elles se dediquem a um serio movimento de reivindicacção.

9 – Para que não se mantenha num prejudicial isolamento, praticando assim o mesmo erro que o trabalhador isolado, faltando á pratica da solidariedade, a Liga Operaria do... se filiará á União Geral dos Trabalhadores e á Confederação Operária Brasileira, tomando parte em todos os movimentos de luta proletaria orientados de accordo com os principios constantes destas bases.

Administração

10 - Os trabalhos administrativos da Liga Operaria do... serão feitos pela Comissão Administrativa, cujas funções serão simplesmente administrativas e nunca de mando, e que exercerá o seu mandato por seis mezes.

11 - A Comissão Administrativa, eleita em assembléa geral com a designação especial do thesoureiro, será composta de 7 membros, que distribuirão entre si o trabalho e se reunirão ordinariamente uma vez por semana e extraordinariamente sempre que fôr necessario.

12 - O membro da Comissão Administrativa que não comparecer a 3 sessões consecutivas da commissão sem causa justificavel, será considerado demitido, elegendo-se o seu substituto na assembléa geral immediata.

13 - No caso em que a Comissão Administrativa se veja embaraçada com o excesso de trabalho, procurará o auxilio dos socios; quando, porém, houver necessidade de remunerar alguém para esse fim, isso será feito emquanto o serviço durar, ganhando o encarregado, que deverá ser socio, a diaria do seu trabalho.

14 - Para tratar de todas as questões que interessam particularmente a cada uma das dassetes reunidas no seio da Liga Operaria do... serão constituídas pelas mesmas as Comissões Technicas e de Propaganda, compostas de 5 membros e que se reunirão sempre que fôr necessario.

Fundos sociaes

- 15 – Cada socio parará á Liga Operaria do... a mensalidade de 1\$000, sendo dispensado desse pagamento os que por motivo de molestia ou desemprego por mais de 15 dias o comunicarem á Comissão Administrativa.
- 16 - A caixa da Liga Operaria do... será destinada ás despesas que lhe são proprias, ao trabalho da organização das classes e da propaganda em pról da emancipação dos trabalhadores.
- 17 - A Comissão Administrativa só poderá fazer as despezas além das de secretaria, quando for autorizada pela assembléa geral.
- 18 - O tesoureiro só poderá ter em seu poder para as despesas urgentes a quantia de 50\$000, devendo depositar o restante no estabelecimento determinado pela assembléa geral e apresentar mensalmente a esta, por intermedio da Comissão Administrativa, um balancete de entradas e saídas.

Assembleia geral

- 19 – A assembléa geral, unico orgam deliberativo da Liga Operaria do... será convocada por meio de boletins e da imprensa e reunir-seá ordinariamente uma vez por mez e extraordinariamente sempre que a Comissão Administrativa a concocar por sua determinação ou a pedido de 10 socios quites.

Resolução final

- 20 – Em caso de suspensão da sua actividade, todos benes da Liga Operaria do... serão confiados á União Geral dos Trabalhadores ou á Confederação Operária Brasileira.

OBS.: AS PARTES QUE ESTÃO GRIFADAS, SÃO AS QUE DIFEREM DAS BASES DE ACORDO DIVULGADAS PELA FOSP OU FEDERAÇÃO OPERARIA DE SÃO PAULO.

As Bazes do Acôrdo Sindical⁴

"Para garantir a natureza do sindicato e manter , no terreno da ação a união entre os trabalhadores saladiados, bazeia-se o agrupamento operário de resistencia nestes principios:

- 1- Independência do sindicato, agrupamento de classe, grupo de ação ligado pelo interesse, em frente dos partidos associados por uma ideia e composto de individuos de classes diferentes;
- 2- Ação direta, própria do sindicato, com os seus meios próprios: a qual não vai de encontro a nenhuma doutrina, porue todos os individuos ou grupos a aceitam, em maior ou menor grau;

Em frente de todos os agrupamentos de ideias ou contra êles, o sindicato não faz mais do que defender a necessidade Primordial da sua ezistência e ação. A doutrina, por assim dizer, "oficial" do sindicato é... a sua auto-defeza! Nem se concebe um partido, um organismo que não se defenda, que não creia na importancia própria, que não confie em si mesmo! Quando não se defende nem crê em si é porque não tem autonomia, sente a influência de interesses estranhos e afasta-se do seu fim essencial (que para o sindicato é a ação, direta e autônima, de resistência).

No sindicato, o acôrdo faz-se principalmente sobre o terreno da ação. Para o verificar praticamente bastará observar um momento de agitação intensa: todas as tendências se harmonizam na defeza dos interesses comuns.

Mas se é o interesse, a necessidade que move o homem, também é certo, que só o move quando êle sabe ou julga saber como satisfazê-la: do contrário é ação inconciente e improficua. Daí as diverjências quanto a processos, métodos ou escopos.

Daí no seio da classe operária, dentro da ação direta, concepções e tendências diversas, vindas dos diversos temperamentos e hábitos.

Em linha geral, há os reformistas, que restringem a ação do sindicato á pequena vida corporativa, amam o mutualismo, as caixas fortes, o número, o funcionalismo, e preferem os processos conciliatórios; os revolucionários, que hoje só vêem de importante a ação, procuram evidenciar, tornar franco o antagonismo de classes e acentuar a tendência para a abolição das classes e a reorganização da oficina pelos próprios trabalhos emancipados.

Os revolucionários acham que o sindicato tende para a espropriação da riqueza social em proveito de todos e tratam de dar consciencia dessa tendência, portanto acelerà-la. Com efeito, desde que o operariado deixa de ser reziguado e crumiro e aceita a luta contra o patrão, nunca mais pode parar senão na emancipação própria.

⁴ **A Lucta Proletaria** São Paulo. 21 mar. 1908. Ano III, (2ª Epoca) p.1-2.

O seu ideal ou vaga aspiração passa a ser um melhoramento contínuo. Se o sindicato tivesse como fim principal um dado grau de bem-estar arrancado ao patronato (que subsistiria), o sindicato dissolver-se-ia, apenas alcançando este ponto; ou estagnaria, perdendo o seu caráter. Mas a experiência e a propaganda revolucionária mostram que a luta continuada nos limites marcados pelo capitalismo não tem saída, a não ser pela supressão do capitalismo. Arrastado nesta corrente, o operário (mesmo não tendo modificado no todo ou em parte as suas ideias políticas e religiosas) é levado a ver no patrão um intuzo, a contestar-lhe a autoridade na oficina, a reivindicar para si a injerência nela, a pensar, mais ou menos conscientemente, na reorganização da oficina pelos próprios trabalhadores, sem pensar muito (ou pensando errado segundo os revolucionários) na forma política que possa ter então a sociedade, ou que a reorganização da oficina possa determinar...

E assim, neste ponto, cabem várias aspirações políticas... O que porém, une, sobretudo, as várias tendências, é a ação: os reformistas vêm nela um fim imediato; os revolucionários querem-na pelo seu valor educativo.

Mas essa BAZE DE ACÓRDO não impede, convém repetir, as divergências de opinião; seria deplorável que as impedisse. As opiniões são sinal de vida sincera e real. Mas, por isso mesmo, é preciso reforçar aquela base de acôrdo, com outra; dar ao acôrdo, outra base. Se uma é a ação direta autônoma, seja a outra a tolerância na manifestação de opiniões, na propaganda. O operariado, frustrado do direito ao saber, sob o pêzo duma fadiga brutal, e procurando ao mesmo tempo conquistar o direito à vida integral, á civilização, ao bem-estar, elevar-se á consciência da sua força, precisa, mais do que todos, dêsse rejime fortificante de livre discussão e de tolerância.

Demais, como ficisar limites á propaganda, que aliás, não envolve a responsabilidade coletiva? Como ficisar limites ás opiniões que se podem mover dentro do programa da autonomia sindical e da ação direta? Uns são mais moderados e apontam o sindicato até onde ele deve ir; outros querem alargar a ação e os horizontes do grupo sindical.

Tudo varia segundo os temperamentos, a educação social e as circunstancias do meio.

Assim, se é verdade, como afirma o companheiro Chiodi, que a voz dum seu amigo foi sufocada numa assembléia, é justo o seu protesto.

Mas Chiodi e seu amigo queriam ficisar arbitrários á espoliação de ideias no sindicato.

E' justo que a ação essencial do sindicato seja económica, girando em torno da oficina, e, que tudo lhe seja subordinado. Mas onde pára essa ação? E porque deve parar arbitrariamente num ponto?

Tratou-se, na Luta, de antimilitarismo. Não pode um sindicato, e, como tal, considerar o militarismo como um pezado imposto que ofende os interesses económicos do operariado, como um terrível, o mais terrível inimigo na luta económica, um desorganizador do sindicato?

Falou-se de anticlericalismo. Concordemos que á religião não se preste especial atenção nas nossas tribunas corporativas, que não se ocupe espaço com discussões desse género. No fim de contas, uns servem-se das ideias religiosas para defender, outros para atacar a escravidão; uns interpretam o Evangelho pró, outros contra a liberdade; e o Cristo... é reclamado por todos os partidos.

Mas, quanto à Igreja, já o cazo é um pouco diverso: pode muito bem haver quem, no sindicato, e sem sair do seu programa de autonomia e ação direta, considere a Igreja como uma classe patronal, privilegiada, ferozmente inimiga do sindicato, fabricadora de crumiros e de ligas de crumiros.

Demais, antimilitarismo e anticlericalismo são pontos comuns a todas as escolas socialistas; e o companheiro Chiodi, socialista, acuzando, por isso, a Luta de "anarquismo", mostra apenas as suas prevenções contra o anarquismo, mas não o seu amor à neutralidade. Senão, devia acuzá-la de "socialismo".

Não ha, aqui, o perigo de monopolizarem os anarquistas, o jornal ou de impôrem ao sindicato, como oficial, o anarquismo; mas menos o haverá, se os outros operários tomarem parte ativa na vida sindical e na propaganda. Assim o amigo Chiodi pergunta porque não trata a Luta de mutualismo.

Mas quer então impôr aos outros os assuntos, que podem não estar nas suas preferências ou capacidades? Porque não trata disso o amigo Chiodi? Decerto, na Luta, sujeitos todos igualmente á tirania do espaço, todos têm igual direito a êle...

Quem sabe? Talvez até o Sorelli, para mostrar a sua imparcialidade e tolerância, fosse imparcial... contra nós!

E.F.

Bases do sindicalismo⁵

O grupo produtor, núcleo social

Reconhecido como eixo social acôrdo para a luta, a inteligencia para a vida, segue-se que o modo de agregação da sociedade é o *agrupamento*, e para que a expansão do indivíduo não seja contrariada, para que siga sempre uma linha ascendente, é preciso que a forma de agrupamento esteja em completa relação com as funções económicas, que, para o ser humano, se apresentam sob dois aspectos irredutíveis:

1º Consumidor;

2º Produtor;

⁵ O Amigo do Povo. São Paulo. 6 ago. 1904. Ano III, n.59, p.3.

Nace o homem consumidor, - torna-se produtor. Tal é o processo normal.

Consumidor, - o deve cada um porder ser á sua vontade, tendo apenas em conta, nesta função, as suas necessidades, cuja satisfação se subordina forçosamente ás possibilidades. O consumo é a medida do desinvolvimento social: quanto mais intenso fôr para cada um, mais elevado é o nível do bem-estar.

Não é segundo essas indicações que se pratica o consumo na sociedade actual. Muito longo de um ser livre, está submetido a proibições e obstáculos que só por dinheiro se evitam. Ora como o “dinheiro” é açambarcado pela classe dirigente, é ela que, graças aos privilégios de que goza, consome a seu capricho. Em compensação, o trabalhador, que tornou consumíveis os produtos naturais – e isto em proveito do capitalista que o assalariou, - é colocado na impossibilidade de consumir a seu gôsto. Esta iniquidade é intolerável. É monstruoso que alguém – salvo as crianças, os doentes e os velhos – possa consumir sem produzir. É ainda monstruoso que os produtores reais sejam privados da possibilidade de consumo.

Embora o consumo seja mais importante que a produção, pois que se consome muito antes da idade de produzir, - na organização social há necessidade de inverter os termos, pondo a produção no ponto de partida.

O produtor é a base de tudo, desempenha a função orgânica essencial, graças á qual se perpetua a sociedade. E a célula inicial da vida económica o são o seu contacto e o seu acôrdo com os produtores cuja acção se exerce no mesmo plano que o seu – isto é, mesma indústria, mesmo officio, esforço similar, - que vão revelar o laço de solidariedade cuja rêde se estende á colectividade humana.

Esta necessaria e lógica intelligencia entre produtores realiza o AGRUPAMENTO DA PRODUÇÃO , pedra angular da sociedade. Nenhuma outra fórma de agrupação tem este caracter de necessidade; todas são de essencia secundária. Só ele é primordial e inelutavel, só ele se apresenta como o núcleo social, o centro da actividade económica. Mas, para que a função do grupo de produção se exerça normalmente, deve ele constituir um engrandecimento do indivíduo e nunca, sob qualquer pretexto, resultar numa diminuição da sua autonomia.

A discriminação do papel primordial representado na sociedade pelo produtor e pelo grupo de que ele faz parte nessa qualidade, é sem dúvida relativamente nova. A identidade de interesses e a comunidade de aspirações entre produtores coordenados segundo as suas necessidades, actividades profissionais e tendencias não foram em todas as épocas, tão tangíveis como hoje. A compreensão dos fenómenos sociais era estorvada pela ignorancia, sem contar que o desenvolvimento económico não adquirira a acuidade que tem actualmente. Outro impedimento a esta compreensão provinha da sobrevivencia do papel preponderante anteriormente representado pelo agregado familiar. Num momento de progresso da humanidade, - quando ela se compunha quasi exclusivamente de tribos de caçadores e pastores – a família desempenhára, com efeito, a função de núcleo social. Fenómeno explicavel pelo facto de, nessas remotas idades, a produção, tanto industrial como agrícola, - quasi não traspôr o círculo familiar; de modo que, bastando esse agrupamento ás necessidades rudimentares, não viera ainda a *troca* modificar as condições de existência.

Hoje, essas condições sofreram tal transformação que é impossivel considerar a família como núcleo orgânico. Seria o mesmo que legitimar todas as escravaturas, pois que todas derivam logicamente da autoridade que o chefe de familia proclama ter em virtude da sua força e da sua ancestralidade.

Ninguem pensa afinal nesta regressão. Foi noutra direcção que a burguesia, ao alvorecer da sua revolução de 89, tentou aguilhoar as tendencias para a sociabilidade do povo. Querendo carne de trabalho, - dócil, flexível, maleável e privada de toda força de resistencia, - despedaçou os laços de solidariedade real da corporação, sob pretexto de extirpar privilégios de officio, favorecidos pelo antigo regime. Depois para preencher o vazio que acabava de fazer nas consciencias populares e para evitar o renascimento da idéia de associação com base econômica que ela temia, manobrou para substituir aos laços de solidariedade efectiva, resultantes da identidade de interesses, os laços fictícios e illusórios do civismo e do democratismo.

A religião que tinha servido aos poderosos da terra para sufocar e refrear as tendencias para o melhora mento que impulsionavam o povo, passou ao segundo plano. Não que a burguesia desdenhasse o poder embrutecedor desse “freio”; mas considerava o um sistema fóra de moda o tendo feito a seu tempo. Jactou-se então de voltairiana o comando ao mesmo tempo padres, sugeriu á classe operária supertições pelo menos tão deprimentes como o cristianismo. *Soberania Popular!... Patria!...* tornaram-se os ídolos da moda.

Emilio Pouget

Bases do sindicalismo⁶

A base de acordo social

Demonstrado que o movimento sindicalista ou associativo do séc. XX é, no ponto de vista histórico, a consequência normal dos esforços da classe operária do século XIX, resta examinar o valor desse movimento, no duplo ponto de vista filosófico e social . Estabelecamos primeiramente em rápidas linhas, as premissas:

⁶ O Amigo do Povo. São Paulo. 3 set. 1904. Ano III, n.61.

O HOMEM É UM ANIMAL SOCIÁVEL. Não pôde e nunca pôde viver isolado na natureza. É impossível conceber a sua existência a não ser agrupado em sociedades. Por mais rudimentares que tenham sido os primeiros aglomerados humanos, sempre foram associações.

Não é verdade que, como ensinava J. – J. Rousseau, teórico da servidão democrática, tenham os homens vivido, antes de se reunirem em sociedades, no estado de “natureza”, donde só hajam podido sair abdicando, por “contrato social”, uma parte dos seus direitos naturais. Essas puerilidades, hoje desacreditadas, gozavam de grande favor no fim do séc. XVIII. Elas inspiraram os burgueses revolucionários de 1789-93 e continuam a ser o fundamento do direito jurídico e das instituições que nos sufocam. Por erroneos que sejam os sofismas de Housseau, têm a vantagem de dar um verniz filosófico ao princípio de Autoridade e de ser a expressão teórica dos interesses da burguesia. Eis porque esta deles se apropriou; bastou-lhe alinhá-los em “Declarações dos direitos do Homem”, e em artigos do código, para ter um perfeito breviário de exploração e domínio.

Não é tampouco verdade o que darvinistas proclamam: que a sociedade seja um perpétuo campo de batalha, onde a regra única, entre humanos, é *a luta pela existência*. Esta teoria, tão monstruosa como falsa, dá uma tintura de hipocrisia científica às piores explorações. Com ela se explica que o explorador é um *forte*, produto da seleção natural, ao passo que o explorado, - um *fraco*, - vítima das fatalidades (naturais também), só lhe resta vegetar ou desaparecer, conforme os *fortes* tiverem interesse numa ou noutra dessas soluções.

Se é certo que a *luta pela existencia* contribuiu para o progresso das espécies inferiores, não menos certo é que, quando, sob influências várias, intervém, numa determinada espécie, *o acordo para a luta*, o raio da acção da *luta pela existencia* desloca-se: a luta já não se manifesta entre os indivíduos da especie associada; é desde então contra as espécies vizinhas e concorrentes. Foi o que se deu com o animal humano. Se, nas remotas idades primitivas, ele não houvesse solidarizado com os seus semelhantes, nunca teria saído da animalidade. Para o homem, pois, a SOCIABILIDADE apresenta-se como a condição expressa não só de *progresso*, mais ainda de VIDA.

Este *acordo para a luta*, longe de constituir para o ser humano uma diminuição da individualidade, foi para ele o meio de aumentar e de multiplicar o seu poder de bem-estar. O exame das condições reais de vida, na espécie humana, leva pois á negação das teorias postas em voga pelas classes dominantes, - teorias apenas destinadas a facilitar e justificar a exploração e a opressão das massas populares.

Efectivamente, - embora com cambiantes teóricos, - as duas doutrinas (democratismo á Rousseau do século XVIII e darvinismo burguês do XIX) chegam á mesma conclusão: proclamam o espírito de sacrifício e ensinam que “a liberdade de cada um tem por limite a liberdade d’outrem”. Graças a elas, é que o espírito de sacrifício, desacreditado em sua expressão religiosa, readquiriu fama tornando-se um princípio social. Essas doutrinas repetem obstinadamente que, pelo simples facto de aceitar a vida em sociedade, o homem *sacrifica* parte dos seus direitos naturais. Esta oferenda, celebra-a no altar da Autoridade e da Propriedade, e, em troca de tal abandono, adquire a esperança de gozar os direitos que sobreviveram no sacrifício.

Os povos modernos, embaídos por essas metafísicas – uma de aparência científica e outra de máscara democrática, - curvaram a espinha e aceitaram o sacrifício. E tão reprehendidos e doutrinados foram que ainda hoje cidadãos que se presumem intelectualmente emancipados aceitam como axioma indiscutível que *a liberdade de cada um tem por limite a liberdade d’outrem*.

Esta fórmula mentirosa não resiste ao exame. Ela proclama nada menos do que um perpétuo e constante antagonismo entre os homens. Se fosse exacta, teria sido impossível o progresso, porque a vida haveria sido um contínuo combate de feras raivosas, e como a Besta Humana só em detrimento de seus semelhantes teria podido satisfazer os seus interesses, teria sido a luta, a guerra, a ferocidade sem limites. Ora, a despeito de todas as teorias criminosas que dão a sociedade como um campo de batalha, e os homens como só capazes de viver uns á custa dos outros, e dilacerando-se e devorando-se diariamente, houve progresso e apesar de tudo floresceu a idéia de solidariedade. Triunfam, pois, os instintos de harmonia social sobre os da luta pela vida.

A esta dedução objecta-se que o Estado foi um agente de progresso e que a sua (...)

Bases do sindicalismo⁷

O freio patriótico

Na direcção cívica, a burguesia exaltou a sentimentalidade patriótica. Os laços ideológicos que ligam os homens nascidos, graças ao acaso, entre as fronteiras variáveis dum territorio determinado, foram

⁷ O Amigo do Povo. São Paulo, 3 set. 1904. Ano III, n.61.

engrandecidos como os mais sagrados. Ensinou-se, sem rir, que o mais belo dia da vida dum patriota é aquele em que ele tem o prazer de se fazer matar pela pátria.

Essas prosopopeias eram para iludir o povo, impelindo-o de refletir sobre o valor filosófico do vírus moral que lhe inoculavam. Graças ao barulho das cornetas, dos tambores, dos cantos guerreiros e das fanfarronadas nativistas, amostraram-no na arte de defender o que ele não tem: *o patrimônio*. O patriotismo só se explica com um quinhão do haver social para todos os patriotas indistintamente, e nada mais absurdo que um *patriota sem patrimônio*. É entretanto o que se decide a ser o proletário que não possui uma nesga de solo nacional; segue-se que o seu patriotismo é um efeito sem causa, - um caso patológico portanto.

No antigo regime, a carreira militar era um ofício como qualquer outro (unicamente mais bárbaro) e o exército, onde muito pouco se fazia vibrar a corda do patriotismo era uma mixórdia de mercenários “marchando” pela paga. Depois da Revolução, imaginou-se o *imposto de sangue*, o *serviço obrigatório*... para o povo. Era uma dedução da hipótese que, desde então, a pátria seria “de todos”; ora ela continuou a ser “de alguns”, que graças ao novo sistema, resolveram o problema de fazer proteger os próprios privilégios pelos outros, - pelos espoliados do patrimônio.

Aqui, com efeito, aparece uma formidável contradição. Os laços de nacionalidade, - de que é forma tangível a militarização, - e que, segundo se diz, devem tender á defesa de interesses comuns dão um resultado diametralmente oposto: comprimem as aspirações da classe obreira.

Não é tanto a fronteira ideológica, encurralando os povos em ingleses, franceses, alemães, etc. que o exército vigia; é principalmente a *fronteira da riqueza* a fim de manter os pobres encurralados na miséria. D’aqui resulta que os sentimentos cívicos são anti-sociais no mais alto grau; aceita-los como base social seria voltar-se á barbaria.

Emilio Pouget.

Bases do sindicalismo⁸

Renascimento e papel do sindicato

A obra de desvio do movimento económico, tentada pela burguesia, só podia ser momentânea. O agrupamento corporativo não resulta duma cultura artificial; nasce e desinvolve-se, espontânea e fatalmente, em todos os meios. Acha-se na antiguidade, na idade-média, como hoje. E por toda a parte se verifica que o seu desenvolvimento foi estorvado pelos privilegiados que, temendo o poder de expansão dêsse agrupamento, tomavam contra ele medidas proybitivas, sem contudo conseguir extirpa-lo.

Não admira tão intensa vitalidade na associação corporativa; o seu aniquilamento definitivo é impossível de realizar pois que para isso seria preciso destruir a própria sociedade. Efectivamente, o grupo corporativo tem as suas raízes no modo de produção e dele deriva normalmente. Ora, como a associação para a produção é uma inelutável necessidade, como poderiam os trabalhadores, aglomerados para a produção, limitar a sua coordenação aos contactos e relações úteis sómente ao patrão que tira proveito da sua exploração em comum? Pois que, para satisfazer os interesses capitalistas os constituíram em feixe exonómico, era preciso que tivessem uma mentalidade de moluscos para não saberem ultrapassar em suas relações entre explorados os limites postos pelo patrão.

Fatalmente, os operários dotados dum pouchinho de bom senso deviam chegar a verificar o antagonismo flagrante que os faz, - a eles, produtores – inimigos irredutíveis do patrão: este é o ladrão, eles os roubados. Entre eles o desacordo é, pois, tão radical que só políticos e lacaios patronais podem contar é o *Acôrdo* entre o Capital e o Trabalho.

Alem disso, os salarizados não podiam levar muito tempo a reconhecer que a capacidade patronal é tanto mais exigente quanto mais fraca for a resistencia patronal. Ora, é fácil notar que o isolamento do salariado constitue o seu máximo de fraqueza. Por consequencia, tendo já o agrupamento para a produção ensinado o explorado a apreciar os benefícios da associação, este só precisava de vontade e iniciativa para criar a sociedade de defesa proletária – o SINDICATO.

Em breve lhe apreciaram o valor: a burguesia, que tem pouco medo do “Povo Eleitor”, era constrangida pelo “Povo sindicado” a reconhecer o direito de coligação e a liberdade sindical.

Em razão mesmo desses primeiros resultados, fizeram-se tentativas reitaradas para afastar a classe operária da orientação sindical. Apesar dessas manobras, o papel da sociedade de resistencia clarificou-se e precisou-se – de modo que, já agora, se pôde definir assim:

⁸ O Amigo do Povo. São Paulo, 3 set. 1904. Ano III, n.61.

No meio actual, a sua missão permanente é de defender a corporação contra toda diminuição da vitalidade, - isto é, contra toda redução de salários, aumento de horas de trabalho, etc.; depois também, á defensiva juntando a ofensiva, preocupa-se com o aumento da soma de bem-estar da corporação, - o que apenas se pôde realizar com ataque aos privilégios capitalistas e constitue uma espécie de expropriação parcial.

Além desta tarefa de incessantes escaramuças, a associação de classe cuida da obra de emancipação integral de que será eficaz agente; essa obra consistirá em tomar posse das riquezas sociais, hoje monopolizadas pela burguesia, e em reorganizar a sociedade sobre bases comunistas, de maneira que com o mínimo de esforços produtivos se obtenha o máximo de bem-estar.

Emilio Pouget

Bases do sindicalismo⁹

O Direito sindical

Eis constituído o sindicato. Em uma determinada corporação, uma pequena minoria de audaciosos ousam erguer-se em face dos capitalistas e criar uma sociedade de resistência.

Qual será a atitude desse punhado de militantes? Vão esperar, para apresentar as suas reivindicações, o recrutamento, senão da totalidade, ao menos da maioria dos companheiros da profissão?

“Assim fariam, se transportassem para o terreno económico os prejuízos *maiorieiros* venerados no domínio político.

Mas, como as necessidades da luta podem mais que os sofismas democráticos, a lógica da vida leva-os á acção por vias novas e contrárias ás fórmulas políticas de que os saturaram. E não é preciso, para que isto se dê, que esses militantes tenham uma dose considerável de “consciência”; basta que os paralitem as fórmulas e as abstrações.

Viu-se mesmo, em circunstância grave, o político Basly render homenagem aos princípios sindicalistas, reclamando a sua aplicação. É claro que era pura astúcia o que ele tinha em vista, com esta manobra, o desprestígio das tendências revolucionárias. Era, em 1901, no Congresso dos mineiros realizado em Lens e onde se discutia a questão da Greve Geral corporativa. Para estorvar o movimento, Basly propôs que se recorresse a um *referendum* e, rompendo com as teorias democráticas, fez decidir que o número dos não votantes fosse acrescentado ao da maioria.

Teriam admirado muito esse político, que se crê astuto, explicando-lhe que em vez de ter usado um ardil (cujo resultado lhe foi contrário, acabava de agir como recolucionário e tinha-se inspirado nas teorias sindicalistas. Com efeito, nesta circunstancia, Basly desdenhou a opinião dos inconscientes e reconheceu que são zeros humanos que se juntam á direita das unidades conscientes – seres inertes cujas forças latentes só se movem ao impulso dos enérgicos e audazes. Este modo de ver é a negação das teorias democráticas que, proclamando a igualdade dos direitos para todos, ensinam que a soberania popular se desprende do sufrágio universal. Basly não o viu! Achando-se num meio económico, impregnou-se da sua atmosfera e esqueceu por um instante, as suas teorias políticas. Convém acrescentar que nunca o democratismo teve voga nos agrupamentos corporativos. Em face das necessidades sociais, os militantes dos sindicatos resolveram-nas segundo o bom-senso. A sua acção precedeu, pois, a formulação dos princípios do sindicalismo. Nunca os trabalhadores sindicados supuseram que lhes fosse necessário primeiro alistar a quasi unanimidade da corporação, depois, proceder a uma consulta em regra para, em seguida, conformar a sua acção á vontade da maioria. Agruparam-se no maior número possível e formularam as suas vontades, não tendo em conta os inconscientes.

Nada de mais normal! Devemos distinguir entre o direito teórico e abstrato que o democratismo faz brilhar a nossos olhos e o direito real e tangível, que é simplesmente a totalização dos nossos interesses e cuja proclamação tem por ponto de partida um acto de consciencia individual.

O direito que tem todo o indivíduo de se levantar contra a opressão e a exploração é imprescritível; fosse tal indivíduo só contra todos, e o seu direito de reivindicação e de revolta continuaria intangível. Se apraz á multidão curvar a espinha, lambe as botas dos senhores, que importa! O homem que aborrece essa baixez e que, não querendo sofrê-la, se ergue e revolta, - esse tem razão contra todos! O seu direito é luminoso, formal, incontestável, - e o direito das multidões agachadas é uma quantidade desprezível que não pôde ser-lhe oposta. Para estas, o direito só começará a tomar corpo e a ser respeitável no dia em que, cansadas de obedecer e trabalhar para os outros, pensarem em revoltar-se.

Portanto, sempre que se fórma um grupo onde se acham em contato homens conscientes, estes não devem ter em consideração a apatia da massa. É já bastante lamentável que os inconscientes recusem usar os

⁹ O Amigo do Povo. São Paulo. 17 set. 1904. Ano III, n.62.

seus direitos, sem ainda lhes reconhecer o estranho privilégio de estorvar a proclamação e a realização do direito dos concientes.

Muito naturalmente, - e sem que a teoria tenha sido elaborada á priori – foi inspirando-se nessas idéias directrizes que se constituíram, tem agido e continuam a agir os sindicatos.

Emilio Pouget

Bases de Acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas¹⁰

Fins

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe:

- 1° - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino;
- 2° - Manter nas mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da Humanidade;
- 3° - Trabalhar no sentido de instituir e educar as mulheres para assim elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar a sua emancipação;

Para este fim empregará os seguintes meios:

- a)- Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se;
 - b)- Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social;
 - c)- Organizar conferências, festivais instrutivos e recreativos, etc.;
- 4° - Combater todos os males sociais assim como as causas que os originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.

Orientação

- 5° - Este Centro não obedecerá a nenhuma seita religiosa nem tem tendências políticas. Orientar-se-á simplesmente pelos bons princípios dos ideais modernos, tendentes a regenerar e educar a Humanidade;
- 6° - A sua obra de educação não se limitará a desenvolver-se entre o elemento feminino. Ela se estenderá aos trabalhadores em geral, sempre que lhe for possível;
- 7° - Sendo todas as sócias consideradas absolutamente iguais entre si, o Centro não concederá a ninguém distinções honoríficas;
- 8° - Como o principal fim deste Centro é instruir as suas associadas, serão permitidas em seu seio discussões e trocas de idéias, quaisquer que sejam as tendências dos que usarem deste direito, sempre que não descambem para o terreno das questões pessoais e injúrias. Aceitará, pois, todas as propostas que lhe forem feitas, para a efetuação de conferências ou palestras, dando aos que as efetuarem a mais ampla liberdade de palavra, liberdade que se estenderá a qualquer pessoa que queira controverter a primeira;
- 9° - Como os fins deste Centro não tendem a separar os sexos e sim a fazer que melhor se compreendam e se respeitem, o que equivale a uni-los com laços mais sólidos que os existentes, embora não aceite como sócios a pessoas do sexo masculino, não recusará o concurso que este possa e queira prestar-lhe. Pelo contrário, deseja-o até ficando grato a quantos o ajudarem na obra que pretende realizar;

Comissão

- 10° - Não terá o Centro uma diretoria com poderes autoritários. Para as necessidades de representação e administração e para a execução dos acordos tomados, bastará uma comissão eleita por unanimidade, sem tempo

¹⁰ RODRIGUES, Edgar. *Livre Pensamento e Questão Social (Antologia)*. Rio de Janeiro: (cópia encadernação espiral), 1995, p. 12-14.

determinado de exercício, constituída por uma secretária, uma tesoureira e várias auxiliares em número indeterminado, conforme as necessidades do momento;

11° - Os trabalhos de propaganda e execução dos fins deste Centro, não recaem unicamente sobre a comissão. Todas as sócias deverão prestar o concurs que lhe for possível;

12° - Os membros da comissão não receberão salário algum. Apenas, se alguma sócia operária, pertença ou não à comissão, tiver de perder um ou mais dias de trabalho em serviço do Centro, este a restituirá no equivalente aos dias perdidos.

Admissão de Sócias

13° - Poderão fazer parte deste Centro todas as pessoas do sexo feminino que assim o desejarem, sem distinção de idade, nacionalidade ou condição social, bastando para isso, indicar à secretaria o nome e endereço;

14° - Poderá também ser sócia qualquer mulher que, embora possuindo idéias contrárias à orientação deste Centro, não pretenda dar a esta uma outra, gozando no entanto, de maior liberdade de expor os seus princípios ou tendências.

Administração

15° - Será confiada à tesoureira eleita pela assembléia;

16° - O Centro não constituirá fundos sociais. Em caixa só poderá haver quantias insignificantes, tendo em conta que, se quisermos desenvolver a nossa obra, teremos muito em que empregar o produto de mensalidades ou contribuições voluntárias;

17° As necessidades do momento indicarão a melhor forma de contribuição monetária;

Assembléias

18° - Todas as questões de importância deverão ser resolvidas em assembléia geral, salvo casos excepcionais;

19° - A Comissão poderá resolver os assuntos insignificantes ou de urgência.

Bases de Acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas¹¹

Fins

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe:

1° - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino;

2° - Manter nas mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da Humanidade;

3° - Trabalhar no sentido de instituir e educar as mulheres para assim elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar a sua emancipação;

Para este fim empregará os seguintes meios:

a)- Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se;

b)- Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social;

c)- Organizar conferências, festivais instrutivos e recreativos, etc.;

4° - Combater todos os males sociais assim como as causas que as originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.

Orientação

¹¹ RODRIGUES, Edgar. *Livre Pensamento e Questão Social (Antologia)*. Rio de Janeiro: (cópia encadernação espiral), 1995, p. 12-14.

5° - Este Centro não obedecerá a nenhuma seita religiosa nem tem tendências políticas. Orientar-se-á simplesmente pelos sãos princípios dos ideais modernos, tendentes a regenerar e educar a Humanidade;

6° - A sua obra de educação não se limitará a desenvolver-se entre o elemento feminino. Ela se estenderá aos trabalhadores em geral, sempre que lhe for possível;

7° - Sendo todas as sócias consideradas absolutamente iguais entre si, o Centro não concederá a ninguém distinções honoríficas;

8° - Como o principal fim deste Centro é instruir as suas associadas, serão permitidas em seu seio discussões e trocas de idéias, quaisquer que sejam as tendências dos que usarem deste direito, sempre que não descambem para o terreno das questões pessoais e injúrias. Aceitará, pois, todas as propostas que lhe forem feitas, para a efetuação de conferências ou palestras, dando aos que as efetuarem a mais ampla liberdade de palavra, liberdade que se estenderá a qualquer pessoa que queira controverter a primeira;

9° - Como os fins deste Centro não tendem a separar os sexos e sim a fazer que melhor se compreendam e se respeitem, o que equivale a uni-los com laços mais sólidos que os existentes, embora não aceite como sócios a pessoas do sexo masculino, não recusará o concurso que este possa e queira prestar-lhe. Pelo contrário, deseja-o até ficando grato a quantos o ajudarem na obra que pretende realizar;

Comissão

10° - Não terá o Centro uma diretoria com poderes autoritários. Para as necessidades de representação e administração e para a execução dos acordos tomados, bastará uma comissão eleita por unanimidade, sem tempo determinado de exercício, constituída por uma secretária, uma tesoureira e várias auxiliares em número indeterminado, conforme as necessidades do momento;

11° - Os trabalhos de propaganda e execução dos fins deste Centro, não recaem unicamente sobre a comissão. Todas as sócias deverão prestar o concurso que lhe for possível;

12° - Os membros da comissão não receberão salário algum. Apenas, se alguma sócia operária, pertença ou não à comissão, tiver de perder um ou mais dias de trabalho em serviço do Centro, este a restituirá no equivalente aos dias perdidos.

Admissão de Sócias

13° - Poderão fazer parte deste Centro todas as pessoas do sexo feminino que assim o desejarem, sem distinção de idade, nacionalidade ou condição social, bastando para isso, indicar à secretaria o nome e endereço;

14° - Poderá também ser sócia qualquer mulher que, embora possuindo idéias contrárias à orientação deste Centro, não pretenda dar a esta uma outra, gozando no entanto, de maior liberdade de expor os seus princípios ou tendências.

Administração

15° - Será confiada à tesoureira eleita pela assembléia;

16° - O Centro não constituirá fundos sociais. Em caixa só poderá haver quantias insignificantes, tendo em conta que, se quisermos desenvolver a nossa obra, teremos muito em que empregar o produto de mensalidades ou contribuições voluntárias;

17° As necessidades do momento indicarão a melhor forma de contribuição monetária;

Assembléias

18° - Todas as questões de importância deverão ser resolvidas em assembléia geral, salvo casos excepcionais;

19° - A Comissão poderá resolver os assuntos insignificantes ou de urgência.

Projeto de Bases de Acordo para Formação de Núcleos Libertários¹²

Declaração de Princípios

Considerando que a situação dos trabalhadores e dos camponeses na sociedade capitalista será sempre de miséria e exploração enquanto existir a burguesia e o Estado;

Considerando que nenhuma tutela estranha libertará os oprimidos da cidade e do campo dos parasitas que vivem do seu esforço nem dos burocratas e governantes que lhes impõem a sua vontade;

Considerando que todos os partidos políticos, sem exceção, não são outra coisa mais que engrenagens da máquina religiosa-capitalista e governamental que tritura os verdadeiros produtores da riqueza social usurpada pelos seus representantes;

Os companheiros de..... Reunidos no dia..... de..... resolvem:

Deixar constituído, por decisão unânime dos seus componentes, o grupo (ou núcleo) com o nome de.....

Este grupo se propõe a:

1º - Consagrar pela auto-educação e recíproca influência dos seus membros a mais firme e maior capacitação de todos e de cada um dos seus componentes.

2º - Trabalhar no sentido de que o nosso pequeno núcleo se converta em um centro de irradiação de uma intensa e perseverante propaganda tendente à elevação intelectual e moral dos trabalhadores e de todas as pessoas, sem distinção de sexo nem condição social, que se interessem por sua cultura, pela sua dignidade e pela emancipação de todos os oprimidos.

3º - Propiciar a luta espontânea e desinteressada de todos os espíritos livres contra o obscurantismo religioso, contra a exploração capitalista e contra a opressão governamental.

4º - Propagar incessantemente pela palavra, pela escrita e pela associação de vontade, na luta contra as instituições do Estado e contra as rapinas do capital, uma sociedade harmônica e solidária edificada pela livre inteligência dos produtores, uma vez destruídas as instituições burguesas e o Estado em qualquer das suas formas e com qualquer denominação.

O capitalismo está baseado numa injustiça histórica; a propriedade privada, o roubo, em proveito de uns poucos, da riqueza social. O Estado é cimentado numa monstruosidade secular; a dominação do homem pelo homem, a anulação da personalidade humana, o desconhecimento da vontade individual.

O Estado, qualquer que seja a sua forma e o seu nome é um conjunto de instituições violentas cuja missão é defender o capitalismo ou expropriar a este em benefício das castas governantes.

Em qualquer dos casos a condição dos povos será sempre idêntica: render o duplo tributo de obediência e de trabalho.

É por isso que nos declaramos inimigos de todo parasitismo, tanto no aspecto religioso como no aspecto econômico e social. Desconhecemos e declaramos como oportunismo politiquês toda e qualquer propaganda que, em nome da palavra “socialismo” e de “comunismo”, tenda a servir-se dos operários e camponeses como rebanho eleitoral. A nossa finalidade imediata é bem clara e precisa; lutar unidos com todas as boas vontades contra a injustiça social e procurar a superação incessante pela elevação dos sentimentos e conhecimentos de seus deveres e direitos em cada membro da sociedade.

¹² RODRIGUES, Edgar. *Livre Pensamento e Questão Social (Antologia)*. Rio de Janeiro: (cópia encadernação espiral), 1995, p. 161-162.

Fins

Tendo em vista a necessidade que há de articular a obra de propaganda libertária, este grupo se propõe:

a)- Promover, por todas as formas, a divulgação de jornais, livros e folhetos em geral.

b)- Para isso o grupo procurará reunir as pessoas que tenham afinidades ideológicas, promovendo e auxiliando a união de todos os elementos libertários em núcleos de afinidades, mantendo entre si os laços de solidariedade.

c)- Tomará iniciativas referentes à convocação de reuniões públicas e privadas, conferências e outros atos de propaganda, que procurará elevar as localidades vizinhas, auxiliando, quando necessário a organização de grupos afins em todas as partes onde possam atuar os seus componentes.

d)- Deverá quando possível, fundar uma biblioteca de estudos sociais, entrando em relações de grupos, centros operários, jornais, etc., no sentido de obter os meios necessários a esse fim.

e)- Deverá, sempre que possa, promover a organização dos trabalhadores em sindicatos de ofícios vários, e tomará parte direta nas organizações de outras tendências, quer sejam reformistas, sindicalistas ou beneficentes, procurando fazer com que as mesmas se orientem pelos métodos de ação direta na luta contra o Estado e o Capital.

Da Administração

O grupo será administrado por:

a)- Um secretário de correspondência, a quem cabe corresponder-se com os jornais e outros núcleos afins.

b)- Um tesoureiro, a quem cabe arrecadar e remeter ou pagar os jornais, impressos e outras despesas.

c)- Um bibliotecário a quem cabe auxiliar os primeiros e esforçar-se pela aquisição de livros, folhetos e jornais libertários, sociológicos e educativos.

Parágrafo Único – O grupo não se dissolverá enquanto existirem três membros que se disponham a mantê-lo com a mesma orientação.

Afirmção de principios do proletariado organizado do Brazil¹³

O 3º C. O. B., tendo em vista as condições particulares aos meios operários do Brazil, reafirma em suas linhas geraes as declarações feitas nos Congressos de 1906 e 1913; por outro lado, porem, examinando e ponderando a situação historica de facto em que se encontra o proletariado mundial neste momento, julga necessario estabelecer em termos precisos, um criterio fundamental, positivo e realista, pelo qual deverão orientar-se todas as organizações, todas as lutas, todos os esforços dos trabalhadores do Brazil.

1. Toda a vida dos nossos dias, em todo o mundo, gira em torno do choque de interesses entre as duas classes basicas da sociedade: a classe dos trabalhadores e a classe dos capitalistas. Estão de um lado os operarios, os productores, os opprimidos, os pobres; de outro lado estão os patrões, os parasitas, os oppressores, os ricos.
2. A classe dos trabalhadores e a classe que produz effectivamente e directamente todas as riquezas sociaes e é, no entanto, a classe pobre: a classe dos capitalistas nada produz directamente, nem effectivamente, e, no entanto, é a classe rica.

Há neste facto concreto uma injustiça concreta, que a consciencia das massas proletarias de hoje não pôde mais supportar. D'ahi, o choque de interesses que se transforma numa luta contra a injustiça, numa luta pela justiça.

3. Essa é a característica historica dos conflictos sociaes do nosso tempo, revolta da consciencia proletaria contra a injustiça do regimen capitalista.
4. Da consciencia desperta e revoltada nasce o desejo de acção; do desejo de acção nasce o emprego da força; do emprego da força nasce a necessidade da organização. A organização, unindo forças dispersas, aumenta a força de cada um e augmenta a força de todos. Desorganizados, os trabalhadores nada podem: organizados, podem tudo.

¹³ Boletim da Comissão Executiva do 3º C.O.B., anno I, agosto/1920, p.24.

5. Ficam, pois, firmados os principios e as finalidades fundamentaes da organização operaria: revolta contra a injustiça, luta contra o regimen de desigualdade entre os homens; acção pela justiça, luta por um regimen de igualdade entre os homens.
6. Em syntese: a organização operaria, constituida sob um principio de justiça, tem por fim estabelecer uma sociedade em que todo o producto do trabalho util de todos seja de facto propriedade de todos os trabalhadores.

Anexo 3

BALANCETES**“Munições para a “Guerra Social”**

(...)
Total das entradas.....458\$780

Despesas dos ns. 8 e 9

Impressão dos 2 numeros.....246\$000
500 circulares para excursão ao Interior.....15\$000
Sellos.....16\$900
Carretos.....4\$800
Postaes.....2\$300
Bonde.....2\$200
Barbante.....700
Talões do Grupo.....8\$000
Papel Carbono.....1\$000
2 carimbos (do grupo e do jornal).....7\$000
Papel e envelopes.....1\$500
Para as despesas da excursão no Interior.....12\$000
Livro para correspondencia.....1\$000
Aluguel da séde (Novembro e Dezembro).....52\$000

370\$400

Resumo

Entradas.....458\$780
Saídas.....370\$400

Saldo.....88\$340

Donativos extraordinarios

Para a excursão no Interior:
Edgard Leuenrot e José Romero, 51\$000
Para a revisão de 3 numeros:
Edgard Leuenroth e José Romero, 15\$000”¹

“Para tapar a brecha aberta nos nossos fundos pelos inimigos da ordem, iniciamos neste número uma

Subscrição

A. Cerchiai	1\$500
Gallo Garnisé	1\$000
T. Boni	2\$000
Colombo	1\$000
Salino	\$000
A. Sandri	2\$000
Torti	2\$000
Grupo Pensieroo e Azione	10\$000
Piccolo	\$500

Total ... 20\$500”²

¹ **A Guerra Social**. Rio de Janeiro. 14 ago. 1912, ano II n.23, p.2.

² **O Amigo do Povo**. São Paulo. 16 agos. 1902, n°10.

“Sottoscrízione vol ontaria

Se è veramente sentito nei compagni il bisogno di avere in questo momento un organo proprio essi sanno quello che denon fare: aiutarci.

Non è il caso ora di parlare di riscossioni d’abbonamenti; sono i volenterosi che devono assisterci con la loro offerta spontanea.

Secondo le sue forze, secondo la sua possibilitá, dia ciascuno il suo obolo.

Promesse ed incoraggiamenti, no che non sono moneta corrente per pagare i tipografi.

“Subscrição voluntária

Se é verdadeiramente sentido pelos companheiros a necessidade de haver neste momento um órgão próprio isso é o que devem fazer: ajudar-se.

Não é o caso agora de falar de abonoamento; somente queremos que nos ajudem espontaneamente.

Segundo sua força, segundo sua possibilidade, (...).

Promessas e encorajamento, desde que não sejam moeda corrente para pagar a tipografia.” (tradução livre da autora)

	Riporio.....	1:C48\$600
Baurú		
E. Volpini 5\$; Zani 2\$ E. Vannuccini	Totale.....	12\$000
Sorocaba		
OI. Catelli 5\$; A. Del Cistia 5\$; V. De Caria 5\$; A. Chiarello 5\$000.	Totale.....	20\$000
Votorutim		
G. Righi	Totale.....	5\$000
Santos		
D. Bava	Totale.....	5\$000
E. Amazonas		
De Nicola F.	Totale.....	5\$000
Guaxupé		
OI. Ghini	Totale.....	5\$000
Lapa		
Grupo “Sem Patria”	Totale.....	20\$000
S. Paolo		
Julio Bin 2\$; Gastaldetti 2\$; Aimorè pe A. Compagnoli 4\$000; Copie vendute 4\$200; Sans Duro 5\$	Totale.....	17\$200
Cravinhos		
P. Ferrari 20\$; Carlo Bonora 10\$000	Totale.....	30\$000
Taguaritinga		
Cavinato Lodovico 10\$; Pinzelli Domenico 10\$	Totale.....	20\$000
	Totale.....	1:187\$800”³

³ *Sottoscrízione vol ontaria. La Propaganda Libertaria* São Paulo. 31 dez. 1914. Ano II. n.21, p.4.

“Munições para ‘a Terra Livre’
SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Enviado por Magrassi (Rio): 1 Alacid, 1 Môta, 2. Marciel Gonzalez, 2.500 Sarmiento, 1.....	6\$500
Lista de Colli (Palmeira): J. Lottici, 1. Z. Agottani, 500. C. Carzino, 1. P. Colli, 1. C. Mezzadri, 500. I. Bormanzio. 500, R. Ganassoli, 1. A. Artusi 1. S. Minardi, i Um servente de pedreiro, 300, Menos 850 para o correio.....	6\$950
Lista de J. Reina (Ipiranga): J. Reina, C. Giovanetti, A. Lara, O. Constante, 1cada um; C. Garriga, 1.200, A. Felipe, 500, F. Fagundes, 500 – menos 700 para o correio.....	6\$500
Lista Brisoni Juquery: Brisoni, 1.500. M. Lombardi 1.600. T. D. Amico, 500 M. Domenico, 1, E. Zanline, 1.....	5\$600
Lista de G. Bellon (S. Rita): J. H. Miotto, 2 W, la Francia, D. Cavalli, V. Gigli, F. Antonioli, V. Fener, A. Gusella, Todos somos, B. M. D. Lot. 500 cada um: G. Bellon, 1, F. Tarabella, 1.....	8\$500
Enviado por Oreste Ristori de Jahui: O. R. 5. A. Batista, J. Marchesan, B. Castelli, A. Moyano, N. Tomei 1, Veronesi, A Ghiselli 2 cada um. Giov. Stevanato, 5, V. di Tonia, 5. S. Santini, 1. I. Mazzotti, 1.....	31\$000
Lista de Telles: Carmo, 1 Telles, 1.....	2\$000
De Itapetininga: J. Kortz, 4 Garel Li, 4.....	8\$000
De V. Mariana: L Mascolo.....	2\$000
De Campinas: J. B. Torres 2. Avulsos, 1.800, Lista J. Dias: J. D. Correia, J. d’Oliveira, F. A. Marques, F. Navarro, 1 cada um; Seb. Martins, A. Lechavaes, A. Baptista. J. D. Marques, 500 cada m, V. Garcia, 2.....	11\$800
Lista da Redacção: Baptista, 1, V. J. S. 500. F. A. Costa, 1.300, Raimondi, 2 Cordeiro, 3.500, M. T. Pinto, 2, Barbosa, 10\$. A. Rebello, 400. J. Caviechioli, 2.....	22\$700
Total.....	112\$550
SAÍDAS	
Tipografia.....	55\$000
Imp. e papel.....	30\$000
Correio.....	13\$350
Carroça.....	4\$000
Deficit anterior.....	73\$000
Somma.....	175\$350
Entradas.....	112\$550
Deficit.....	62\$200” ⁴

⁴ Munições para ‘A Terra Livre’. **A Terra Livre**. São Paulo. n.42, 27 jul. 1907.